



**Sandra Filipa
da Costa Granja**

**Pedagogia escutista
como complemento à educação escolar**





**Sandra Filipa
da Costa Granja**

**Pedagogia escutista
como complemento à educação escolar**

dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação na área de especialização de Formação Pessoal e Social, realizada sob a orientação científica do Dr. Carlos Meireles Coelho, professor associado do Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Aveiro



o júri

presidente

Prof. Dr. Luís de Jesus Ventura de Pinho
professor associado da Universidade de Aveiro

Prof. Dr. Carlos Alberto Pereira de Meireles Coelho
professor associado da Universidade de Aveiro

Prof. Dr. José Augusto Branco Palhares
professor auxiliar da Universidade do Minho

Prof. Dr. Ernesto Candeias Martins
professor adjunto da Escola Superior de Educação de Castelo Branco

à memória de Baden-Powell, fundador do escutismo.

aos jovens de todo o mundo,
sobretudo àqueles que aprenderam a ser cidadãos do mundo pelo escutismo.

à minha família.

agradecimentos

A todos os escuteiros, meus irmãos, com quem aprendi a ser mais livre.

À minha família pelo auxílio fornecido directa ou indirectamente ao longo desta caminhada.

Ao meu orientador Professor Carlos Meireles Coelho por todo o apoio e dedicação na realização deste trabalho.

palavras-chave

Escola Nova, escutismo, pedagogia escutista, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser, aprender a aprender

resumo

O relatório Delors para a UNESCO considera que, além do tradicional *aprender a conhecer*, a educação deve contribuir também para o *desenvolvimento integral das crianças e jovens* durante o seu percurso escolar através daquilo que designa por mais três pilares: *aprender a fazer*, *aprender a viver juntos* e *aprender a ser*. Efectivamente estas três dimensões da educação têm sido secundarizadas na acção educativa, embora sobretudo no movimento da *Escola Nova* se tenha alargado a educação a estas dimensões. No entanto a escola tem tido muita dificuldade em sair do transmitir conhecimentos. O *escutismo* nasceu no auge das utopias da *Escola Nova* e a *pedagogia escutista* perdurou até hoje, tendo-se desenvolvido ao longo de um século tornando-se o mais difundido e o maior movimento educativo extra-escolar de crianças e jovens em todo o mundo em mais de 200 países. Pretende-se analisar a pedagogia escutista na óptica da «educação um tesouro a descobrir», como se diz no Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI.

Keys-words

New education, scouting, scout pedagogy, learning to do, learning to live together, learning to be, learning to learn

abstract

The Delors report to the UNESCO considers that, beyond the traditional learning to know, the education should too contribute to the *children and youths integral development* during their scholar course through what is designated by more three pillars: *learning to do, learning to live together and learning to be*. In fact these three education dimensions have been secondary in the educational action, although mainly in the *New Education* movement it has been spread the education into these dimensions.

However school had much difficulty on getting out of the knowledge transmit. The *Scouting* was born on the peak of the utopies of the New Education and the *scout pedagogy* was remaining till today, and it has been developed along of one century becoming the most spread and greater extra-scholar educational movement of children and youths in all over the world in more than 200 countries.

It attempts to analyse the scout pedagogy on the optics of the "Learning: the treasure within - Report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-first Century".

1907 (de 15 de Julho a 9 de Agosto): *Robert Stephenson Smyth Baden-Powell*, lord *Baden-Powell* de Gilwell (1857-1941) promove, na ilha de Brownsea, o primeiro acampamento de escuteiros com vinte rapazes, organizados em quatro patrulhas (Corvo, Maçarico, Touro e Lobo), o que pode ser considerado o princípio do escutismo, difundido mundialmente pelo **Scouting for Boys**, 1908 / *Manual do escuteiro* / **Escutismo para rapazes**, que com cerca de 25 milhões de escuteiros em 216 países e territórios no final do séc. XX será o **maior movimento mundial de educação da juventude**.



ÚLTIMA MENSAGEM DO CHEFE (encontrada entre os seus papéis, anexa ao *Escutismo para Rapazes*) • *Caros escuteiros*: • Se já vistes a peça *Peter Pan*, haveis de recordar-vos de como o chefe dos piratas estava sempre a fazer o seu discurso de despedida, porque receava que, quando lhe chegasse a hora de morrer, talvez não tivesse tempo para o fazer. Acontece-me coisa muito parecida e por isso, embora não esteja precisamente a morrer, morrerei qualquer dia e quero mandar-vos uma palavra de despedida. • Lembrai-vos de que é a última palavra que vos dirijo, portanto meditai-a. • Passei uma vida felicíssima e desejo que cada um de vós seja igualmente feliz. • Creio que Deus nos colocou neste mundo encantador para sermos felizes e apreciarmos a vida. A felicidade não vem da riqueza, nem simplesmente do êxito de uma carreira, nem dos prazeres. Um passo para a felicidade é serdes saudáveis e fortes enquanto sois rapazes, para poderdes ser úteis e gozar a vida quando fordes homens. • O estudo da natureza mostrar-vos-á as coisas belas e maravilhosas de que Deus encheu o mundo para vosso deleite. Contentai-vos com o que tendes e tirai dele o maior proveito que puderdes. Vede sempre o lado melhor das coisas e não o pior. • Mas o melhor meio para alcançar a felicidade é contribuir para a felicidade dos outros. Procurai deixar o mundo um pouco melhor do que o encontrastes e, quando vos chegar a vez de morrer, podeis morrer felizes sentindo que ao menos não desperdiçastes o tempo e fizestes todo o possível por praticar o bem. Estai preparados desta maneira para viver e morrer felizes — apegai-vos sempre à vossa promessa escutista — mesmo depois de já não serdes rapazes, e Deus vos ajude a proceder assim. • O Vosso Amigo,

Baden Powell of Gilwell

(Powell, 1908:303)

Índice

| | |
|---|------------|
| Introdução..... | 17 |
| 1. Escola Nova, escutismo e pedagogia escutista | 23 |
| 1.1. A Escola Nova e o escutismo | 25 |
| 1.2. Associação dos Escoteiros de Portugal (A.E.P.) | 38 |
| 1.3. União dos Adueros de Portugal (U.A.P.)..... | 40 |
| 1.4. Corpo Nacional de Escutas (C.N.E.) – Escutismo Católico Português..... | 41 |
| 1.5. Associação Guias de Portugal (A.G.P.)..... | 48 |
| 2. O aprender a viver com os outros na pedagogia escutista..... | 53 |
| 2.1. O “eu” e os “outros” | 53 |
| 2.2. Aprender a conviver dentro do escutismo..... | 55 |
| 3. O aprender a fazer na pedagogia escutista | 61 |
| 3.1. Um dos pilares da educação: aprender a fazer | 61 |
| 3.2. Aprender a fazer dentro do escutismo | 63 |
| 4. O aprender a ser na pedagogia escutista | 69 |
| 4.1. A importância de se aprender a ser | 69 |
| 4.2. O pilar do aprender a ser no escutismo | 70 |
| 5. A cidadania na pedagogia escutista..... | 79 |
| 5.1. Cidadania | 79 |
| 5.2. Educar para a cidadania pelo escutismo | 83 |
| 6. A educação ambiental na pedagogia escutista | 87 |
| 6.1. Educação Ambiental | 87 |
| 6.2. Importância do ambiente no escutismo | 90 |
| 7. O papel do educador na pedagogia escutista | 95 |
| 7.1. Educador/Professor | 95 |
| 7.2. Educador/Dirigente | 97 |
| Conclusão: um desafio | 103 |
| Bibliografia..... | 109 |

Abreviaturas usadas ao longo do texto:

A.E.P. – Associação dos Escoteiros de Portugal

A.G.P. – Associação Guias de Portugal

B.P. – Baden-Powell

B.A. – Boa Acção

C.N.E. – Corpo Nacional de Escutas

C.N.S. – Corpo Nacional de Scouts

C.S.C.P. – Corpo de Scouts Católicos Portugueses

F.E.P. – Federação Escutista de Portugal

U.A.P. – União dos Adueros de Portugal

Introdução

O Relatório Delors para a UNESCO considera que, além do tradicional *aprender a conhecer*, a educação deve contribuir também para o *desenvolvimento integral das crianças e jovens* durante o seu percurso escolar através daquilo que designa por mais três pilares: *aprender a fazer*, *aprender a viver juntos* e *aprender a ser*. Efectivamente estas três dimensões da educação têm sido secundarizadas na acção educativa, embora sobretudo no movimento da *Escola Nova* ou *Educação Nova* se tenha alargado a educação a estas dimensões. No entanto a escola tem tido muita dificuldade em ir além da transmissão dos conhecimentos. O *escutismo* nasceu no auge das utopias da *Escola Nova* / *Educação Nova* e a *pedagogia escutista* perdurou até hoje, tendo-se desenvolvido ao longo de um século tornando-se o mais difundido e maior movimento educativo extra-escolar de crianças e jovens em todo o mundo em mais de 200 países. Pretende-se analisar a pedagogia escutista de hoje e a sua eventual contribuição para a educação como «um tesouro a descobrir», no dizer do Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (Delors, 1996: 77-88).

E, concretamente, pretende-se: analisar a matriz pedagógica do escutismo que surgiu no contexto da *Escola nova* ou *Educação Nova* há precisamente um século; seguir a evolução dos diferentes movimentos escutistas para encontrar a *alma mater* da pedagogia escutista no contexto matricial e no contexto de cada época; comparar a pedagogia escutista com os três pilares da educação: *aprender a fazer*, *aprender a viver juntos* e *aprender a ser*; explicitar os valores da pedagogia escutista em relação à(s) cidadania(s) e particularmente à cidadania ambiental; avaliar o papel do educador na pedagogia escutista; se possível, conhecer representações sociais sobre a pedagogia escutista. Com estes objectivos procura-se conhecer *como* é que o escutismo, ao longo de um século, desenvolveu, fora da escola, os três pilares apontados como estruturais para a educação do século XXI (*aprender a fazer*, *aprender a viver juntos* e *aprender a ser*) e *como* é que esta experiência de educação extra-escolar pode contribuir para o desenvolvimento pessoal e social dos alunos em contexto escolar, como preconiza o Relatório Delors (Delors, 1996: 77-88).

O Relatório Delors considera que a educação integral das crianças e jovens deve assentar basicamente em quatro pilares estruturais. “Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares

res do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as actividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes” (Delors, 1996: 77). Contudo, nem sempre este conjunto de pilares está presente na escola, verificando-se que o nosso ensino ainda assenta (sobretudo) num único pilar: aprender a conhecer. É necessário cada vez mais apostar nos outros três pilares. *Aprender a fazer* para que as crianças e jovens possam estabelecer uma relação com o meio onde estão inseridos, tenham a possibilidade de interagir e descobrir o mundo que os rodeia, através do contacto directo com tudo o que este lhes oferece, realizando experiências, contactando com as artes e ofícios, a cultura, o desporto e desenvolvendo trabalhos práticos que lhes permitam descobrir o seu futuro. Através do pilar *aprender a viver juntos*, deve ser dada a oportunidade às crianças e jovens de conviverem e interagirem entre eles tendo sempre como base o respeito, a tolerância e a solidariedade. Permitindo-lhes, desta forma, desenvolverem o sentido de grupo, na procura da integração do “eu” no colectivo, potenciando, assim, o espírito de equipa na concretização de actividades e preparando-os para a integração na sociedade “A educação tem por missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta” (Delors, 1996: 84). *Aprender a ser* é fundamental para que as gerações mais jovens desenvolvam a sua autonomia e responsabilidade, expressem os seus sentimentos, desejos e sonhos, aprendam a conhecerem-se e a conhecer o outro e a respeitarem-se, descobrindo o seu valor no seio da família e da sociedade; a síntese do conhecimento e das relações com o mundo, com os outros e consigo próprio.

Sendo a educação um meio privilegiado para desenvolver nas gerações mais jovens, não só estes pilares mas também valores de cidadania, é necessário que a escola seja livre e democrática, aberta à descoberta, à experiência e à interacção com o meio. É importante, também, motivar para a educação ambiental na escola, estimulando a vontade de agir em prol do ambiente para que seja uma decisão pessoal e consciente das crianças e jovens. Para isso, é necessário proporcionar contextos e oportunidades e alargar meios e espaços, para que descubram o tesouro que está escondido no meio de nós (Delors, 1996: 30), e não só adquira juízos éticos adequados a si, aos outros e ao meio mas também se habitue a comprometer-se em tais situações. (Unesco, 1978 in Meireles-Coelho, 2005b: 116-122).

O movimento da Escola Nova apontava para uma educação de dentro para fora e não de fora para dentro; privilegiava a descoberta e o compromisso pessoal e social (educação) e não a mera transmissão de conhecimentos (instrução). “O nosso método de formação é mais educar de dentro, do que instruir de fora; proporcionar ao rapazinho jogos e actividades que, atraindo-o, lhe darão uma séria educação moral, mental e física” (Powell, 2003b: 161). A finalidade do escutismo criado por Baden-Powell passa pelo desenvolvimento integral do indivíduo tendo por base quatro áreas educativas: carácter, saúde-e-vigor, habilidade manual, serviço aos outros (Powell, 2003a).

Este movimento centra-se nos interesses das crianças e jovens. Procura desenvolvê-los a todos os níveis para que sejam cidadãos activos, respeitem o próximo e a si mesmos, tendo uma vida saudável, aprendam a respeitar a natureza e a fazer parte dela sem a destruir, aprendam fazendo e desempenhem um papel útil na sociedade, sendo solidários, pensando sempre primeiro no próximo e procurando deixar o mundo um pouco melhor. Segundo Frederico Mayor, Director-Geral da UNESCO, o movimento escutista “constitui uma das maiores redes multiculturais e multiconfessionais para a educação e para a acção dos jovens no desenvolvimento de uma cultura da paz, da tolerância e da solidariedade” (Palhares, 2007).

Através da vida ao ar livre (acampamentos, *raids* e outras actividades) as crianças e os jovens têm a possibilidade de aprender, convivendo com a natureza e vivendo em grupo, sempre com responsabilidade e autonomia. Cada um sabe o papel que deve desempenhar em prol do grupo. “O Sistema de Patrulhas leva cada jovem a ver, que detêm uma parte das responsabilidades para o bem da sua Patrulha. Leva cada Patrulha a ver que tem uma certa responsabilidade para o bem do seu Grupo. (...) Graças a este sistema, os jovens descobrem progressivamente que têm voz activa e voto, em tudo o que o Grupo faz. É o Sistema de Patrulhas que “faz” do Grupo, e por conseguinte de todo o Escutismo, um verdadeiro esforço de cooperação” (Powell, 2003a:16), como diz Delors, um “aprender a viver com os outros”.

O escutismo incentiva o jovem a educar-se a si próprio, a valorizar-se enquanto ser humano, a questionar-se e a tornar-se uma pessoa autónoma e responsável, ajuda-o a aprender a ser. O jovem desenvolve o seu espírito crítico, pensa por si próprio, estabelece juízos de valor. Para isso são-lhe proporcionadas oportunidades como aventuras, onde errar faz parte do seu crescimento. “Todo o Escuteiro tem de começar como Pata-Terra e cometer alguns erros no princípio. Como disse Napoleão, «Um homem que nunca fez erros nunca fez nada»”(Baden-Powell in Sica, 1986: 27).

Sessenta anos mais tarde, um grupo de peritos da UNESCO viria a dizer o mesmo: “ (15) Para se ter uma boa conduta, não basta saber o que se deve fazer; é necessário também que a pessoa moral esteja firmemente resolvida a dar prova do sentido das suas responsabilidades, optando, tanto quanto ela possa julgar, pelo que é o melhor. Numa palavra, julgamento moral e compromisso moral são indissociáveis no comportamento moral... (37) ...é preciso que os métodos de formação ponham os alunos diante de escolhas reais e lhes ofereçam possibilidades de experimentar soluções para tentar resolver situações que põem problemas. O direito a errar devia ser reconhecido e a pluralidade de opções aceite. (38) Por outro lado, um método que favoreça as escolhas individuais não terá de estar absolutamente isento de qualquer carácter directivo.” (UNESCO, 1978, in Meireles-Coelho, 2005b: 118-119)

No movimento escutista os jovens crescem no seio da patrulha, respeitando a Lei do Escuta, defendendo a vida na natureza, procurando ser útil e amigo de todos, tornando-se o construtor do seu próprio caminho a partir de pequenas coisas do dia-a-dia. Segundo Baden-Powell “A finalidade da formação escutista é melhorar o nível dos nossos futuros cidadãos, especialmente no que diz respeito a carácter e saúde; substituir o egoísmo pelo serviço, tornar os jovens individualmente capazes, moral e fisicamente, com o fim de aproveitar essa capacidade para servir os seus semelhantes” (Powell, 2003a: 33). Neste movimento o jovem escuteiro aprende a ser mais fraterno, a ser livre, respeitando a liberdade dos outros, respeitando a diferença, procurando ser um “mensageiro” da paz e do bem-estar comum. “Os Estados membros da Unesco aprovaram diversas resoluções que contêm a afirmação de certos princípios morais referentes à liberdade, à justiça social, à igualdade de oportunidades, à paz, ao respeito da dignidade da pessoa humana e dos direitos humanos, à melhoria da qualidade de vida e das condições económicas de base e ao desarmamento” (UNESCO in Meireles-Coelho, 2005b: 252). Poder-se-á dizer que o movimento escutista pretende desenvolver uma cultura de valores, também eles, defendidos pela UNESCO.

A habilidade manual, um dos ramos da formação escutista, assemelha-se com o “aprender a fazer” defendido por Delors como sendo um dos pilares da educação. Este pilar encontra no escutismo o seu “apogeu”, na medida em que este movimento baseia-se no conceito do “aprender fazendo”, da aprendizagem activa e dinâmica, da realização de diferentes cargos, na prática de determinadas tarefas “Dá-lhes um bom começo em preparação técnica por meio de distintivos de capacidade, em vários tipos de ocupações amadoras e trabalhos manuais, além dos genuínos distintivos escutistas de primeira e segunda classes, a atestarem a sua capacidade em natação, pioneirismo, culinária, carpintaria,

conhecimentos da Natureza e outros pontos de virilidade e aptidão manual. A finalidade de lhes oferecermos tantas insígnias, em nível elementar, é a de atrair os jovens de todos os tipos a experimentarem várias espécies de trabalho (...)" (Powell, 2003a: 37).

O escutismo poderá ser uma fonte de aprendizagem individual e colectiva, sendo expressa a vontade de viver com a natureza, a ânsia pela aventura e a sede de um mundo melhor. "O Escutismo é um jogo alegre ao ar livre, onde homens-rapazes e jovens podem, em conjunto, entregar-se à aventura como irmãos mais velhos e mais novos, colhendo saúde e felicidade, habilidade manual e espírito de auxiliar o próximo" (Powell, 2003a: 35)

De forma a poder-se analisar a pedagogia escutista como complemento à educação escolar será usado um método comparativo entre a pedagogia escutista e os pilares da educação apresentados no Relatório Delors para a UNESCO, nomeadamente os pilares do aprender a fazer, do aprender a viver juntos e do aprender a ser.

Finalmente o problema do educador e do educando e da relação entre ambos. Na escola tradicional o educador/professor/docente é o que sabe e pretende ensinar ao educando/aluno esses conhecimentos. No escutismo o centro da educação é o próprio escuta; é o escuta que deve encontrar o seu próprio caminho e a sua felicidade com os outros numa natureza que deve ficar melhor depois da passagem do escuteiro. A obediência ao chefe, aos dirigentes, como aos pais, não é cega, mas comprometedora e responsabilizante; não se cumpre uma ordem porque o chefe mandou, mas porque se tem confiança na orientação do mais velho, que antes de mais é um amigo, que, por vezes, explica o porquê da orientação que deu, outras vezes, limita-se a testar o seu grau de confiança. No escutismo o dirigente desempenha um papel fundamental na educação integral das crianças e jovens, na medida em que pode proporcionar momentos de descoberta onde cada escuteiro é autor do seu próprio desenvolvimento. É um companheiro mais experiente que fornece pistas e apoios, procurando estar atento e responder às necessidades de cada um e estabelecendo uma relação de respeito e confiança. Isto é, permitir que a aprendizagem seja uma aventura deliciosa e eficaz, contribuindo para que as crianças e jovens aprendam a conhecer-se, a relacionar-se com os outros e a preparar a sua integração na sociedade. "Porque o verdadeiro Mestre é o maior dos discípulos. Tudo à sua volta lhe serve de lição. Tudo à sua volta tem uma mensagem para lhe transmitir, encontrando em todas as coisas um ensinamento. Mesmo nas pequenas coisas que passam despercebidas à maioria" (Flórido, 2006: 42).

Poderá considerar-se o escutismo como uma concretização dos ideais da Escola Nova? Numa sociedade cada vez mais individualista, será o escutismo uma forma de incentivar o convívio, a amizade e o serviço aos outros? Será o escutismo o melhor método para se «aprender a fazer»? Qual a contribuição do escutismo para a descoberta e construção do «eu»? Será o escutismo uma escola para a cidadania? Poderá ser a pedagogia escutista uma forma de descoberta da importância do ambiente e da sua recuperação? Que é educar? Como pode a educação escolar desenvolver os pilares propostos no Relatório Delors: «aprender a fazer», «aprender a viver com os outros», «aprender a ser (a tornar-se ao longo da vida)»? Poderão as actividades escutistas ser um «complemento à educação escolar e preencher certas lacunas inevitáveis no currículo escolar»?

1. Escola Nova, escutismo e pedagogia escutista

O movimento da Escola Nova / Educação Nova, fonte e contextualização do escutismo surgiu para mudar a educação tradicional e promover a aprendizagem activa, através da experiência, do contacto com a natureza, da valorização dos trabalhos manuais, centrando-se no aluno e não no professor. Muitos dos ideais da Escola Nova foram adoptados por Baden-Powell que os colocou em prática no escutismo, prevalecendo após cem anos e acompanhando a evolução dos tempos. “O seu *esquema* possuía grandes afinidades com os princípios da Educação Nova e pedagogias activas propugnados por Claparède, Freinet e Maria Montessori. Num ambiente social propício ao desenvolvimento de métodos educativos de promoção da saúde física, cívica e moral, Baden-Powell concebeu inicialmente o escutismo como um jogo de *self-government* para rapazes adolescentes” (Vicente, 2004: 31-32).

Baden-Powell, fundador do escutismo, deparou-se em Mafeking, entre 13 de Outubro 1899 e 18 de Maio de 1900, com uma realidade que viria a tornar-se uma semente do escutismo. Enquanto exercia serviço militar nesta cidade foi confrontado com um ataque de forças inimigas, tendo falta de soldados em Mafeking (Powell, 1908: 298). Deparado com este problema procurou encontrar uma alternativa à situação que lhe foi apresentada, organizando um grupo de jovens da cidade para realizarem diferentes tarefas (cozinha, primeiros socorros, comunicações...) e treinou jovens cadetes. Foi graças a esta iniciativa que conseguiram resistir ao cerco até à chegada de reforços. Ao observar o empenhamento e responsabilidade dos rapazes na realização das suas tarefas levou para Inglaterra uma boa impressão das qualidades dos jovens, da sua coragem e dedicação (31/01/2006, www.cne-escutismo.pt). Após o regresso ao seu país, em 1901, como herói, B.P. encontrou nos jovens ingleses uma falta de vivacidade, de luta por ideais, de iniciativas próprias; tornando-se assim uma preocupação para este militar que pretendia dar-lhes um rumo (Loureiro, s/d: 16). Neste sentido, aproveitando a sua experiência na Índia e na África e após ter observado o interesse dos rapazes e as brincadeiras que tentavam imitar de um livro *Aids to Scouting* (Ajudas à Exploração Militar, 1899) que escrevera para o exército, foi alinhavando o seu método educativo que iria ser posto em prática, mais tarde, com a fundação do escutismo (Powell, 1908: 298).

Em Julho de 1907, B. P. decidiu realizar um acampamento na ilha de Brownsea, de forma a testar o seu método baseado na sua experiência e no que mais alicia os jovens – o jogo

ao ar livre, a vida na natureza. Neste acampamento, colocou em prática o Sistema de Patrulhas (“lobos”, “touros”, “maçaricos” e “corvos”, identificados com fitas de cores diferentes), e em que os jovens de cada patrulha tinham como guia um elemento do seu grupo. Os escutas experimentaram umas férias diferentes que os apelavam à descoberta e aventura. Após esta experiência positiva, B. P. publicou em 1908 o *Escutismo para Rapazes* que “(...) tem, à primeira leitura, decepcionado muitos educadores. Mas o livro não se dirigia a eles! Os rapazes, os verdadeiros leitores, tomaram-lhe o gosto. (...) Aí (o rapaz) encontrava um manual para se desembaraçar nos bosques, para reviver essa vida primitiva cuja recordação permanece sempre no fundo do ser humano” (Bastin, 1980: 194). A aceitação dos jovens foi de tal forma favorável que em 1909 surgiu o primeiro encontro com onze mil jovens exploradores em Londres; em 1913 teve de criar os Lobitos para acolher as crianças dos 8 aos 13 anos (Bastin, 1980). Este “mundo novo” que Baden-Powell fundou foi alargado, também, às raparigas, criando uma versão feminina – as guias (Vicente, 2004). Depressa este movimento se espalhou por todo o mundo.

Em Macau (Portugal) o escutismo surgiu em 1911, tendo sido o seu impulsionador Álvaro de Melo Machado, oficial da marinha e Governador português de Macau a partir de Dezembro de 1910 com a ajuda do seu professor de inglês Mr. Nightingale, de Miss Campbell e de Ernesto Torre do Vale. As primeiras patrulhas escutistas formadas e agrupadas ao Corpo de Voluntários de Macau acabaram por desaparecer aquando da partida de Melo Machado, após ter deixado o cargo de Governador em Julho de 1912. Contudo, em 1914 voltaram a surgir lá actividades escutistas através de dois grupos de *boy scouts* chefiados por dois professores de educação física Artur António Tristão Borges e Artur da Silva Basto (Vicente, 2004).

Após ter chegado à Metrópole portuguesa em 1912, Melo Machado fundou em Lisboa um grupo de *boy scouts*; existia já um grupo de *escoteiros* na Associação Cristã da Mocidade dirigida por Roberto Moreton; posteriormente surgiu um terceiro grupo de *boy scouts* fundado por António Sá Oliveira. “A necessidade de uma união de esforços terá originado a constituição de uma federação das agremiações originais, por forma a construir uma expressão concertada do escutismo, credível e apelativa aos olhos do público e das autoridades políticas portuguesas, bem como do movimento internacional” (Vicente, 2004: 39). Estes três grupos fundiram-se em 1913 criando a Associação dos Escoteiros de Portugal (A.E.P.). Actualmente, existem no nosso país a A.E.P. (associação aberta a todas as confissões religiosas e posições políticas), o Corpo Nacional de Escutas (C.N.E.) – Escutismo Católico Português (inspirado na Igreja Católica) e a Associação de Guias de Portugal (A.G.P.) de características idênticas à A.E.P., só que dirigido exclusivamente a raparigas.

A A.G.P. pretence à *World Association of Girl Guides and Girl Scouts* (WAGGGS). A A.E.P. e o C.N.E. fazem parte da Federação Escutista de Portugal, criada em 1928 e ambos são reconhecidos oficialmente pela Organização Mundial do Movimento Escutista. Na opinião de Vicente, o escutismo em Portugal “(...) desenvolveu-se em três tempos: o de implantação, entre 1911 e 1942; o de enraizamento, entre 1942 e 1970; e o de consolidação, entre 1970 e o momento presente” (Vicente, 2004: 18).

1.1. A Escola Nova e o escutismo

A passagem do século XIX ao século XX caracterizou-se, na educação europeia, por um movimento que pretendia centrar-se no desenvolvimento de cada criança e na aprendizagem de cada aluno, deixando o professor de ser o centro de toda a educação. Adolphe Ferrière (1879-1960), fundador do Bureau international des écoles nouvelles (1899) que se transformou na Ligue internationale pour l'éducation nouvelle (1921), na introdução da obra de Faria de Vasconcelos (1915) *Une école nouvelle en Belgique*, caracterizou a Escola Nova, a partir de 30 princípios. À semelhança do que fizeram Meireles-Coelho e Rodrigues (2006) em relação à obra de Faria de Vasconcelos (1915), tentar-se-á aqui comparar o texto de Adolphe Ferrière (AF), a carregado, com extractos de obras de B. P.:

“1. A escola nova é um *laboratório de pedagogia prática*. Ela procura desempenhar o papel explorador ou de pioneiro das escolas do Estado, mantendo-se ao corrente da psicologia moderna, nos meios que põe em acção, e das necessidades modernas da vida espiritual e material, nos objectivos que fixa à sua actividade.” (AF)

“O nosso método de formação é mais educar de dentro, do que instruir de fora; proporcionar ao rapazinho *jogos e actividade* que, atraindo-o, lhe darão uma séria educação moral, mental e física” (Powell, 2003b: 161).

“Ensina-mos-lhes, nos *jogos*, pequeninas coisas que os tornarão capazes de, a seu tempo, fazer outras maiores a sério” (Powell, 2003b: 166).

“De vez em quando, por meio de actividades caseiras, mas mais especialmente *nos acampamentos praticando explorações*, construção de pontes, improvisações de acampamentos, expressão pessoal através das artes, todas as quais contribuem para criar artífices capazes. Em síntese auto-expressão” (Powell, 2003a: 34).

“2. A escola nova é um *internato*, porque só a influência total do meio no seio do qual a criança se move e cresce permite realizar uma educação plenamente eficaz. O que de modo algum quer dizer que o sistema de internato seja considerado como um ideal a ser aplicado sempre e em toda a parte: longe disso. A influência natural da família, no caso de ser sadia, é preferível à do melhor dos internatos.” (AF)

“A parte mais agradável da vida do explorador é o *acampar*. *Viver ao ar livre*, sob o olhar de Deus, no meio das colinas e das árvores e das aves e dos matos, do mar e dos rios — ou seja, *viver com a natureza, cada um em seu pequeno abrigo de lona, cozinhando e explorando por sua conta* — tudo isto dá saúde e alegria tais como se não podem experimentar entre os tijolos e o fumo da cidade. Também as *caminhadas* em que se penetra mais no campo, explorando-se todos os dias novos locais, são uma esplêndida aventura. Fortalecem e endurecem a gente, de modo que já se não sente nem vento nem chuva, nem calor nem frio. Tudo se recebe como coisa natural e com aquele sentimento de segurança que permite encarar com um sorriso qualquer velha dificuldade, sabendo que no fim venceremos. Mas, como é natural, para que o campismo e as excursões nos dêem prazer é preciso que se pratiquem como deve ser. É preciso saber armar uma tenda ou fazer uma choupana; armar e acender uma fogueira: fazer a comida: atar barrotes para se fazer uma jangada ou uma ponte: orientar-se, tanto de noite como de dia, em terreno desconhecido, e muitas coisas mais. Poucas pessoas as aprendem enquanto vivem em terras civilizadas, porque têm casas muito cómodas e camas macias para dormir. A comida outros lha preparam e quando querem saber o caminho, basta consultar um polícia. Mas quando estes meninos tentam fazer exploração vêm-se completamente às aranhas.” (Powell, 1908: 12-13).

“3. A escola nova está situada *no campo*, sendo este o meio natural da criança. A influência da natureza, a possibilidade que oferece para se entregar aos divertimentos dos primitivos, os trabalhos dos campos que permite realizar fazem dele o melhor auxiliar da cultura física e educação moral. Mas, para a cultura intelectual e artística, é desejável a proximidade de uma cidade.” (AF)

“O *ar livre* é o verdadeiro objectivo do Escutismo e a chave do seu êxito. Mas, com o excesso da vida citadina, arriscamo-nos a descurar o nosso objectivo e trocar as coisas. Não formamos um clube – nem uma escola dominical – mas sim a *Escola dos Bosques*. Precisamos de *viver mais ao ar livre para bem da saúde, quer dos corpos quer das almas*, do escuteiro e do Chefe” (Powell, 2003a: 75).

“O Escutismo permite ao jovem envergar o traje e a mochila, do fronteiro como membro da grande Fraternidade dos Bosques. Sabe seguir pistas e sinais, sabe fazer sinalagem, acender o lume, construir um abrigo e cozinhar o que come. Sabe servir-se das mãos para fazer muitas coisas de arte do pioneiro e do campista” (Powell, 2003a: 40).

“4. A escola nova agrupa os alunos em *casas separadas*, em grupo de dez a quinze alunos sob a direcção material e moral de um educador coadjuvado pela esposa ou por uma colaboradora. Convém que os rapazes não sejam privados de uma influência feminina adulta, nem da atmosfera familiar que os internatos-casernas não

conseguem oferecer.” (AF)

“*Viver ao ar livre*, sob o olhar de Deus, no meio das colinas e das árvores e das aves e dos matos, do mar e dos rios — ou seja, viver com a natureza, *cada um em seu pequeno abrigo de lona, cozinhando e explorando por sua conta* — tudo isto dá saúde e alegria tais como se não podem experimentar entre os tijolos e o fumo da cidade.” (Powell, 1908: 12).

“5. A *coeducação dos sexos*, praticada nos internatos e até ao fim dos estudos, deu, em todos os casos em que pode ser aplicada em condições materiais e espirituais favoráveis, resultados morais e intelectuais incomparáveis, tanto para os rapazes como para as raparigas.” (AF)

“O primeiro passo para o êxito na educação dos Escuteiros, está em saber alguma coisa a respeito dos jovens em geral e depois a respeito de cada rapaz ou rapariga em particular” (Powell, 2003a: 21).

“O termo “Escutismo” acabou por significar um sistema de preparação para a cidadania, por meio de jogos, para rapazes e raparigas” (Powell, 2003a: 7).

“6. A escola nova organiza *trabalhos manuais* para todos os alunos, durante pelo menos hora e meia por dia, em geral das 14 às 16 horas, trabalhos obrigatórios que, mais que um objectivo profissional, tenham um objectivo educativo e um fim de utilidade individual ou colectiva.” (AF)

“É no campo que se dá mais facilmente o primeiro passo, para levar um Escuteiro a interessar-se pelos trabalhos manuais, armando as tendas, a construir cabanas e pontes, a abater árvores, fazendo esteiras, a improvisar utensílios rústicos, tais como ganchos para panelas, suportes para os pratos, levantar tendas, etc. Os jovens acham estes *trabalhos práticos e úteis* para o seu conforto, no acampamento” (Powell, 2003a: 86).

“7. Entre os trabalhos manuais, a *marcenaria* ocupa o primeiro lugar, porque desenvolve a habilidade e a firmeza manuais, o sentido da observação exacta, a sinceridade e o domínio de si. A *cultura da terra* e a *criação de pequenos animais* entram na categoria das actividades ancestrais de que todas as crianças gostam e que deveriam ter ocasião de executar.” (AF)

“Por manifestações activas quero dizer escrever poesia, *executar trabalhos de carpinteiro*, tocar, modelar em barro, desenhar, etc. É também interessante coleccionar selos do correio, moedas, fósseis, antigualhas, insectos, seja o que for. Passeios pelo campo para o estudo das aves, plantas e animais. Podes entregar-te à *criação de frangos*, *cultura de frutos*, preparação de compotas, *criação de coelhos*, fabrico de borzeguins, ou qualquer outra coisa de que gostes. Podes escolher dentre centenas de coisas; e quando tiveres achado aquilo que te prende realmente, acharás a recompensa, não em dinheiro talvez, mas em satis-

fação vitalícia” (Powell, 2004: 45).

“8. Ao lado dos trabalhos regulamentados, é dado um lugar aos *trabalhos livres* que desenvolvem os gostos da criança, despertam o seu espírito inventivo e engenhoso.” (AF)

“Se alguém se sentir impelido a expressar os seus pensamentos e ideias, quer em prosa quer em verso, ou pela palavra, pela pintura ou escultura, que o faça sem qualquer impedimento. Apenas aconselharia a que não se deixasse arrastar, como tantos, para o extremismo, antes de ter visto um pouco do mundo. A expressão pessoal, sendo boa, é virtude e virtude das mais nobres” (Powell, 2004: 138).

“9. A cultura do corpo é assegurada pela *ginástica natural*, feita com o corpo nu ou, pelo menos, com o tronco nu, e ainda pelos jogos e desportos.” (AF)

“São os bons jogos ao ar livre, as excursões a pé, os acampamentos, a alimentação sadia, acompanhados do necessário descanso, que proporcionam ao jovem saúde e vigor natural e não por métodos artificiais” (Powell, 2003a: 69).

“Um dos objectivos do Escutismo é proporcionar jogos colectivos e actividades de equipa, que possam favorecer a saúde e a robustez do jovem e o ajudem a aperfeiçoar o seu carácter” (Powell, 2003a: 69).

“O ar puro e fresco é meio caminho para produzir bons resultados com os exercícios físicos, e será proveitoso absorvê-lo sempre que possível, tanto através da pele como pelo nariz. De facto: o “ar livre” é o segredo do êxito. É para isso que o escutismo serve: para desenvolver, tanto quanto possível, o hábito da vida ao ar livre” (Powell, 2003a: 74).

“Quase todos os rapazes, por pequenos e fracos que sejam, podem tornar-se fortes e sadios, se se derem ao incómodo de executar todos os dias alguns exercícios físicos. Não levam mais de 10 minutos, nem exigem qualquer espécie de aparelhagem. Devem fazer-se todas as manhãs, logo depois de levantar, e todas as noites antes de deitar. O melhor é fazê-los com pouca ou nenhuma roupa e ao ar livre, ou perto de uma janela aberta” (Powell, 1908: 204-205).

“10. As *viagens*, a pé ou de bicicleta, com *acampamento* em tenda e refeições preparadas pelas próprias crianças, desempenham um papel importante na escola nova. Essas viagens são previamente preparadas e servem de auxiliares ao ensino.” (AF)

“(…) seguindo os instintos primitivos de *vida ao ar livre*, *campismo* e *exploração*, podem desenvolver a saúde, a inteligência, a habilidade e a capacidade de auxiliar e tornar-se assim melhores como homens e como cidadãos” (Powell, 2004: 190).

“O *Campismo* é a grande atracção que chama o rapaz para o Escutismo e oferece o melhor ensino para o ensinar a confiar em si próprio e a cultivar a iniciati-

va, além de contribuir para o seu robustecimento” (Powell, 1908: 190).

“Quando temos grande número de jovens numa cidade de lona, somos obrigados a recorrer a exercícios de conjunto e a instrução especial, como meio de ocupar todos os participantes; ao passo que, com algumas Patrulhas, além dos seus trabalhos de campo, que lhes ocupam grande parte do tempo, há constantes oportunidades de educação pela aquisição de conhecimentos da Natureza e pelo desenvolvimento da saúde física e mental, por meio de *excursões, corridas de obstáculos naturais e caminhadas de corta-mato e pela vida de ar livre*, aproveitando todas as vantagens das florestas” (Powell, 2003a: 77).

“11. Em matéria de educação intelectual, a escola nova procura abrir o espírito por meio de uma *cultura geral* de preferência a uma acumulação de conhecimentos memorizados. O espírito crítico nasce da aplicação do método científico: observação, hipótese, verificação, lei. Um núcleo de áreas obrigatórias realiza a educação integral, não tanto como instrução enciclopédica, mas como possibilidade de desenvolvimento, por meio da influência do meio e dos livros, de todas as faculdades intelectuais inatas da criança.” (AF)

“A inteligência e a ligeireza de espírito dos jovens podem ser consideravelmente educadas, fazendo-os encontrar um caminho num mapa, localizar os pontos de referência, avaliar as altitudes e as distâncias, observar as características das pessoas, dos veículos, dos animais, etc., fazendo-os reproduzir em cena as histórias policiais de Sherlock Holmes e por muitas outras práticas escutistas. A sinalização aguça o espírito, desenvolve a vista e estimula o estudo e a concentração; a instrução de primeiros socorros tem o mesmo valor educativo. Podem aproveitar-se as noites de Inverno e dos dias de chuva para o Chefe ler as principais notícias dos jornais do dia, acompanhando-as por meio de mapas, etc.. A organização de peças de teatro, de espectáculos relacionados com a história local, são excelente meio para levar os jovens a aprender e a exprimirem-se, sem vaidade” (Powell, 2003a: 89).

“12. A cultura geral é completada por uma *especialização*, primeiro espontânea, cultura dos gostos preponderantes de cada criança, e depois sistematizada de modo a desenvolver os interesses e faculdades do adolescente num sentido profissional.” (AF)

“O Escutismo é um jogo de jovens, sob a direcção deles mesmos, em que os irmãos mais velhos podem oferecer aos mais novos um ambiente saudável e encorajá-los a praticar actividades saudáveis, que os ajudarão a desenvolver o civismo. A sua maior atracção vem-lhe do estudo da Natureza e dos conhecimentos da vida ao ar livre, dos trabalhos manuais em madeira, rústicos e toscos. Ocupa-se do indivíduo e não do conjunto. Desperta qualidades intelectuais, bem como qualidades puramente físicas ou morais” (Powell, 2003a: 31).

“As insígnias de capacidade foram criadas com o fim de desenvolver em cada jovem o gosto por passatempos ou trabalhos manuais, uma das quais pode, acabar por lhe abrir uma carreira e evitar que se sinta desamparado e sem esperança, ao entrar no mundo do trabalho. *As insígnias têm apenas em vista servir de estímulo para que o jovem se dedique a um passatempo ou ocupação, e neles faça algum progresso*” (Powell, 2003a: 87).

“Os passatempos, trabalhos manuais, inteligência e saúde, são passos preliminares próprios para *desenvolver o amor ao trabalho e a capacidade de execução*, que são essenciais para um trabalho eficiente. A segunda fase é a de *adaptar o jovem trabalhador, ao tipo de trabalho conveniente*” (Powell, 2003a: 91).

“*Observando e estudando o carácter e a capacidade individual de cada jovem, o Chefe pode, até certo ponto, descobrir o modo de vida que melhor se adapte a cada um. Mas precisa também de compreender, que é aos pais e ao próprio jovem que compete resolver o problema do emprego*” (Powell, 2003a: 93).

“13. O ensino é baseado nos *factos* e nas *experiências*. A aquisição dos conhecimentos resulta de observações pessoais (visitas a fábricas, trabalhos manuais, etc.) ou, na falta disso, de observações de outrem recolhidas nos livros. A teoria segue sempre a prática, nunca a precede.” (AF)

“Desde que a observação e a dedução se tornem habituais no jovem, dá-se um grande passo para o desenvolvimento do seu carácter. O valor do seguimento de pistas e jogos equivalentes, pode assim ver-se imediatamente e devem pois aconselhar-se, a todos os Grupos escutistas; o seguimento de pistas ao ar livre, interpretá-las e discuti-las em preleções, sobre rastos e seguimento das mesmas, nas reuniões de sede” (Powell, 2003a: 89).

“O Grupo organiza-se, equipa-se e instrui-se, primariamente para combater incêndios, mas com a faculdade adicional de tratar de toda a espécie de sinistros possíveis na vizinhança, tais como: desastres na via pública; explosões de gás, agentes químicos e outras substâncias; cheias ou inundações; desmoronamentos; sinistros eléctricos; desastres de caminho de ferro; árvores ou edifícios derribados; desastres sobre o gelo; desastres marítimos de banhistas ou remadores; quedas de aviões; etc.. Isto requeria, além dos exercícios de conjunto, salvamentos e primeiros socorros, próprios do serviço de bombeiros, conhecimentos e prática dos métodos de desembaração, salvar e prestar os devidos primeiros socorros em cada tipo de trabalho; tais como: conhecimento de gases e produtos químicos, manejo de barcos, improvisação de jangadas, utilização de um cabo de salvação e de bóias de salvamento, salvamentos na água, respiração artificial, modos de lidar com animais assustados, com fios eléctricos em tensão, líquidos em ebulição, etc., etc. Em alguns casos, poderá ser preferível, que cada Patrulha se especialize em determinados tipo de desastre, mas em geral, se as Patrulhas se exercitarem todas à vez, acabarão por atingir plena eficácia para toda a Unidade. A organização para o caso de sinistro, deveria porém, atribuir funções específicas a cada Patrulha; por exemplo: uma Patrulha de salvamen-

tos, socorristas, de afastamento de espectadores, de mensageiros, etc.” (Powell, 2003a: 99).

14. O ensino é, portanto, baseado também na *actividade pessoal* da criança. Isso supõe a associação mais estreita possível ao estudo intelectual do desenho e dos mais diversos trabalhos manuais.” (AF)

“Encorajando o jovem ao hábito de desenhar, por toscos que sejam os resultados, podemos levá-lo a reconhecer a beleza da cor e da forma e a descobrir que até no ambiente mais sórdido, pode haver luz e sombra, cor e beleza” (Powell, 2003a: 90).

“15. O ensino é baseado, além disso, nos *interesses espontâneos* da criança: dos 4 aos 6 anos, idade dos interesses difusos ou idade do jogo; dos 7 aos 9 anos, idade dos interesses ligados aos objectos concretos imediatos; dos 10 aos 12 anos, idade dos interesses especializados concretos ou idade das monografias; dos 13 aos 15 anos, idade dos interesses abstractos empíricos; dos 16 aos 18 anos, idade dos interesses abstractos complexos: psicológicos, sociais, filosóficos. As notícias da escola e do que acontece fora dela dão lugar a lições ocasionais e a discussões, quer entre os grandes quer entre os pequenos, que ocupam na escola nova um lugar de destaque.” (AF)

“Se o pecador iscar o anzol, com a comida de que ele próprio gosta, é provável que não apanhe muitos – com certeza não apanha os peixes tímidos e esquivos – usa portanto, como isco, o alimento de que os peixes gostam. O mesmo se dá com os jovens; se tentarmos pregar-lhes aquilo que consideramos doutrina elevada, não os apanhamos. Qualquer coisa que tenha *perfeição e santidade*, afugentará os mais animosos de entre eles, e são estes que nós queremos *pescar*. A única maneira é estender-lhes alguma coisa que realmente os atraia e os interesse. E parece-me evidente que o Escutismo assim procede” (Powell, 2003a: 28-29).

“(…) para os jovens de todas as idades, o princípio é sempre idêntico, mas as aplicações diferem. Há, pois, uma progressão. E mais ainda, esse princípio dá, e tem dado, os mesmos resultados em todos os estratos sociais, desde os mais elevados aos mais humildes” (Powell, 2002: 21).

“16. O *trabalho individual* do aluno consiste numa pesquisa (nos factos, nos livros, nos jornais, etc.) e numa classificação (segundo um quadro lógico adaptado à sua idade) de documentos de todas as espécies, assim como em trabalhos pessoais e na preparação de conferências a fazer na aula.” (AF)

“(…) faz parte do nosso método de levar os jovens a progredir, *começando por trabalhos pequenos e fáceis*; e estes passatempos tornam-se mais especializa-

dos na preparação vocacional dos Escuteiros Seniores. *Graças às nossas Especialidades, o jovem aprende a servir-se das suas mãos e do seu cérebro e a gostar de trabalhar*” (Powell, 2003a: 86).

“17. O trabalho colectivo consiste numa troca e numa ordenação ou elaboração lógica em comum dos documentos particulares.” (AF)

“Do ponto de vista dos jovens, o Escutismo reúne-os em bandos fraternais, que são a sua organização natural, quer para jogos, quer para travessuras ou vadiagem; dá-lhes um uniforme vistoso e equipamento; fala-lhes à imaginação e ao sentido romântico e lança-os na vida activa do ar livre” (Powell, 2003a: 35-37).

“Primeiros socorros, serviço de bombeiro, acampar ou construir pontes, etc., contribuem para a habilidade manual e esforço intelectual, visto que o jovem, ao trabalhar em cooperação com os outros, é responsável pela parte que lhe compete nessa tarefa” (Powell, 2003a: 55).

“Um dos objectivos do Escutismo é proporcionar jogos colectivos e actividades de equipa, que possam favorecer a saúde e a robustez do jovem e o ajudem a aperfeiçoar o seu carácter” (Powell, 2003a: 69).

“18. Na escola nova, o ensino propriamente dito limita-se à parte da manhã (em geral, das 8 horas ao meio dia). À tarde, durante uma ou duas horas, conforme a idade, das 16,30 às 18 horas, tem lugar o “estudo” pessoal. As crianças com menos de dez anos não têm deveres para fazer sozinhas.” (AF)

(Como não trata de aprendizagens escolares curriculares, não se conhecem referências similares.) No entanto é curiosa uma referência às actividades da manhã:

“Para um explorador as horas de maior actividade são as primeiras da manhã, porque é então que os animais ferozes se deslocam em busca de alimentos. O escuteiro procura, por isso, habituar-se a levantar-se cedo” (Powell, 1908: 223).

“19. Estuda-se poucas áreas por dia, uma ou duas apenas. A variedade nasce, não dos assuntos tratados, mas da maneira de tratar os assuntos, sendo postos em funcionamento, alternadamente, diferentes modos de actividade.” (AF)

(Como não trata de aprendizagens escolares curriculares, não se conhecem referências similares.)

“20. Estuda-se poucas áreas por mês ou por trimestre. Um sistema de cursos, análogo ao que regula o trabalho na Universidade, permite a cada aluno ter o seu horário individual.” (AF)

(Como não trata de aprendizagens escolares curriculares, não se conhecem referências similares.)

“21. A educação moral, como a educação intelectual, deve fazer-se, não de fora

para dentro, pela autoridade imposta, mas de dentro para fora, pela experiência e pela prática gradual do sentido crítico e da liberdade. Baseando-se neste princípio, algumas escolas novas aplicaram o sistema da *república escolar* (“*self-government*” escolar). A assembleia-geral, formada pelo director, pelos professores, pelos alunos e por vezes mesmo pelo pessoal auxiliar, constitui a direcção efectiva da escola. O código de leis é elaborado por ela. As leis são os meios que tendem a regular o trabalho da comunidade em vista dos fins por ela prosseguidos. Este sistema altamente educativo, quando é realizável, supõe uma influência preponderante do director sobre os “líderes” naturais da pequena república.” (AF)

“A orgânica ensina os rapazes a colaborarem juntos e unidos em equipas. Assegura o esforço cooperativo para um fim comum; isto é processo democrático em si e por si...” (Powell, 2003a: 32).

“O princípio segundo o qual o Escutismo funciona é o de que se estudam as ideias do jovem, que é instigado a EDUCAR-SE A SI PRÓPRIO, em vez de ser instruído” (Powell, 2003a: 37).

“O Conselho de Guias e o Tribunal de Honra, são elementos importantes do Sistema de Patrulhas. São comissões permanentes que sob a orientação do Chefe, resolvem os assuntos do Grupo, tanto administrativos como disciplinares. Desenvolvem nos seus membros o sentimento da dignidade, os ideais da liberdade, conjugados com o sentimento da responsabilidade e o respeito pela autoridade constituída, ao mesmo tempo que facultam a prática de normas de actuação, que é preciosa para os jovens, individual e colectivamente, como futuros cidadãos” (Powell, 2003a: 42).

“(…) o mais importante objectivo do Escutismo: educar; não digo instruir, mas educar, isto é, levar o jovem a aprender ele próprio e voluntariamente, tudo o que contribua a formar-lhe o carácter” (Powell, 2003a: 50).

“22. Na falta do sistema democrático integral, a maioria das escolas novas são constituídas como monarquias constitucionais: os alunos procedem à eleição dos chefes, ou prefeitos, que têm uma responsabilidade definida.” (AF)

“O enquadramento dos jovens em Patrulhas de seis a oito elementos, e o tratá-los como unidades distintas, cada uma sob a direcção do seu próprio Guia responsável, é a chave de um bom Grupo” (Powell, 2003a: 41).

“Mas primeiro e acima de tudo: a Patrulha é a escola de carácter para o indivíduo! Ao Guia de Patrulha, faculta a prática da responsabilidade e das qualidades de liderança. Aos Escuteiros, inculca a subordinação pessoal aos interesses do conjunto e os elementos de abnegação e domínio de si mesmo, inerentes ao espírito de grupo, de cooperação de sã camaradagem da equipa” (Powell, 2003a: 43).

“Cada patrulha escolhe um rapaz para Guia. Chama-se Guia de patrulha. O che-

fe espera muito do Guia e dá-lhe carta branca para executar os trabalhos da patrulha. O Guia de patrulha escolhe outro rapaz para seu ajudante. Este chama-se Subguia. O Guia é responsável pela eficiência e aprumo da sua patrulha. Os escuteiros desta cumprem as suas ordens, não com receio de castigo, como muitas vezes acontece com a disciplina militar, mas porque constituem um todo que joga em conjunto e que apoia o seu Guia para honra e êxito da patrulha” (Powell, 1908: 32).

“23. *Cargos sociais* de todas as espécies podem permitir realizar uma entreatjada efectiva. Esses cargos para o serviço da comunidade são confiados alternadamente a todos os pequenos cidadãos.” (AF)

“Mostrar-lhe por factos, que o considera um ser responsável, encarregando-o de uma função temporária ou permanente, e esperar que ele desempenhe fielmente essa função. Não estejais sempre em cima dele para ver como faz; deixai que o faça à sua maneira, deixai que faça disparates se necessário, mas em qualquer caso deixai-o só, confiai nele para que ele faça o melhor que lhe for possível. A confiança deve ser a base de toda a nossa formação moral. Dar responsabilidade é a chave do sucesso com os jovens, sobretudo com os mais turbulentos e difíceis” (Powell, 2003a: 54).

“O Sistema de Patrulhas tem sobretudo por finalidade, dar verdadeira responsabilidade ao maior número possível de jovens, a fim de desenvolver o seu carácter. Se o Chefe conceder verdadeira autoridade aos seus Guias de Patrulha, esperar muito deles e lhes deixar inteira liberdade no cumprimento da sua missão, terá feito mais a favor da expansão do carácter desses jovens, do que todo o ensino escolar jamais poderia fazer” (Powell, 2003a: 55).

“24. Os *prémios* ou sanções positivas consistem em oportunidades dadas aos espíritos criativos para aumentar a sua capacidade criadora. Aplicam-se aos trabalhos livres e desenvolvem deste modo o espírito de iniciativa.” (AF)

“A finalidade de lhes oferecermos tantas insígnia, em nível elementar, é a de atrair os jovens de todos os tipos a experimentarem várias espécies d trabalho, e o Chefe atento pode reconhecer prontamente a vocação especial de cada jovem e fomentá-la devidamente. E é esse o melhor meio para lhe desenvolver o carácter individual e para iniciar o jovem numa carreira promissora e de futuro. Além disso estimulamos o jovem a assumir a responsabilidade pessoal do seu desenvolvimento físico e saúde; e confiamos na sua honra e contamos que ele pratique uma Boa Acção, todos os dias em benefício de outrem” (Powell, 2003a: 37).

“25. Os *castigos* ou sanções negativas estão em correlação directa com a falta cometida. Quer dizer que visam pôr a criança à altura de, por meios apropriados, atingir melhor, no futuro, o objectivo considerado bom que ela atingiu mal ou que

não atingiu.” (AF)

“(…) Não se suponha que quero que o Chefe seja um *mole* e um *sentimental*; bem ao contrário, a camaradagem exige firmeza e rectidão, se quer perdurar” (Powell, 2003b: 163).

“Os rapazitos são inclinados à prosápia e, portanto, a mentir sem intenção realmente má; mas seria bom curá-los deste hábito logo ao nascer, para evitar coisa pior. Para curar este defeito é bom não ralhar com o rapaz quando descobris a mentira; fazei-lhe ver simplesmente que não vos deixais enganar. O desdém terá êxito com uns; o ridículo é quase certo que cura outros. E se o homenzinho tenta mentir outra vez, talvez dê ótimo efeito um leve gracejo que lhe mostre não se ter esquecido a sua primeira mentira. Por outro lado, é preciso ter muito cuidado em mostrar-lhe que não estais sempre a lembrar-vos das suas faltas passadas em seu prejuízo, mas que confiais e contaís com ele para vencer essas fraquezas” (Powell, 2003b: 164-165).

“26. A emulação tem lugar sobretudo pela comparação feita pela criança entre o seu trabalho presente e o seu trabalho passado, e não exclusivamente pela comparação do seu trabalho com o dos seus companheiros.” (AF)

“Um jovem que inicia a viagem da vida por ter a impressão de que é apenas uma unidade da multidão e de que, por isso, pode deixar-se ir com os outros e não haverá novidade (...) No quadro que fiz de ti, estás a impelir a tua canoa, e não a remar um barco. A diferença está em que naquela olhas para a frente enquanto avanças, ao passo que neste não se olha para onde vai, mas confia-se no governo de outrem, e por isso pode-se embater num escolho antes de se saber onde se está. Há muito quem procure remar assim pela vida fora. Muitos mais preferem navegar passivamente e deixar-se levar pelo vento do acaso, ou ao sabor da corrente da sorte; é mais fácil que remar – e igualmente fatal” (Powell, 2004: 22).

“27. A escola nova deve ser um meio de beleza, como escreveu Ellen Key. A ordem é a primeira condição, o ponto de partida. A arte industrial que se pratica e de que se rodeiam as crianças conduz à arte pura, própria para despertar, nas naturezas de artistas, os sentimentos mais nobres.” (AF)

“Com as migalhas de conhecimentos da Natureza, adquiridos nas excursões pelos bosques, a alma em botão desabrocha e começa a expandir-se. O ar livre é por excelência a escola de observação e de compreensão, das maravilhas de um Universo grandioso. Abre o espírito à apreciação do belo, que se lhe apresenta dia após dia, diante dos nossos olhos e que não vemos” (Powell, 2003a: 40).

“28. A música colectiva, canto ou orquestra, exerce a mais profunda e mais purificadora influência naqueles que a amam e que a praticam. As emoções que ela cria

não deveriam faltar a nenhuma criança.” (AF)

“O prazer de produzir música é comum a toda a família humana. O canto, como fundo para as palavras, facilita a expansão da alma e quando isto se faz com perfeição, dá prazer ao cantor e a quem ouve. Pelo seu amor natural à música, pode conduzir-se o jovem à poesia e a emoções mais elevadas, em transição natural e fácil. O facto oferece ao Chefe, um meio pronto para ensinar os seus jovens a serem felizes e, ao mesmo tempo, para lhes elevar o nível do pensamento” (Powell, 2003a: 90-91).

“Em volta do Fogo de Conselho podem executar-se pequenas peças, canções e recitativos, e todo o escuteiro deve colaborar no programa, quer se julgue artista quer não. Em cada noite pode confiar-se o programa a uma patrulha diferente. As patrulhas podem, assim, preparar-se antecipadamente para o Fogo de Conselho” (Powell, 1908: 126).

“29. A educação da consciência moral consiste principalmente, nas crianças, em narrativas que provocam nelas reacções espontâneas, autênticos juízos de valor que, repetindo-se e acentuando-se, acabam por ligá-las entre si e com os outros. É esse o objectivo da “leitura da noite” da maior parte das escolas novas.” (AF)

“A finalidade da formação escutista é melhorar o nível dos nossos futuros cidadãos, especialmente no que diz respeito ao carácter e à saúde; substituir o egoísmo pelo serviço, tornar os jovens individualmente capazes, moral e fisicamente, com fim de aproveitar essa capacidade para servir os seus semelhantes” (Powell, 2003a: 33).

“É curioso que este dever de servir os outros por meio de Boas Acções, é aquele a que os Escuteiros correspondem com maior prontidão. Sobre esta base aparentemente pequena (a renúncia a pequenas comodidades ou prazeres pessoais em benefício dos outros), assenta o espírito de abnegação pelo próximo” (Powell, 2003a: 98).

“Um Escuteiro, (...) antes de formar a sua opinião considera os dois lados da questão. E quando tiver visto de que lado está o direito é que escolhe e a ele se agarra firmemente” (Powell, 2001: 11).

“O Chefe pode, em qualquer momento, obter dos Lobitos uma atenção concentrada contando-lhes uma história, que lhe servirá para expor todas as lições que quiser inculcar-lhes” (Powell, 2003b: 170).

“30. A educação da razão prática consiste principalmente, nos adolescentes, em reflexões e em estudos sobre as leis naturais do progresso espiritual, individual e social. A maior parte das escolas novas observam uma atitude religiosa não confessional ou interconfessional, que acompanha a tolerância em relação a diferentes ideais, desde que incarnem um esforço em vista do crescimento espiritual do homem.” (AF)

“ Um outro auxiliar valioso para a formação dos jovens, como o sentido da justiça, é a realização de debates entre eles, sobre assuntos que lhes interessem e se prestem ao debate nos dois sentidos. Serão assim levados a reconhecer que todos os problemas importantes, apresentam sempre dois aspectos, e que se não devem deixar convencer pela eloquência do primeiro orador, antes de ouvirem o que o defensor do outro aspecto tem a dizer sobre o assunto, e que devem depois ponderar os argumentos de ambas as partes, antes de se decidirem a tomar partido e emitir a sua opinião favorável, a um ou a outro(...)” (Powell, 2003a: 52).

“O Tribunal de Honra do Grupo é um outro meio para o mesmo fim, e como neste caso os jovens têm verdadeira responsabilidade real como membros do Tribunal, e a seriedade das suas opiniões impõe-se-lhes ainda mais e estimula-os a ponderar bem sobre a decisão a tomar, depois de ouvidos previamente os argumentos das duas partes” (Powell, 2003a: 52).

Como a Escola Nova o escutismo desenvolve muitos dos princípios referidos por Ferrière (Vasconcelos, 1915), nomeadamente a autodeterminação (*self government*), com o culto da auto-reflexão ao fim do dia, reflectindo em grupo sobre como correu o dia, para o bem e para o mal, procurando cada um construir-se em liberdade individual que aparece sempre com os constrangimentos da vida em grupo com os outros e com as outras liberdades. Tanto a Escola Nova como o escutismo defendem a educação de “dentro para fora e não de fora para dentro” baseada na expressividade e espontaneidade permitia às crianças/jovens exporem as suas opiniões e dúvidas em ambiente de liberdade, autonomia moral e auto-educação:

“Deixar a criança contar livremente, à sua maneira, o que vê, faz, pensa, permitir que a sua iniciativa se manifeste, que a sua pessoa se exprima, não lhe pedir nem impor um estilo literário, quando faz os deveres pessoais, que devem reflectir sinceramente as suas aptidões e gostos pessoais (...) Os antigos já pensavam que a virtude não se ensina, mas que se aprende pela experiência e pelo uso pessoal da liberdade. Não se transmite de fora, mas vem de dentro” (Faria de Vasconcelos in Meireles-Coelho; Rodrigues, 2006: 4965-4966).

Se tivermos em consideração o contexto histórico em que o escutismo surgiu (I Guerra Mundial) é compreensível que na sua génese tivesse princípios de rigor e disciplina paramilitar, podendo ser confundido com um movimento militarista. Segundo Eduardo Missoni, secretário-geral do movimento escutista mundial, numa entrevista ao jornal *Público*:

“O escutismo é um movimento de paz. O fundador era general, mas teve a capacidade de mudar, transformando-se num homem de paz, capaz de integrar as pessoas que tinha combatido. O uniforme tem uma função de unidade e redução das diferenças. Se houver apenas ritual sem compreender a pedagogia, perde-se a com-

preensão do escutismo. Não, a farda não implica militarismo” (in Marujo, 2007: *Eduardo Missoni. Um escoteiro pouco mirim*. Público. 23 de Abril, p.7).

Durante um século de vida o escutismo evoluiu nos seus conceitos e métodos pedagógicos, tendo em conta sempre a sua matriz de privilegiar o contacto com a natureza, a procura da experimentação, a descoberta do “eu” e das suas potencialidades. Nesta evolução pedagógica e educacional, este movimento procura uma maior liberdade vs responsabilidade à custa de uma melhoria da formação educativa e cultural dos seus dirigentes, procura dar uma resposta a algumas das questões mais prementes da sociedade; tais como: o ambiente, a luta contra as dependências, a solidariedade e o mais significativo: a descoberta do indivíduo e o seu papel na sociedade:

“Movimento Internacional, espalhado pelo mundo em mais de 120 países, o Escutismo soube adaptar-se aos diferentes meios, às diferentes culturas. É uma imensa fraternidade que desempenha o seu papel, com os seus próprios meios para uma verdadeira paz universal e uma educação para a relação internacional” (Equipa Nacional dos “Scouts de France”, 2003: 17-18).

1.2. Associação dos Escoteiros de Portugal (A.E.P.)

A 6 de Setembro de 1913 foi fundada a Associação dos Escoteiros de Portugal (A.E.P.), associação interconfessional. O impulsor do escutismo em Portugal, Álvaro Machado, assim como o pedagogo Dr. Sá Oliveira e Roberto Moreton, lançaram as bases desta associação.

“O perfil dos protagonistas apresentados torna evidente a sua filiação nos ideais da Escola Nova e da República. A formação de cidadãos foi, desde a implantação do regime republicano, um aspecto fundamental, coincidindo essa fase com um dos períodos de mais larga difusão do Movimento Escola Nova. As experiências – piloto surgidas e estudadas em vários países da Europa moldaram o pensamento de João Barros, Álvaro Viana de Lemos, Faria de Vasconcelos e Sá Oliveira, dando origem à aplicação e divulgação em Portugal de uma educação activa e integral do jovem por via escolar e extra-escolar.” (Vicente, 2004: 40).

A partir de 1915 iniciou-se a publicação do jornal “O Escoteiro”, dirigido inicialmente por Sá Oliveira, ajudando a divulgar, durante os primeiros anos, o método activo, até então, desconhecido dos portugueses.

Os grupos escotistas eram divididos mediante determinados tipos, como por exemplo o escotismo–agremiação, escotismo–escolar e escotismo–operário. Cada divisão continha até cinco patrulhas com seis a nove elementos. Ao entrar para o escotismo, o jovem encontrava-se na fase de aspirantado, passando a ser escoteiro de 3ª, 2ª ou 1ª classe após realizar um compromisso de honra. Esta progressão encontrava o seu auge na última

etapa denominada “Escoteiro da Pátria”. Em 1925, António Augusto Martins publicou o “Manual do Escoteiro Escolar” (Vicente, 2004: 45).

A Associação dos Escoteiros de Portugal, em virtude de estar aberta a todos os credos religiosos e políticos adquiriu um forte prestígio perante a sociedade e governos da primeira República. Para Ana Vicente, Henrique Barros acredita que “(...) a neutralidade da AEP era o único garante da prática de um escutismo inclusivista, sublinhando que aquela não deveria ser confundida com laicidade, expressão que à época carregava o peso de hostilidade anticlerical republicana” (Vicente, 2004: 48). Em 1920, vários escoteiros participaram no 1º Jamboree mundial em Londres. Nesse mesmo ano o escotismo participou em vários eventos internacionais, iniciando também as suas representações oficiais. Em 1924, a A.E.P. participou no 2º Jamboree e criou o primeiro Campo–Escola para dirigentes. Este movimento foi visitado, em 1929 e 1934, por Baden-Powell (02/02/2006, www.escotismo.net/escotismo-e.html)

Em 1914, surgiu a União dos Adueros de Portugal, deixando, assim, a A.E.P. de ser o único movimento escotista no país. Com o nascimento do Corpo Nacional de Scouts, em 1923, instalou-se algum mal-estar, na medida em que para a Associação dos Escoteiros de Portugal não se justificava a criação de um movimento religioso.

“Se na AEP não coubessem, bem à vontade todos, católicos, protestantes, livres-pensadores, etc., se na AEP tivesse sido milindrada ou prejudicada alguma religião, bem estava, e seria um acto de natural defesa a criação de associações com característica católica, protestante ou laica. Tal porém não se dá; tanto os Estatutos como o Regulamento Geral dão aos grupos liberdade de seguirem a religião que entendam e não adoptarem nenhuma especial” (Fausto Salazar in Vicente, 2004: 49).

No entanto, o entendimento entre ambas associações teve lugar aquando o pacto sobre a Federação Escutista de Portugal em 1928.

Actualmente, a A.E.P. procura dar continuidade ao lema “Servir a Juventude”. É a associação mais antiga, tendo como alvo tanto indivíduos do sexo masculino como do sexo feminino, independentemente da sua religião e opção política. Conta com cerca de dez mil membros distribuídos por mais de cem agrupamentos. Nesta associação as crianças e jovens estão agrupados mediante os níveis etários e com programas pedagógicos adequados a cada nível: alcateia (6 aos 10 anos), tribo (11 aos 17 anos) e clã (17 aos 21 anos) (02/02/2006, www.escotismo.net/escotismo-e.html).

A A.E.P., baseada nos ideais de Baden-Powell e no seu método, pretende ajudar os jovens a desenvolverem-se integralmente: a nível físico, intelectual, social e espiritual, partindo dos seus interesses e necessidades, através de jogos, técnicas (orientação, nós,

construções,...), serviços à comunidade e no contacto com a natureza. Desenvolvendo, assim, uma aprendizagem activa, através de actividades dinâmicas e diversificadas, no contacto com os outros (grupos) e com desafios e descobertas.

Esta associação pretende que os jovens se tornem cidadãos participativos e responsáveis; desenvolvam o seu sentido crítico; procurem valores espirituais; respeitem o próximo, vivenciando os valores presentes na Lei e na Promessa (semelhantes ao C.N.E.), procurando promover a paz. Este movimento procura colaborar com a comunidade na resolução de alguns problemas actuais, como a prevenção das toxicodependências; reforestação; alfabetização; educação e conservação ambiental; entre outros. Neste sentido, este movimento interage com organizações locais e outros elementos da comunidade de forma a minimizar os problemas que afectam a sociedade actual (02/02/2006, www.escotismo.net/objectivos.html).

Resumindo, a Associação dos Escoteiros de Portugal procura a auto-educação das crianças e jovens, baseando-se na Promessa e Lei do Escoteiro, educando pela acção (aprender fazendo), através da vida em grupo com o auxílio de adultos (dirigentes/educadores), numa perspectiva de descoberta e tendo em consideração o desenvolvimento do carácter para ajudar cada jovem a confiar em si mesmo e a sentir-se envolvido num ideal de serviço. A educação dos jovens assenta na liberdade, justiça, respeito e responsabilidade.

1.3. União dos Adueros de Portugal (U.A.P.)

Em 1914, no Porto, foi criada a União dos Adueros de Portugal pelo capitão Artur Barros Basto, com finalidades semelhantes à A.E.P., só que com uma vertente mais nacionalista e militarista, tendo sido extinguida por volta de 1930. Este movimento destinava-se a rapazes entre os 13 e os 17 anos e pretendia, segundo o artigo 1º do Decreto nº 6277 de Dezembro de 1919, “ (...) dar à mocidade saúde, desenvolvimento físico e mental, criar energia e confiança nos próprios recursos e desenvolver as aptidões manuais, inculcar nos rapazes a disciplina, a coragem e o patriotismo e tudo que sirva para lhes formar integralmente o carácter” (in Vicente, 2004: Apêndice Documental; p. XII).

A U.A.P. estava também dividida num Sistema de Patrulhas (três patrulhas no mínimo, constituídas cada uma por quatro rapazes) e aplicava também um Sistema de Progresso, as suas actividades eram de índole militarizada, tendo cursos de instrução em carreiras de tiro. Existia uma preocupação em desenvolver o patriotismo, muitas vezes demonstrado nas suas publicações “Evidencia-se ao longo de todas as séries d’ *O Aduero, Aduero*

de Portugal e Aduero do Sul, uma enorme semelhança com a instrução militar, apenas se entrevedendo do método escutista a aplicação de alguns dos aspectos do sistema de patrulhas e sistema de progresso. Ilustrativo do pendor nacionalista e combativo é também o fardamento e o hino da UAP (...)” (Vicente, 2004: 69).

Em 1918, já existiam nove grupos de adueiros no Porto e em 1922 surgiram quatro grupos em Lisboa (dois em Fevereiro e os outros dois no mês de Novembro). Em 1927, existiam doze grupos adueiros com cerca de 160 rapazes. Contudo, o auge deste movimento deu-se entre 1922 e 1926 existindo, possivelmente, nesta última data cerca de novecentos adueiros (Vicente, 2004).

1.4. Corpo Nacional de Escutas (C.N.E.) – Escutismo Católico Português

A 27 de Maio de 1923 surgiu em Braga o Corpo de Scouts Católicos Portugueses, designando-se posteriormente por Corpo Nacional de Escutas (C.N.E.) – Escutismo Católico Português. O C.N.E. nasceu pelas mãos do Arcebispo Primaz de Braga D. Manuel Vieira de Matos e o seu secretário Dr. Avelino Gonçalves, após terem contactado durante um Congresso Eucarístico Internacional em Roma, em 1922 com um desfile de 20.000 escuteiros e de presenciar o trabalho realizado pelos Escuteiros Católicos Italianos. Com o regresso do Arcebispo e do seu secretário a Braga, deram início aos trabalhos com vista a aprovação do Governo Civil de Braga de forma a criar o Corpo de Scouts Católicos Portugueses (31/01/2006, www.cne-escutismo.pt).

A 14 de Fevereiro de 1925, o C.S.C.P. deu lugar ao Corpo Nacional de Scouts aprovado pelo Decreto nº 10589, assinado por Santos Ribeiro, passando este movimento a existir oficialmente. O C.N.S. cresceu rapidamente, passando a publicar a revista “A Flor de Lis”. Este movimento estava dividido em grupos, mediante faxas etárias (Alcateia e Clã). O início do percurso escutista de cada rapaz começava nos scouts – aspirantes, passando pelas provas de 3ª, 2ª e 1ª classes e, por fim, a prova de “Cavaleiro da Pátria” (Vicente, 2004: 80). Ainda neste ano um grupo do C.N.S. fez uma peregrinação a Roma sendo recebido pelo Papa Pio XI. Em 1926, este movimento realizou o I Acampamento Nacional em Aljubarrota. Após ter assinado, em Março de 1928, o acordo com a A.E.P. para a criação da F.E.P., foi reconhecido, a 17 de Abril, pelo Bureau Internacional de Londres. Em Agosto desse mesmo ano, realizou o II Acampamento Nacional em Cacia, para o qual foram convidados representantes da A.E.P. Em 1929, o C.N.S. participou no Jamboree Mundial de Birkenhead, em que os jovens tiveram a possibilidade de contactar com Baden-Powell. Nos anos de 1930 e 1932 voltaram a realizar dois acampamentos nacionais,

o primeiro em Granja e o segundo em Braga. O grande impulsionador destas actividades foi o Dr. Avelino Gonçalves, mentor do periódico “A Flor de Lis” (Vicente, 2004).

A diferença entre o C.N.S. e a A.E.P. foram visíveis no seu desenvolvimento:

“Não deixa de ser expressiva a clara dissemelhança entre os primeiros tempos de desenvolvimento do CNS e da AEP: três anos depois da sua constituição, a AEP contava com 359 escoteiros e mais de metade dos grupos na cidade de Lisboa, adstritos a estabelecimentos escolares. Em 1924 estavam inscritos no CSCP 700 scouts. Em 1925 o CNS contava com 1200, e em 1930 as suas fileiras registavam 3000 aderentes. Um ano depois registou-se o primeiro decréscimo do efectivo da associação católica, com 2486 scouts inscritos e representação em praticamente todas as dioceses do país” (Vicente, 2004: 84).

Em 1934, escuteiros do C.N.S. juntamente com jovens da A.E.P. e A.G.P. (cerca de 2000 escuteiros no total), receberam Baden-Powell em Lisboa (na sua segunda visita a Portugal), prestando-lhe uma homenagem. Até 1940 já haviam passado pelo C.N.S. cerca de 16261 jovens, repartidos pelas secções: Seniores (1008), Juniores (9862), Marítimos (53), Lobitos (4199) e Dirigentes (1319). O C.N.S. deu lugar ao Corpo Nacional de Escutas em 1934 (Vicente, 2004).

O C.N.E. encontra-se implementado em todo o país, tendo aproximadamente mil agrupamentos, com mais de sessenta mil membros. Este movimento, que tem como seu patrono D. Nuno Álvares Pereira, está dividido em quatro secções, mediante o nível etário dos seus elementos e com programas educativos e pedagógicos adequados a cada nível, nomeadamente: alcateia - lobitos (6 aos 10 anos), grupo explorador - exploradores (10 aos 14 anos), grupo pioneiro - pioneiros (14 aos 18 anos) e clã - caminheiros (18 aos 22 anos). No caso do Escutismo Marítimo a divisão é semelhante, existe, no entanto, uma diferença na designação das secções: alcateia - lobitos, flotilha - exploradores, frota - marinheiros e comunidade – companheiros (31/01/2006, www.cne-escutismo.pt).

Nos lobitos procura-se que a criança desenvolva na “caçada” a sua imaginação, autonomia e responsabilidade e aprenda a conviver em grupo; nos exploradores o projecto de acção é a “aventura”, o confronto é uma das chaves para aprender a respeitar projectos, a aceitar o diálogo e a procurar aquilo que os une; os pioneiros desenvolvem a responsabilidade individual e colectiva e a cooperação entre equipas, escolhem em grupo o “empreendimento” que, posteriormente, engloba a sua preparação, realização e avaliação; nos caminheiros os jovens procuram na sua “caminhada” tornarem-se adultos comprometidos, capazes de evoluírem, de agirem em equipa, de assumirem responsabilidades, de

forma a serem úteis para a comunidade, tendo como lema “Servir” (31/01/2006, www.cne-escutismo.pt)..

Actualmente, o C.N.E. destina-se a rapazes e raparigas, especialmente de confissão católica-romana, numa prática de coeducação. Pretende que o escuteiro aprenda a conhecer-se, a conhecer os outros e a conhecer o mundo. A tornar-se um cidadão activo e responsável, através do desenvolvimento físico, intelectual, emocional, social e espiritual. Este movimento visa desenvolver a educação integral das crianças e jovens de uma forma lúdica, através do jogo e da preocupação com as necessidades dos seus elementos.

Segundo a Carta do Escutismo Católico, o C.N.E. pretende a auto-educação das crianças e jovens com o apoio dos adultos (dirigentes / educadores). Este movimento é vivido através das bases deixadas por Baden-Powell. Privilegia a vida ao ar livre, o contacto com a natureza, a vida em grupo e o compromisso pessoal. Procura que o jovem desenvolva o respeito por ele próprio e pelos outros, procurando servir os outros e ser responsável. Tem como grande finalidade formar de forma progressiva o Homem-Novo à luz de Jesus Cristo e do Evangelho, ajudando os jovens a tentarem ser cada vez melhores (03/02/2006, www.cne-escutismo.pt/carta.htm).

Escutismo Marítimo

“Escutismo Marítimo é simplesmente um ramo das Associações de Escuteiros, criado para atrair aqueles cujas preferências naturais assentam em actividades ligadas à água e barcos em vez de actividades terrestres. O Escutismo Marítimo é Escutismo no meio aquático” (Mana, 2000: 47).

O Escutismo Marítimo foi fundado em Portugal em 1926 na Póvoa de Varzim. Actualmente, existem agrupamentos marítimos do C.N.E. nas regiões de Aveiro, Coimbra, Lisboa, Setúbal, Algarve, Madeira e Açores (31/01/2006, www.cne-escutismo.pt)..

O movimento tem como base as quatro áreas educativas (carácter, saúde-e-vigor, habilidade manual, serviço aos outros) que são desenvolvidas através das actividades realizadas no meio marítimo (vela, canoagem, técnica marítima, entre outras).

Caracterização do C.N.E. a nível nacional

O C.N.E. encontra-se distribuído a nível nacional por 951 agrupamentos, que por sua vez fazem parte de um total de 34 núcleos pertencentes a uma determinada região do país.

A seguinte tabela refere-se aos núcleos e agrupamentos que se encontravam em actividade em 2005, através da sua análise é possível constatar que as regiões de Braga

(possui 241 agrupamentos pertencentes a 9 núcleos), de Lisboa (inclui 130 agrupamentos distribuídos por 7 núcleos) e do Porto (dispõe de 102 agrupamentos correspondentes a 7 núcleos) são as regiões que apresentam uma maior concentração de agrupamentos implementados no país; por sua vez, Madeira (possui 13 agrupamentos), Bragança (inclui 12 agrupamentos) e Beja (dispõe de 10 agrupamentos) são as regiões que apontam um menor número de agrupamentos.

| REGIÕES | NÚCLEOS | AGRUPAMENTOS |
|--------------------------------|------------------|--------------|
| Açores | S. Miguel | 21 |
| | Açores | 3 |
| | Graciosa | 4 |
| | Pico | 5 |
| | Santa Maria | 2 |
| | S. Jorge | 4 |
| | Faial | 6 |
| | Terceira | 21 |
| Algarve | — | 24 |
| Aveiro | — | 37 |
| Beja | — | 10 |
| Braga | Barcelos | 28 |
| | Braga | 44 |
| | Fafe | 23 |
| | Guimarães | 59 |
| | Cego do Maio | 15 |
| | Famalicão | 42 |
| | Vila Verde | 16 |
| | Póvoa do Lanhoso | 6 |
| | Vieira do Minho | 8 |
| Bragança | — | 12 |
| Coimbra | Coimbra | 22 |
| | Centro - Norte | 14 |
| | Mondego Sul | 14 |
| Évora | — | 21 |
| Guarda | — | 23 |
| Lamego | — | 19 |
| Leiria | — | 30 |
| Lisboa | Oeste | 31 |
| | Serra da Lua | 16 |
| | Moinhos de Vento | 14 |
| | Barra | 19 |
| | Ocidental | 22 |
| | Oriental | 17 |
| | Solarius | 11 |
| Madeira | — | 13 |
| Portalegre / Castelo Branco | — | 18 |
| Porto | Centro Norte | 10 |
| | Centro Sul | 16 |
| | Este | 19 |
| | Litoral | 11 |
| | Norte | 15 |
| | Sul | 16 |
| | Centro | 15 |
| Santarém | — | 29 |
| Setúbal | — | 42 |
| Viana do Castelo | — | 31 |
| Vila Real | — | 25 |

| | | |
|-------|---|----|
| Visou | — | 28 |
|-------|---|----|

Tabela 1 – Caracterização do Número de Agrupamentos Activos
 Fonte: <http://pep.cne-escutismo.pt> (2005)

Através de um estudo provisório realizado pelo C.N.E. (gráfico 1) é possível verificar que as regiões que apresentam um número elevado de filiados são, nomeadamente, Braga (15579 elementos), Lisboa (10864 elementos) e Porto (8409 elementos); no entanto, as regiões com um menor número de filiados correspondem a Lamego (778 elementos), Bragança (612 elementos) e Beja (542 elementos).

É de acrescentar que o referido estudo teve em consideração Macau com 83 elementos e 25 elementos contabilizados como pertencentes ao Nível Nacional e pelos Serviços Centrais.

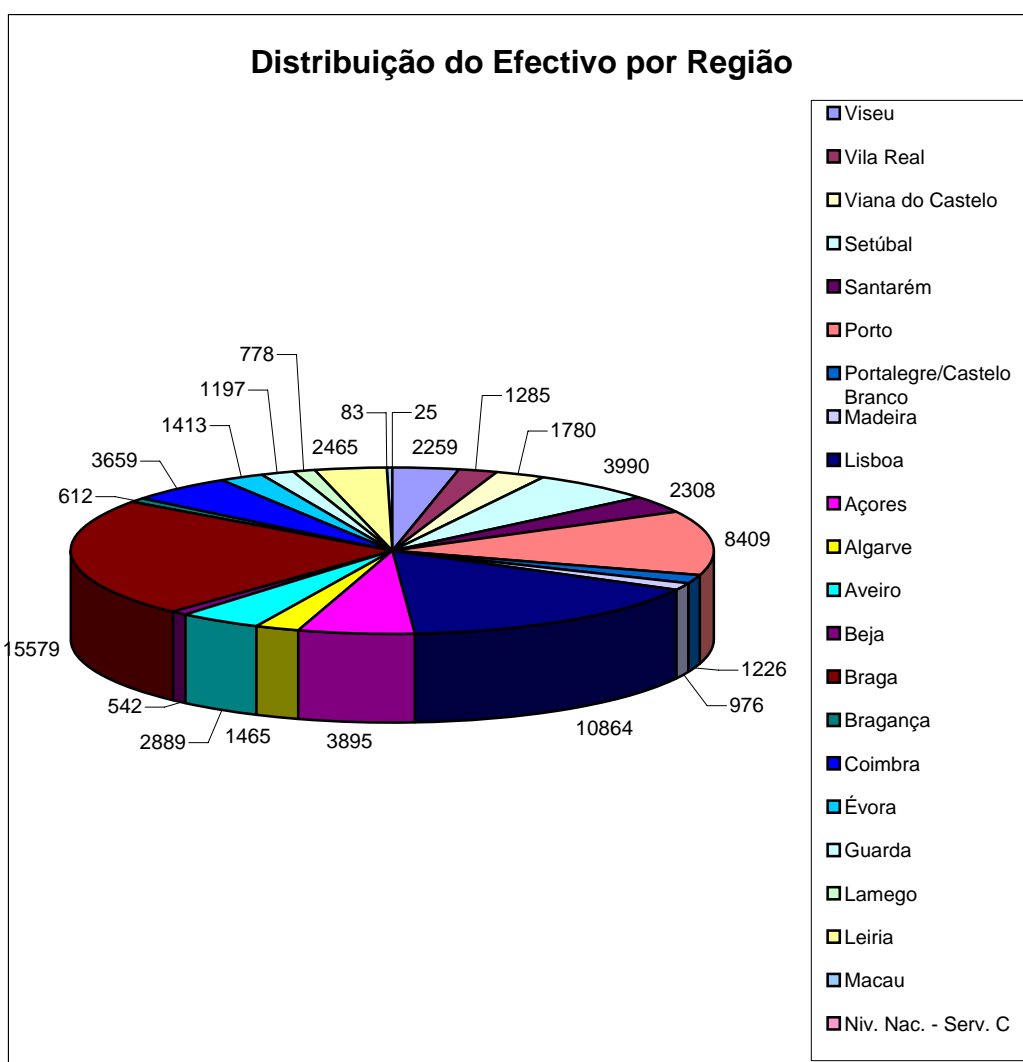


Gráfico 1 – Distribuição do Efectivo por Região
 Fonte: <http://pep.cne-escutismo.pt> (2005)

No que diz respeito à evolução do número de agrupamentos entre 1979 e 2005 (gráfico 2) verifica-se que de uma forma geral houve um crescimento positivo ao longo deste período de tempo que culminou em 2005 onde se registou um maior número de agrupamentos num total de 951. Relativamente à evolução global dos filiados (gráfico 3) é possível concluir que entre 1979 e 2000 existiu um crescimento do número de elementos nos agrupamentos e, apesar de existirem algumas oscilações entre 2000 e 2005, não foram muito significativas no cômputo geral. Sendo de realçar que em 2003 registou-se o número mais elevado de filiados com 70.081 elementos.

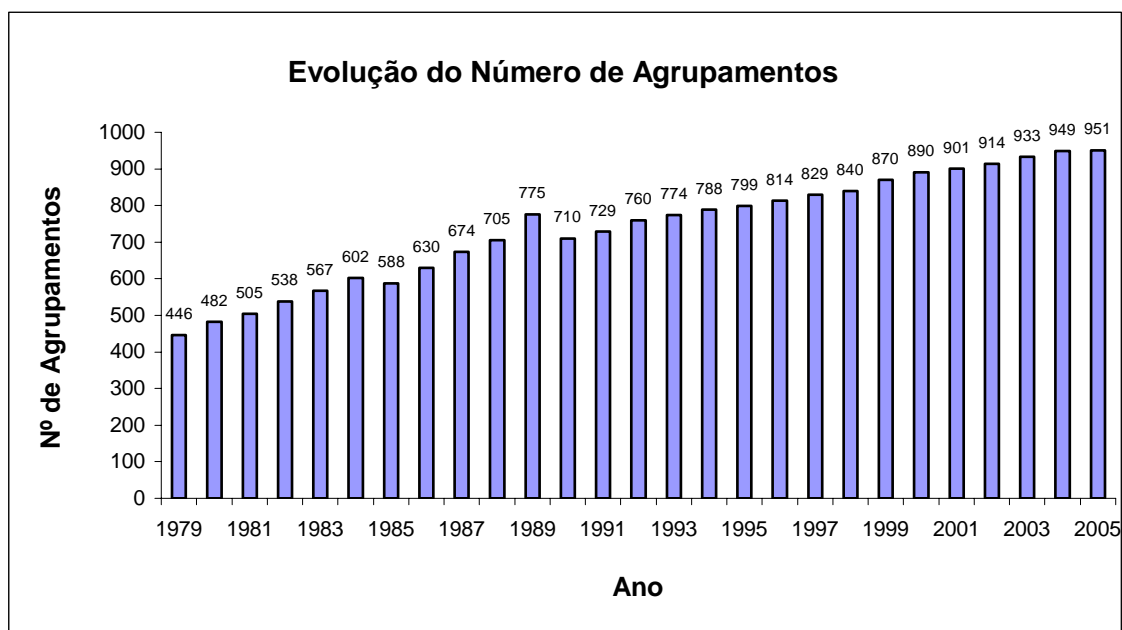


Gráfico 2 – Evolução do Número de Agrupamentos

Fonte: <http://pep.cne-escutismo.pt> (2005)

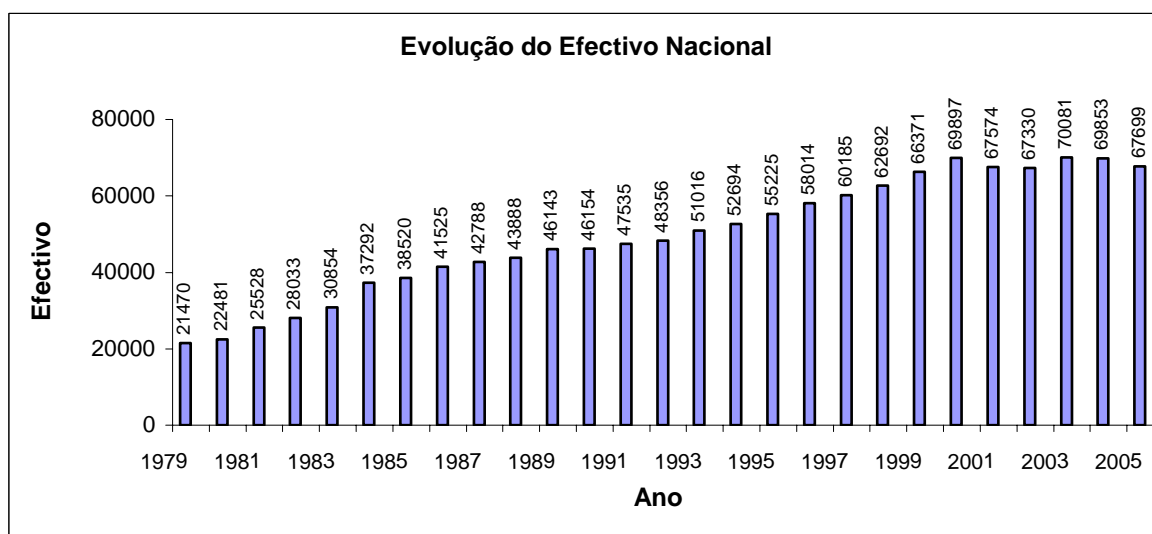


Gráfico 3 – Evolução de Efectivo Nacional

Fonte: <http://pep.cne-escutismo.pt> (2005)

No que se refere ao número de ingressos por ano entre 1990 e 2005 (gráfico 4) foram considerados os novos ingressos/aspirantes excluindo os dirigentes. Podendo-se constatar, que em 2003 verificou-se o valor mais elevado do número de ingressos com 12101 entradas, que correspondem, através da análise do gráfico anterior, ao maior número de filiados nesse mesmo ano. Quanto ao número de saídas por ano (gráfico 5) estas foram calculadas tendo por base o número de efectivos do ano corrente, do ano anterior e os ingressos do ano corrente. Os valores mais elevados correspondem aos anos de 2005 (12.477 saídas) e 2001 (12.455 saídas).

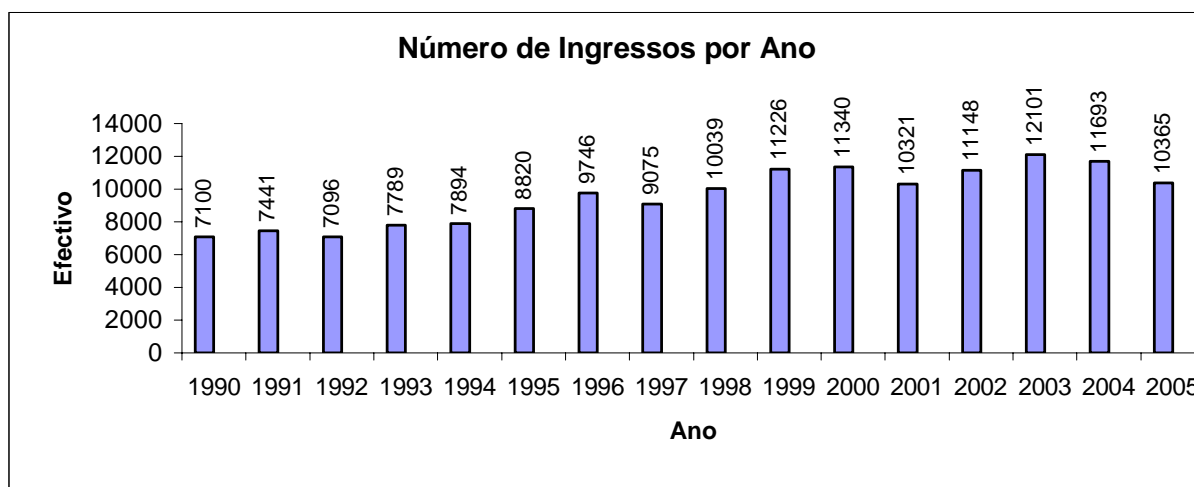


Gráfico 4 – Número de Ingressos por Ano
Fonte: <http://pep.cne-escutismo.pt> (2005)

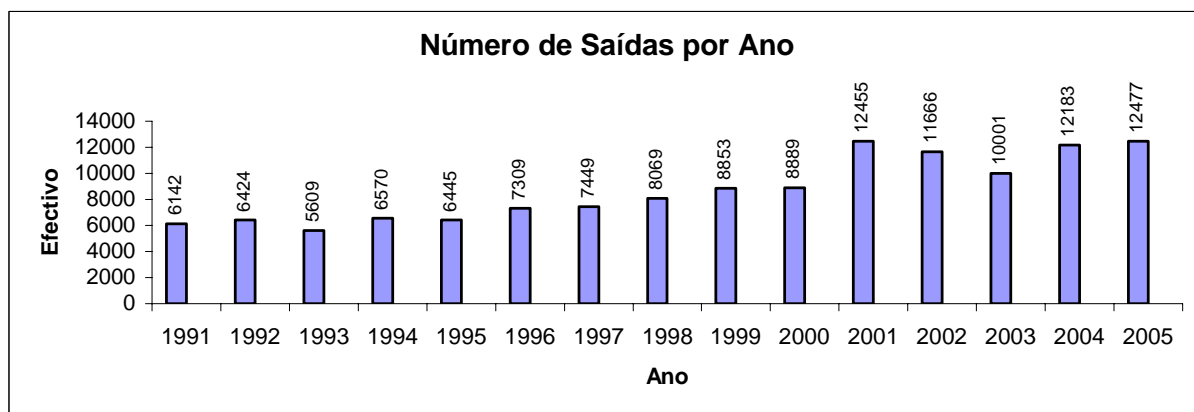


Gráfico 5 – Número de Saídas por Ano
Fonte: <http://pep.cne-escutismo.pt> (2005)

Perante a análise destes dados pode-se verificar que em termos globais este movimento está implementado um pouco por todo o país. Eventualmente, poder-se-á considerar que algumas das regiões que apresentam um menor número de agrupamentos são aquelas a

que correspondem as regiões do interior que, normalmente, são caracterizadas por graves problemas demográficos, nomeadamente uma população envelhecida e um acentuado défice de jovens.

É de realçar que estes dados estão contidos num estudo de carácter provisório desenvolvido pelo C.N.E., como tal, a informação retirada diz respeito aos agrupamentos que apresentaram censos; ou seja, não foram contabilizados os agrupamentos que não entregaram os mesmos e, pontualmente, agrupamentos ainda em formação até à data da realização do referido estudo.

1.5. Associação Guias de Portugal (A.G.P.)

“Outro papel fundamental hoje, na educação da mulher, é o escotismo (...). A formação das guias é a escola de formação individual; é a ligação das crianças a um esteio, a uma força. Cada uma procura ser melhor, dia a dia, e corrigir os seus próprios defeitos, ser guia é tomar, na vida, a responsabilidade de tudo quanto se faz (...)” (Vicente, 2004: 93).

Miss Denise E. Lester, uma senhora inglesa, funda em 1926 o primeiro grupo de guias do Porto, constituído por raparigas inglesas, portuguesas e americanas. Oficialmente, a Associação Guias de Portugal (A.G.P.), foi fundada em 1931 permanecendo activo, integrando a Associação Mundial de Guias, abrangendo esta 150 países. Foi nesse ano que recebeu a visita de Baden-Powell e de sua esposa. Nesta altura, D. Carolina Machado (ajudante de Miss Lester) sucede à mesma passando a chefiar o movimento. Entre esse ano e 1933 deu-se início à formação de guias de nacionalidade portuguesa em Lisboa (31/01/2006, www.agpquidismo.com).

Em 1934, D. Fernanda d'Orey tornou-se Comissária Nacional dando outra expressão ao guidismo, preocupou-se em encontrar dirigentes portuguesas para a associação, procurando, desta forma, substituir os quadros de outras nacionalidades, aumentando a importância da cultura e da sociedade portuguesa neste movimento. Ainda nesse ano, a A.G.P. é reconhecida pelo Governo, e o seu estatuto aprovado pelo art. 1º do Dec. Lei nº 23760, de 11 de Abril. “(...) à semelhança da AEP, a AGP estava organizada como uma federação de companhias (equiparadas aos grupos de escuteiros) com direcções autónomas, que podiam ser abertas, semi-abertas ou fechadas. As últimas eram companhias confessionais, constituídas exclusivamente por guias praticantes de uma mesma religião; as semi-abertas eram pluridenominacionais, mas destas não podiam fazer parte as jovens católicas; as abertas, numa singular excepção, admitiam a convivência inter-religiosa de raparigas (...)” (Vicente, 2004: 92-93).

Em 1936 surge a primeira revista para as jovens portuguesas, a “Joaninha”, editada por António Maria Lopes. No ano de 1937, devido à agitação provocada pela Guerra de Espanha e à tensão que deu origem à II Guerra Mundial, existe uma pausa no movimento, mantendo-se activo apenas na região da Madeira, onde esta associação promoveu o acolhimento de crianças refugiadas da guerra. O guidismo retomou as suas actividades em 1957.

Em 1960, Lady Baden-Powell visitou a A.G.P., numa altura em que o movimento tinha-se alargado a outras partes do país (Beja, Olhão, Santo Amaro de Oeiras,...). Em 1963 esta associação foi aceite como membro associado da WAGGGS, na 18ª Conferência Mundial. Em 1973 realizou-se o primeiro Acampamento Nacional em Vila Chã de Ourique.

O movimento foi premiado (“Prémio Olave”), em 1992, pelo acolhimento dos refugiados da guerra da Bósnia, realizado em Lisboa, pela Patrulha Poney.

Em 2001 esta associação comemorou os 70 anos, juntando as guias de todo o país em Lisboa e contando com a presença do Presidente da República Jorge Sampaio, o qual atribuiu a condecoração de Membro Honorário da Ordem de Mérito a este movimento (31/01/2006, www.agpguidismo.com)..

“Basicamente, o guidismo é um movimento interconfessional de educação e formação integral da rapariga, fundado por Baden-Powell. (...) Viver em grupo, viver ao ar livre, firmar um compromisso e progredir são os pilares do guidismo. A sua pedagogia, adaptada às diferentes idades, é activa e baseada no jogo. E virada para o desenvolvimento da personalidade e da responsabilidade individuais no seio da comunidade” (Gomes Luís, Luísa (2001), *Guias e Escuteiros: “Contribuir para um Mundo Melhor”*. Pais & Filhos. Maio, p. 88).

O guidismo divide-se em diferentes partes, mediante o nível etário: azevinhas (6 aos 10 anos); guia aventura (10 aos 14 anos); guia caravela (14 aos 17 anos) e guia moinho (depois dos 17 anos). Nas azevinhas as crianças aprendem a viver em grupo através do jogo; na guia aventura aprendem a viver em patrulha, a participar no projecto do grupo e a descobrir a natureza; a guia caravela pretende incentivar cada jovem a dar o seu melhor, desenvolvendo a ajuda e a responsabilidade individual e da patrulha, procurando a sua progressão; na guia moinho dedicam-se à descoberta do outro, procuram servir a comunidade e a associação (31/01/2006, www.agpguidismo.com).

“Este espaço, que privilegia a criatividade e o sentido de si e dos outros, educa para a autonomia, a responsabilidade e a solidariedade. O guidismo educa ainda para o sentido crítico e a tolerância. O espírito de serviço é outro dos seus componentes. O guidismo defende a paz e a amizade e ensina a proteger a natureza” (Gomes Luís,

Luísa (2001), Guias e Escuteiros: “Contribuir para um Mundo Melhor”. *Pais & Filhos*. Maio, p. 90).

As actividades têm como objectivo o desenvolvimento: físico, emocional, intelectual, social, moral e espiritual. Para atingir este desenvolvimento integral os programas pedagógicos baseiam-se em temas como a saúde e desporto, arte e cultura, guidismo e técnica, ar livre e o serviço à comunidade (principalmente a partir dos 17 anos). Existem, actualmente, em Portugal cerca de oito mil guias referentes a cento e vinte companhias presentes em doze distritos (31/01/2006, www.agpguidismo.com).

A fase mais difícil na vida destes movimentos deu-se entre 1936 e 1942:

“A mais difícil etapa de sobrevivência do CNE correspondeu, como verificado em relação à AEP e AGP, ao período compreendido entre 1936 e 1942. O marco inicial coincidiu com a transformação, por obra do ministro António Carneiro Pacheco, do Ministério da Instrução Pública em MIP (Ministério da Educação Nacional), pólo essencial de doutrinação do regime; coincidiu também com deflagrar da Guerra Civil de Espanha, indissociável de um momento de recrudescimento fascizante no regime português. A dissolução da OEP (Organização Escotista de Portugal), operada pelo Decreto Nº 26.611, de Maio de 1936 e confirmada, cinco dias antes do início do conflito espanhol, pela Portaria Nº 8.848, demonstrou o desafecto governativo pelas actividades escutistas, pela primeira vez na sua história” (Vicente, 2004: 86).

Antigos Escuteiros e Guias

“Existem ainda vários outros milhões, entre os adultos, que passaram pela nossa formação escutista, não só no que respeita ao carácter, à saúde e à actividade e ao patriotismo activos, mas no sentido mais amplo da amizade e da fraternidade entre uns e outros, sem ter em conta classes, credos ou nacionalidades, em países estranhos aos seus” (Baden-Powell in Sica, 1986: 26)

Os antigos escoteiros que tiveram necessidade de deixar o movimento escotista (escoteiros e guias) criaram a Fraternal de Antigos Escoteiros de Portugal (F.A.E.P.) reconhecida pela Fellowship of Former Scouts and Guides, de forma a manterem os laços que os uniam ao movimento e aos seus princípios. Existe, também, a Fraternidade de Nuno Álvares (F.N.A.) que é uma associação constituída pelos antigos elementos do C.N.E. e que procura manter os laços de amizade estabelecidos enquanto pertenciam ao Corpo Nacional de Escutas e dar continuidade ao que começaram dentro do movimento (seguir a Lei e os Princípios) (31/01/2006 www.cne-escutismo.pt).

*

Ao analisar os movimentos escutistas em Portugal (A.E.P., C.N.E. e A.G.P.) pode-se concluir que os mesmos mantêm como pedra basilar os princípios de Baden-Powell e o seu método e que estes se inserem dentro dos princípios da Educação Nova / Escola Nova e entre eles: a **aprendizagem através de jogos e actividades lúdicas em interacção com a natureza**, construções e técnicas, orientação (aprender a fazer), a **solidariedade, respeito por si próprio e pelos outros e responsabilidade** (aprender a viver com os outros), a **auto-educação e a educação do carácter** (aprender a ser). Independentemente das questões religiosas que distinguem o C.N.E. dos outros movimentos e a coeducação que diferencia a A.G.P. por ser composta somente por raparigas, estes três movimentos mantêm uma cultura escutista comum, nomeadamente o Sistema de Patrulhas e o Sistema de Progresso, assim como o privilegiar a vida na natureza, o jogo ao ar livre, o desempenho de cargos, tarefas, trabalhos manuais e o “aprender fazendo”. É possível afirmar que existe uma *alma mater* comum entre a A.E.P., C.N.E. e A.G.P., que procuram seguir o espírito e o método de B.P. e promover o sentido de aventura, tendo sempre por base o serviço aos outros, a Boa Acção diária. Isto é, prepará-los para a sua integração na sociedade vivendo, segundo o ideal “O homem prudente não conta apenas com um vago Paraíso num futuro longínquo. Sabe que pode constituir o seu céu aqui e agora neste Mundo” (Baden-Powell in Sica, 1986: 134).

2. O aprender a viver com os outros na pedagogia escutista

Do rio que tudo arrasta se diz que é violento.
Mas ninguém diz violentas
As margens que o comprimem.
(Brecht, (s/d): 73)

A escola deve ser um espaço único de construção da liberdade e da responsabilidade, onde o professor seja um promotor da imaginação e dos afectos entre as crianças e jovens, criando com estes uma interacção que lhes permita ver que o Homem não deve ser um ser só e isolado.

2.1. O “eu” e os “outros”

Pode-se considerar a agressividade tanto individual como colectiva uma constante que tem acompanhado o ser humano. A necessidade que o Homem tem de se afirmar perante as outras espécies e perante ele próprio tem-no levado a cometer vários crimes com as desculpas mais absurdas para a sua agressividade.

Pode-se constatar que, infelizmente, a agressividade está cada vez mais presente na nossa sociedade. Os *media* têm contribuído negativamente, para esta realidade não só ao dar uma maior visibilidade à violência como ao banalizá-la. É rara a primeira página de um jornal, ou noticiário de rádio ou de televisão que não noticie um crime, uma guerra, um conflito. A violência serve, infelizmente, de tema aos mais diversos programas televisivos (desenhos animados, filmes, telenovelas,...), banalizando a agressividade e o conflito, reflectindo-se negativamente na sociedade e em particular na escola. Será que os professores têm ao seu dispor ferramentas que lhes permitam converter toda a energia negativa que as crianças e jovens, eventualmente, transportem em algo de positivo? Não poderá o escutismo contribuir com a sua experiência educacional para uma escola mais versátil na procura de novos caminhos educacionais?

Aparentemente, as pessoas têm dificuldade em conviver, vive-se, muitas vezes, centrado no “eu” e esquece-se o “outro”. Os indivíduos entram constantemente em conflito, tornando-se agressivos física e verbalmente para com o próximo.

As crianças e os jovens demonstram, por vezes, alguma dificuldade em respeitarem o outro, em relacionarem-se. Criam códigos e vocabulários próprios, demarcam e lutam por territórios, objectivos, por vezes, supérfluos e vazios de valor humano. Esta atitude gera

conflitos entre eles, dificultando a sua integração na sociedade em geral e na escola em particular.

Esta cultura de violência e agressividade é, muitas vezes, potenciada por alguns jogos agressivos do computador ou do que visualizam na televisão, sendo levados a considerar a violência como algo normal, principalmente, quando são confrontados com a mesma sem terem algum apoio para a compreenderem, por parte da família ou do professor. Uma grande parte do tempo destas crianças e jovens é feito de solidão. Uma parte substancial do seu tempo é passado à frente desses pequenos ecrãs, em vez de partilharem experiências e jogos com os colegas ou simplesmente conversarem, levando-os por vezes a distanciarem-se do outro em vez de o tentarem conhecer.

O meio familiar condiciona, muitas vezes, as amizades das crianças/jovens consoante os factores socio-económicos, culturais, provocando, inconscientemente, um isolamento dos seus filhos em relação ao meio onde deveriam estar integrados, não permitindo que os mesmos interajam com determinados colegas. Sendo visível, muitas vezes, nas escolas, crianças colocadas de parte por não possuírem as roupas ou brinquedos da moda, por terem uma deficiência, outro tom de pele, usarem óculos, aparelho, entre outros motivos de exclusão.

A grande questão que se pode colocar é se a educação não será um meio privilegiado para alterar este ciclo de preconceito, intolerância e violência para um ciclo de respeito, amizade e solidariedade.

“A educação tem por missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta” (Delors, 1996: 84).

Segundo Delors (1996), um dos pilares da educação é o aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros. Este pilar demonstra a importância de educar as crianças/jovens a aprenderem a conviver com os outros, tendo sempre como base o respeito, a tolerância e a solidariedade.

“Sem dúvida, esta aprendizagem representa, hoje em dia, um dos maiores desafios da educação. O mundo actual é, muitas vezes, um mundo de violência que se opõe à esperança posta por alguns no progresso da humanidade” (Delors, 1996: 96).

É fundamental transmitir às gerações mais novas a importância da amizade e do respeito. Demonstrar-lhes que é possível viver-se sem violência e preconceito, numa constante aprendizagem ao relacionar-se com o outro, ao conhecê-lo e ao respeitá-lo.

Poderá dizer-se que a escola actual ainda não consegue “construir” este pilar. Ao visitar-se uma escola, muitas vezes, encontramos crianças/jovens a agredirem-se de forma física e/ou verbal, a colocar um colega de parte porque, simplesmente, é oriundo de meios socio-económicos, culturas ou raças diferentes. A aparente resolução destes conflitos passa, por vezes, pelo castigo em vez do diálogo com os alunos, procurando alertá-los para a importância de se respeitar o próximo.

2.2. Aprender a conviver dentro do escutismo

Perante a sociedade actual onde cada vez mais se fala em violência nas escolas não será o movimento escutista uma “escola” para “combater” esta adversidade?

Ao conhecer-se o escutismo é notória a finalidade do mesmo em educar integralmente o indivíduo, tendo em conta quatro bases educativas: carácter, saúde-e-vigor, habilidade manual, serviço aos outros (Powell, 2003a). Em que um destes pólos (serviço aos outros) consiste em que as crianças/jovens aprendam a relacionar-se umas com as outras através da vida em grupo (bandos/ patrulhas/ equipas), no sentido de cooperação e de solidariedade (realizar sempre uma boa acção).

“Assim, pela própria vida do grupo, pelos apelos ao crescimento que uma lei e um compromisso pouco a pouco interiorizados representam; pelas acções escolhidas e decididas em conjunto, as crianças podem ser conduzidas a descobrir-se a si próprias, e a descobrir as suas relações com os outros. Farão a sua aprendizagem de vida social; tomarão consciência de solidariedades cada vez mais vastas...” (Equipa Nacional dos “Scouts de France”, 2003: 85).

Vida em grupo que, segundo Faria de Vasconcelos, também deveria estar presente nas escolas “Os alunos formam uma república na qual partilham, segundo as suas aptidões e com o seu assentimento livremente expresso, os cargos que incumbem à pequena sociedade escolar, nomeadamente dos representantes (junto da direcção da escola e da comissão de pais) votam leis, etc.” (in Meireles-Coelho; RODRIGUES, 2006: 4966-4967).

No escutismo a felicidade surge da descoberta de si próprio, dos outros e da vida em comum, tendo por base o respeito e a amizade. O que é visível na 3ª Lei do Escuta “O Escuta é útil e pratica diariamente uma boa acção”, na 4ª Lei “O Escuta é amigo de todos e irmão de todos os outros Escutas” e na 1ª Máxima do Lobito (criança dos 6 aos 10 anos) “O Lobito pensa primeiro no seu semelhante”. Leis e Máximas a partir das quais as crianças e jovens orientam a sua vida, guiam o seu caminho. Consolidando-as através da Promessa (interiorização dos Princípios e Leis e adesão dos escuteiros em percorrer um caminho baseado nos ideais do movimento).

Promessa do Escuteiro

“Prometo, pela minha honra e com a graça de Deus, fazer todo o possível por: Cumprir os meus deveres para com Deus e a Pátria. Auxiliar os meus semelhantes em todas as circunstâncias. Obedecer à Lei do Escuta” (Powell, 1908: XV).

Promessa do Lobito

“Prometo da MELHOR VONTADE: Ser leal a Deus e à Pátria e cumprir a Lei da Alcateia. Praticar diariamente uma boa acção” (Powell, 2003b: 10).

“A admissão nas fileiras escutistas dá lugar a uma cerimónia em que o futuro escuteiro toma o compromisso solene de ser leal para com Deus e o seu País, para com os princípios da Associação e de prestar o seu auxílio ao próximo quando puder” (Powell, 2002: 27).

A educação escutista pretende que cada criança/jovem aprenda a interagir com os outros, sendo um membro activo na sua comunidade, seja ela local, nacional ou internacional. “O Escuteiro é activo Fazendo o Bem e não passivo Sendo Bom. É seu dever auxiliar os outros e mostrar-se generoso para com eles” (Powell, 1908: 257). É nesta perspectiva de pensar no próximo, em ser-se solidário e amigo que surge a Boa Acção (B.A.), “A B.A. cria o reflexo de pensar nos outros, a aptidão para ver o que lhes falta e a prontidão, fonte de grande alegria, em fazer por eles o que nos é possível. Muitos escuteiros chamados a um serviço de maior responsabilidade, confessam que a prática da B.A. esteve na origem da sua vocação” (Forestier, 1993: 48).

O escutismo permite às crianças/jovens viverem em sociedade com direitos e responsabilidades, permitindo a cada um encontrar o seu lugar na sociedade e perceber que tem a possibilidade de a tornar melhor.

Este movimento tem por base a coeducação, onde é respeitada a individualidade pessoal e sexual de cada um, ajudando cada criança/jovem a conhecer o outro, o seu modo de ser e necessidades. As crianças/jovens aprendem, assim, através de um ambiente coeducativo, baseado na igualdade de oportunidades e no respeito pelos outros.

“O Movimento escutista define-se como um movimento educativo para os jovens, baseado no voluntariado: é um movimento de carácter não político, abertos a todos sem distinção de origem, raça, ou credo, em conformidade com as finalidades, princípios e método (...) A coeducação escutista não é, só, um método, mas também uma forma particular de educação adaptada às condições particulares e que deste modo reflecte as finalidades do Movimento, enquanto movimento educativo” (Transcrição de diversas publicações, 2004: 5).

O escutismo é um movimento aberto a todos, onde prevalece o respeito pelos outros, o respeito pela diferença. “O Escutismo dirige-se a todo e qualquer jovem. Os jovens com deficiências não são excluídos devido à sua limitação. O Escutismo também é feito para eles e pode dar-lhes tanto ou mais que a outros jovens. Além disso, esse enriquecimento não é unilateral e os jovens com deficiências têm muito a trazer ao nosso Escutismo e a nós mesmos” (Federation des Scouts Catholiques, 1994: 9). O movimento escutista acredita num mundo novo, mais fraterno, baseado na amizade e no respeito pelo outro, no enriquecimento pessoal de cada um através do contacto com a diferença e da aceitação dos outros tal como são.

Poder-se-á dizer que um dos factores importantes para que as crianças/jovens aprendam a conviver com os outros, advém do facto de estarem organizados com base num Sistema de Patrulhas. Nomeadamente no C.N.E:

I Secção – Designada como Alcateia, constituída por dois a cinco Bandos, preferencialmente mistos e identificados por uma das cinco cores: branco, cinzento, preto, castanho e ruivo. Cada bando deve conter entre quatro a seis elementos dos 6/7 anos até aos 10/11 anos. Ao espaço desta secção chama-se Covil.

II Secção – Designada como Grupo Explorador, constituído por duas a cinco Patrulhas, preferencialmente masculinas ou femininas e identificados por nomes de animais. Cada patrulha deve ter entre quatro a oito elementos dos 10/11 anos até aos 14 anos. Ao espaço desta secção chama-se Cabana.

III Secção – Designada como Grupo Pioneiro, constituído por duas a cinco Equipas, preferencialmente mistas e identificadas por nomes de animais ou personalidades. Cada equipa deve ter entre quatro a oito elementos dos 14 anos até aos 17 anos. Ao espaço desta secção chama-se Abrigo.

IV Secção – Designada como Clã, constituído por duas a cinco Equipas, preferencialmente mistas e identificadas por nomes de personalidades. Cada equipa deve ter entre cinco a oito elementos dos 17 anos até aos 22 anos. Ao espaço desta secção chama-se Base (Mana: 2000).

De forma a criar um clima de cooperação, amizade e responsabilidade é estabelecido em cada secção uma pequena comunidade em que em cada bando, patrulha e equipa, todos os elementos desempenham um cargo importante dentro do grupo. Por exemplo, na I secção (lobitos) cada bando deve ter um guia, um subguia e outros cargos escolhidos pelos elementos constituintes.

“Quando se trabalha em conjunto sobre projectos motivadores e fora do habitual, as diferenças e até os conflitos interindividuais tendem a reduzir-se, chegando a desaparecer em alguns casos. Uma nova forma de identificação nasce destes projectos

que fazem com que se ultrapassem as rotinas individuais, que valorizam aquilo que é comum e não as diferenças” (Delors, 1996: 85).

No escutismo procura valorizar-se cada criança/jovem, pretende-se que cada indivíduo progrida dentro do pequeno e/ou grande grupo e na relação que estabelece com o mesmo. Neste sentido, dentro deste movimento existe um Sistema de Progresso relativo à evolução de cada criança/jovem em que o dirigente/educador atribui Insígnias de Progresso (bronze, prata e ouro), Insígnias de Competência (para a I, II e III secções) e de Especialização (IV secção), de forma a incentivá-lo a continuar a percorrer o seu percurso através de algumas áreas temáticas, nomeadamente relacionados com o conviver com os outros, por exemplo: nos lobitos: “Ajuda aos Outros” e a “Vida de Alcateia”, nos exploradores: “Os Outros e a Boa Acção” e a “Vida da Associação (Patrulha), nos pioneiros: “Ajuda ao Próximo” e “Vida do Movimento (Equipa)” e nos caminheiros: “Servir” e o “Escutismo (Equipa)” (Mana: 2000).

“Parece, pois, que a educação deve utilizar duas vias complementares. Num primeiro nível, a descoberta progressiva do outro. Num segundo nível, e ao longo de toda a vida, a participação em projectos comuns, que parece ser um método eficaz para evitar ou resolver conflitos latentes” (Delors, 1996: 84).

O escutismo procura, desde cedo, que o indivíduo aprenda a viver com os outros. Assim, as crianças, através da vida em alcateia (grande grupo), aprendem a organizarem-se, a respeitarem uma Lei e a respeitarem Àquela (dirigente/educador), que os orienta. É na vida em grupo que cada criança aprende a colocar os interesses dos outros acima dos seus, pensar primeiro no próximo e só depois em si próprio, não alimentando o individualismo, mas projectando este para o bem comum.

Os lobitos aprendem as regras através do jogo e a conviver com os outros, respeitando-os, realizando sozinhos ou em bando novas experiências e descobertas. É nas actividades / jogos que cada lobito oferece o seu contributo em prol do grupo, desenvolve a sua personalidade e enriquece a alcateia. Aprende a ser solidário em todas as circunstâncias (nas alegrias, tristezas, esforços e fraquezas).

“Graças às riquezas e aos problemas do nosso tempo e a fim de desenvolver em cada criança a sua espontaneidade, a sua criatividade em efervescência e o desejo de verdade, o lobitismo tem uma tarefa original que pode desempenhar com vigor real em ligação com a família e com a escola: tal como queria Baden-Powell, permitir pelo jogo em grupo fazer crescer em cada criança as suas próprias capacidades e qualidades, ao serviço aos outros. Que a criança possa dar cada vez mais o seu melhor onde vive, com a consciência do que o seu próprio meio pode esperar dela. Re-

sumindo, ensina-lhe a fazer em cada dia o seu melhor, para ela própria e para os outros” (CNE, 1991: 6).

Através da vida em alcateia e em bando cada lobito encontra o seu lugar no seio do grupo, sente-se especial e procura não só o seu bem-estar mas também o bem-estar dos irmãos lobos. Aprende a conviver não só com as outras crianças, mas também com os jovens e os adultos, procura ajudar o próximo e a valorizá-lo, cria laços de afectividade e de fraternidade.

“Passando a descoberta do outro, necessariamente, pela descoberta de si mesmo, e por dar à criança e ao adolescente uma visão ajustada do mundo, a educação, seja ela dada pela família, pela comunidade ou pela escola, deve antes de mais ajudá-los a descobrir-se a si mesmos. Só então poderão, verdadeiramente, pôr-se no lugar dos outros e compreender as suas reacções” (Delors, 1996: 84).

As crianças vivem em conjunto, respeitando a diferença, e onde cada uma dá o seu melhor na vida em alcateia, procurando desta forma contribuir e enriquecer, assim, as actividades. Cada criança descobre-se a si mesma e aos outros. O escutismo pretende permitir aos mais novos exprimirem-se, tomarem decisões e realizarem diferentes experiências nas caçadas (actividades) que realizam.

É no seio do grupo que aprendem a ouvir os colegas, a respeitá-los, a comunicar uns com os outros, a compreender e a partilhar experiências e conhecimentos. É desta comunicação que surge um projecto comum que é colocado em prática através do jogo, vocacionado para a natureza.

É através do jogo escutista que as crianças/jovens organizadas em grupo, aprendem a viver conjuntamente respeitando os outros, criando laços de amizade e fraternidade e entram juntos em diversas aventuras rodeadas de mística e simbologia.

“Porque olhando os jovens, Baden-Powell sabe que não é com “sermões” sobre ideal de vida que conseguirá fazer com que ele seja aceite. Por isso, cria um Jogo, juntando os rapazes e organizando-os em grupos, com papéis, regras e espaços definidos. Para esse Jogo, que testa em Brownsea, escreve histórias, evoca ambientes, apresenta pessoas/heróis, propõe símbolos; numa palavra: cria um Imaginário. E do diálogo entre este Imaginário e a sua intenção educativa, que é transmitir aos jovens o ideal de vida sintetizado no Espírito Escutista, nasce a Mística, que dá forma, alma e conteúdo ao Jogo Escutista” (Assistência Nacional, 2003: 14).

Nas diversas actividades (acampamentos, raids, jogos), aprendem a ajudar-se mutuamente, a partilhar tarefas, a ouvir os colegas, a esperar (quando alguém fica para trás num raid), a acompanhar as dificuldades que alguns companheiros podem sentir em de-

terminadas actividades, a apoiar aquele que entra pela primeira vez no escutismo, a prestar auxílio a quem se magoa no decorrer de uma actividade (primeiros socorros). Nos acampamentos vivem em pequenas comunidades, onde desempenham diferentes tarefas (cozinham, montam o campo,...) em proveito do grupo e auxiliam-se nas diversas funções. Durante os fogos de conselho cantam, animam a noite, criando momentos únicos de confraternização e união.

*

O escutismo desempenha um papel primordial na construção de um dos pilares da educação: aprender a viver com os outros. Em cada actividade escutista o sentido de grupo (bando/ patrulha/ equipa) apresenta-se como forma de desenvolvimento pessoal e social, onde cada criança/jovem desenvolve valores importantes como a solidariedade, fraternidade, amizade e respeito pelo próximo. Neste movimento aprendem a pensar primeiro em prol do grupo, em ajudar o outro e, acima de tudo, em respeitar a diferença. O que as crianças/jovens aprendem dentro do escutismo não se limita ao movimento mas é alargado à sociedade onde cada um procura fazer algo pelo próximo (realizar diariamente uma boa acção) e pelo bem comum (tentar tornar o mundo um pouco melhor). A par do desenvolvimento do espírito de grupo, desenvolve o espírito e a prática de uma cidadania universal, considerando-se cada escuteiro como um «cidadão do mundo», irmão de todos os outros escuteiros onde quer que esteja. Segundo Palhares, o escutismo fornece aos jovens “uma oportunidade de se desenvolverem como cidadãos responsáveis na acção e pela acção (... de) se poderem transformar em sujeitos da sua própria educação” (Palhares, 2007).

3. O aprender a fazer na pedagogia escutista

“Partindo do ribeiro da infância e seguindo pelo rio da adolescência, empreendes uma viagem de aventura através do oceano da idade adulta em direcção ao porto do destino”

(Powell, 2004: 23).

Jacques Delors defende a importância do conceito aprender a fazer para o desenvolvimento sustentável da educação. É fundamental que as crianças e jovens construam o seu próprio caminho, com as suas experiências e descobertas. Contudo, para que isso seja possível é necessário possibilitar-lhes momentos de descoberta, onde cada criança/jovem seja um elemento activo na sua aprendizagem.

3.1. Um dos pilares da educação: aprender a fazer

A UNESCO defende que um dos pilares da educação é o “Aprender a fazer, a fim de adquirir, não somente, uma qualificação profissional mas, numa maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipa. Mas também, aprender a fazer, no âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho que se oferecem aos jovens e adolescentes, quer espontaneamente, fruto do contexto local ou nacional, quer formalmente, graças ao desenvolvimento do ensino alternado com o trabalho” (Delors, 1996: 88).

A escola deve ter um carácter dinâmico, onde a criança tenha a oportunidade de aprender fazendo; isto é, a escola deve ser um espaço aberto, onde a partilha dos conhecimentos e a descoberta dos mesmos seja uma constante.

Segundo Faria de Vasconcelos “Os trabalhos manuais, tais como tecelagem, olaria, modelagem, encadernação, trabalho com madeira e ferro, completam o quadro dos exercícios físicos e constituem um factor precioso para o desenvolvimento físico e intelectual. Além de satisfazerem a necessidade de actividade tão imperiosa nestas idades, desenvolvem competências para a observação, comparação, imaginação, estimulam o espírito de iniciativa e construtividade, favorecem o desabrochar de qualidades de precisão, fornecem múltiplas ocasiões para aplicar diversos conhecimentos – em ciências naturais, cálculo, geografia física, etc. – de que são um meio de expressão real e viva. As crianças adquirem assim habilidades manuais necessárias na vida” (Maireles-Coelho; Rodrigues, 2006: 4963).

A educação harmoniosa da criança está em grande parte dependente da relação da escola com o meio onde está inserida. À criança deve ser dada a oportunidade de interagir e descobrir o mundo que a rodeia, através do contacto directo com tudo o que este lhe oferece, realizando experiências, contactando com as artes e ofícios, a cultura, o desporto e desenvolvendo trabalhos práticos que lhe permita descobrir as suas potencialidades.

“Ao pôr a voar os papagaios, um Escuteiro procurará a melhor forma a dar às suas diversas partes e como as equilibrar convenientemente. Estudará também as variações do vento, os poços de ar, etc.. São coisas muito úteis que não se encontram nos livros” (Powell, 2001: 40).

A escola não deve ser formatada nem ter um sentido único. Esta deve permitir aos alunos uma aprendizagem diversificada que passa, muitas vezes, pelo contacto directo com animais, plantas, objectos e com actividades práticas que lhes permitam aplicar os conhecimentos adquiridos, encontrando, desta forma, a utilidade dos mesmos. Deve, ainda, dar-lhes a conhecer outros meios, culturas e novas vivências.

Também Baden-Powell defendia que “O passatempo e trabalhos manuais criam a perícia, porque aquele que empregue todo o seu pensamento e energias supérfluas a fazer coisas não pode deixar de aperfeiçoar consideravelmente os seus trabalhos; e onde o entendimento se aplica à mão, a imaginação e a iniciativa aparecem, e do trabalho do amador há muitas vezes quem passe a inventor” (Powell, 2004: 21).

É possível verificar a importância da aprendizagem activa, em que as crianças e jovens tenham a possibilidade de manipular objectos, de construir algo, de trabalhar com diferentes materiais, de desenvolver tarefas apelativas em que se sintam motivados e onde aprender seja aprazível. Ao realizarem diferentes actividades, ao aprenderem a fazer algo, vão sentir-se encorajadas a continuar a aprender e a tentar aperfeiçoar-se cada vez mais nas tarefas que desempenham.

A Escola Nova defende uma aprendizagem activa, centrada nos interesses dos alunos e onde a criança é um interveniente activo na sua aprendizagem. A Proposta de Lei de 1913-04-29 para criar a Escola Nova em Portugal defendia que “A actividade dos alunos, livre dos exercícios escolares, exercitar-se-á nos jogos livres e organizados, nos exercícios militares e de pioneiros (*boyscouts*), nos exercícios ginásticos, nas culturas experimentais, conservação e tratamento dos jardins, horta e pomar, nas observações científicas (*nature study*) intuitivas e experimentais sobre os seres vivos brutos; exercícios práticos de agrimensura, preço de compra e venda dos géneros, desenho do natural, canto coral, etc.” (in Meireles-Coelho, 2005a: 2009).

É fundamental para o desenvolvimento harmonioso das crianças e jovens que estes possam ter acesso a diferentes actividades (jogos, trabalhos manuais, exploração do meio envolvente, debates, pesquisas, entre outras) que lhes proporcionem experiências únicas, onde realizem as suas descobertas, tornem-se responsáveis ao realizar as tarefas, aprendendo de uma forma aliciante e desenvolvendo a sua criatividade. “No meio do campo aberto que Deus nos dá, de preferência em excursão – isto é, em passeio – aspirando os esplendores do céu, da terra e do mar; vendo as cores dos bosques e dos campos cheirando as flores e o feno; ouvindo a música dos regatos e das aves e o segredar do vento, aprendendo a conhecer os animais e os seus hábitos até te convenceres de que és sócio de todos e reconheces que fazes parte do grande plano da Natureza” (Powell, 2004: 167).

3.2. Aprender a fazer dentro do escutismo

Dentro do escutismo existe uma elevada preocupação com a aprendizagem activa que é concretizada através da realização de tarefas individuais e/ou colectivas. Perante um dos pólos educativos deste movimento: habilidade manual, é possível verificar que o escutismo procura, através da relação com o meio, desenvolver uma formação prática e ajudar as crianças e jovens a aprenderem a produzir antes de consumir.

“Para o escutismo, fabricação, criatividade, invenção, são meios de educação. O rapaz que inventa uma solução para um problema concreto aprende a viver. O que criou um objecto e o realizou com as suas próprias mãos aprende a conhecer a natureza do que lhe é exterior, aprende também a conhecer a sua natureza de homem capaz de transformar as coisas” (Equipa Nacional dos “Scouts de France”, 2003: 73).

Segundo Baden-Powell a razão pela qual o escutismo é tão atractivo “(...)vem-lhe do estudo da Natureza e dos conhecimentos da vida ao ar livre, dos trabalhos manuais em madeira, rústicos e toscos. Ocupa-se do indivíduo e não do conjunto. Desperta qualidades intelectuais, bem como qualidades puramente físicas ou morais” (Powell, 2003: 31).

O método escutista procura estabelecer uma educação pela acção, isto é, uma educação activa, através de um escutismo coeducativo e vivencial. A partir de um Sistema de Patrulhas em que se vive em pequenos grupos com o auxílio de dirigentes, é proporcionado às crianças a descoberta de responsabilidades, incentivando a autonomia e desenvolvendo, deste modo, o carácter, a autoconfiança e o serviço aos outros. “Primeiros socorros, serviço de bombeiro, acampar ou construir pontes, etc., contribuem para a habi-

lidade manual e esforço intelectual, visto que o jovem, ao trabalhar em cooperação com os outros, é responsável pela parte que lhe compete nessa tarefa” (Powell, 2003: 55).

As actividades típicas e o Sistema de Progresso são outros aspectos deste método, estas actividades devem ser variadas e estimulantes, tendo como base não só o interesse dos participantes mas, também, os objectivos. As crianças e os jovens são intervenientes activos na preparação e concretização das actividades, que podem ser desde jogos a técnicas ou serviços à comunidade. “São os bons jogos ao ar livre, as excursões a pé, os acampamentos, a alimentação sadia, acompanhados de necessário descanso, que proporcionam ao jovem saúde e vigor natural e não por métodos artificiais” (Powell, 2003: 69).

Segundo Baden-Powell “No Escutismo a instrução deve dar-se tanto quanto possível por meio de práticas, jogos e concursos. Os jogos devem ser organizados principalmente como desafio de equipas, em que a Patrulha forma a equipa e cada um dos rapazes joga e não é mero espectador”(in Philipps, 2004: 49).

Sabendo que as crianças e os jovens gostam de se divertir através de brincadeiras, correr, saltar, de ter momentos onde possam dar largas à sua imaginação (ser um super-herói, construir os seus brinquedos, as suas casas, cozinhas...) Baden-Powell criou o jogo escutista onde as gerações mais novas podem realizar o que muitas vezes imaginaram (cabanas, pórticos, mesas, cozinhas - uma pequena aldeia construída em grupo e com a ajuda de um adulto).

“Para crescer a criança tem ao mesmo tempo necessidade de exprimir os dinamismos que traz em si mesma (lutar, construir, etc.) e de descobrir o que a rodeia, explorando-lhe as possibilidades ou os obstáculos. É disto que nasce o JOGO” (Equipa Nacional dos “Scouts de France”, 2003: 34).

Pode-se dizer que no escutismo valoriza-se bastante o pilar do aprender a fazer. Nas actividades (acampamentos, raids, entre outras) cada criança/jovem tem a oportunidade de construir o que precisa, de aprender algo novo (fazer lume, cozinhar, realizar nós, ninhos, comunicar através de códigos e a orientar-se no meio da natureza). Também tem a possibilidade, através do exercício de cargos (tesoureiro, secretário, socorrista, cozinheiro...) dentro de cada bando/patrulha/equipa, de aprender diversas funções ao longo do seu percurso escutista. Cada escuteiro tem, assim, a oportunidade de aprender fazendo.

“A criança quer estar a fazer coisas; por isso, encorajai-a a fazê-las na direcção correcta, e deixai-a cometer os seus erros; é por meio destes que ela ganha experiência” (Baden-Powell in Sica, 1986: 28).

Ao debruçarmo-nos sobre o escutismo é possível encontrar algumas semelhanças com a Escola Nova. Isto deve-se, provavelmente, ao facto do movimento escutista ter surgido numa época em que alguns pedagogos defendiam a Educação Nova centrada nos interesses do aluno e na aprendizagem através da experiência e da descoberta. Também o escutismo baseia-se nas necessidades das crianças e jovens, valorizando-as. “A época em que viveu [B.P.], coincide com os grandes ensaios da chamada Escola Nova. Creio que todas as características da dita Escola Nova, principalmente três, foram aproveitadas no método pedagógico de B.P.: a doutrina dos interesses e respeito pela individualidade da criança, o sentido de agrupamento, com chefia imediata, a nível horizontal, e a actividade espontânea e planeada ou seja a educação pelo trabalho” (Loureiro, (s/d): 23). Ambos defendem o desenvolvimento integral do indivíduo, uma educação em todas as suas dimensões. Privilegiando a criatividade e o trabalho manual. “Os trabalhos manuais surgem aqui, não como um fim em si, mas antes como um meio de educação e aspiram à formação integral do aluno” (Pintassilgo, 1998: 235). Defendem uma aprendizagem activa e respeitadora de cada criança.

Os métodos de ensino (método activo) e o método escutista procuram corresponder aos interesses dos mais novos, pretendem ser aliciantes e motivadores. É privilegiado o contacto com os objectos, com o meio envolvente e experiência, partindo-se dos conhecimentos da criança para avançar para o desconhecido. Esta é levada a descobrir e a descobrir-se, agindo sobre a realidade e superando os problemas que possam surgir. O educador/dirigente fornece os meios à criança para que ela própria se desenvolva. “O segredo de uma sã educação é fazer com que cada aluno aprenda por si mesmo, em vez de instituí-lo injectando-lhe conhecimentos de uma maneira estereotipada” (Baden-Powell in Sica, 1986: 68).

A educação é centrada na criança, sendo esta vista como um todo, com determinadas características, como um ser activo que necessita de agir livremente, de saciar a sua curiosidade, de conhecer o outro e o mundo. “O Escutismo é um método de educação activa. Como tal o reconheceram os pioneiros da Escola activa. Maria Montessori, por exemplo, escrevia: “Em Inglaterra tendes os boys-scouts, cuja educação é a sequência natural da que eu dou às crianças”. (...) Baden-Powell é, para os partidários da Escola activa, “o seu mais ilustre representante fora da escola propriamente dita” (Forestier, 1993: 41).

Tanto o escutismo como a Escola Nova defendem uma educação centrada nos interesses do aluno/escuteiro, garantindo a sua autonomia e liberdade. Ambos valorizam as iniciativas da criança, acreditando que o conhecimento surge através da experiência, pro-

porcionando a descoberta pelo próprio aluno/escuteiro. O professor/dirigente preocupa-se em facultar um ambiente favorável a experiências, partindo dos interesses e necessidades de cada criança, incentivando-lhe o gosto de aprender. Segundo Cousinet a Educação Nova “consiste, na verdade, numa atitude diferente para com a criança. Essa atitude é feita de compreensão, de amor (...) É uma aceitação da infância como ela é, uma atitude de reconhecimento do valor da infância como um período necessário no desenvolvimento do homem” (Cousinet, 1978: 24). Nesta nova educação a criança é vista com respeito, por ela, pela sua personalidade e pela sua necessidade de agir livremente. “Respeitar o sujeito é apoiá-lo, é fazê-lo penetrar no espaço do seu desejo. Deste modo, o pedagogo encontra-se situado entre uma procura que deve atender e um desejo que deve promover libertando-o da procura”(Resweber, 1988: 5).

É essencial que as crianças e jovens gozem a vida ao ar livre, aproveitando o que a natureza oferece. Daí que durante as actividades escutistas, nomeadamente nos acampamentos, têm a possibilidade de explorar a natureza, procurando interagir com a mesma através da criação de abrigos, da prática de jogos que atestam a sua capacidade de sobrevivência e em que cada criança/jovem sente-se como um elemento integrante do ambiente. “Sabemos que o que no Escutismo atrai os jovens, e ao mesmo tempo lhes serve de educação, é o verdadeiro acampamento: isto é, aquele onde eles preparam as suas próprias instalações, até ao ponto de previamente fabricarem as suas próprias tendas e aprenderem a cozinhar os próprios alimentos. Depois a montagem das tendas em locais separados, em recantos escolhidos, o serviço de abastecimento de água e de lenha, a preparação dos locais de banho, cozinhas de campo (...), tudo isto despertam vivo interesse e constituem ensino precioso” (Powell, 2003: 76-77). Tornando-os responsáveis não só durante o acampamento, mas também na preparação do mesmo “Antes de mais nada, com certeza que querem ter algum dinheiro para irem para o acampamento, ou pagar as despesas de um campo itinerante, ou ainda darem o vosso óbulo a uma obra de caridade. Eis uma boa ocasião para se porem a esculpir objectos de madeira, recortar quebra-cabeças (jogos de entretém feitos com pequenas peças recortadas que, juntas, formam uma imagem), fabricar móveis, etc., tudo coisas que poderão vender” (Powell, 2001: 44).

Segundo Baden-Powell “Depois do acampamento (e este deve ser tão frequente quanto possível) é segundo e ainda mais poderoso antídoto do que a sede. A atmosfera franca e arejada e a camaradagem de convivência prolongada nas tendas, no campo, e à roda da fogueira, estabelece entre os rapazes o melhor entendimento possível (...)” (Powell, 2003: 28).

Durante os *raids*/caminhadas têm a oportunidade de partir à descoberta do meio ambiente, orientando-se por sinais de pista (caminho a evitar, caminho a seguir, regressar a casa, voltar à direita,...) e aprendendo a identificar os sinais da natureza. O culminar do dia escutista termina com o fogo de conselho. Ali, à volta de uma fogueira, termina um dia de aprendizagem, exaustivo mas preenchido de emoções e descobertas. É através do canto, da representação, da dança que os escuteiros, tentam criar um momento especial de convívio e cumplicidade. “O canto e as representações teatrais são excelentes para ensinar os jovens a exprimirem-se. Também implicam boa colaboração, aprendendo cada um o seu papel e desempenhando-o bem, não para ser aplaudido, mas para contribuir para o êxito de todo o espectáculo” (Powell, 2003: 90).

O movimento escutista apresenta-se como uma forma agradável de desenvolvimento da habilidade manual das crianças e jovens. “De vez em quando, por meio de actividades caseiras, mas mais especialmente nos acampamentos praticando explorações, construção de pontes, improvisações de acampamentos, expressão pessoal através das artes, todas as quais contribuem para criar artífices capazes. Em síntese auto-expressão. Todos estes elementos concorrem para produzir aptos a enfrentar qualquer empreendimento” (Powell, 2003: 34). Desenvolvendo, deste modo, nos escuteiros (em particular nos mais jovens) a vontade de construir algo, de viver durante alguns dias numa pequena comunidade (acampamento) integrada na natureza. Onde tudo o que é essencial à sua sobrevivência é frugal e realizado pelos escuteiros, devendo dispensar o supérfluo, procurando maximizar os recursos que advêm da natureza, e sabendo que no próximo acampamento o que vão fazer/construir ainda será melhor e mais perfeito. Apercebem-se que ao longo do tempo e com o decorrer das diversas actividades vão aprender cada vez mais e aperfeiçoar o que já sabem.

*

De forma sumária, é possível verificar que o escutismo é um movimento que privilegia a aprendizagem activa centrada nos interesses dos seus elementos. O pilar do aprender a fazer está patente em cada actividade escutista, em cada construção que as crianças/jovens realizem dentro e fora dos acampamentos. Os escuteiros aprendem a desenvolver a sua criatividade nas actividades que desenvolvem e aperfeiçoam-se cada vez mais nas suas tarefas (cozinhar, realizar nós, construções,...). Tornando-se, deste modo, seres autónomos e responsáveis nas funções que desempenham. “No fundo, a atribuição

de responsabilidades no seio da patrulha, o espírito de colaboração e de cooperação que emergia nos jogos, nas actividades e nos vários cenários de interacção escutista, orientados para a consecução de objectivos comuns e partilhados, prefiguravam-se, por conseguinte, como valiosos contributos para a realização da aprendizagem dos sentidos da Democracia e da Experiência da cidadania democrática” (Palhares, 2007).

4. O aprender a ser na pedagogia escutista

“Contentai-vos com o que tendes e tirai dele o maior proveito que puderdes.
Vede sempre o lado melhor das coisas e não o pior.
Mas o melhor meio para alcançar a felicidade é contribuir para a felicidade dos outros.
Procurai deixar o mundo um pouco melhor de que o encontrastes
e, quando vos chegar a vez de morrer,
podeis morrer felizes sentindo que ao menos não desperdiçastes o tempo
e fizestes todo o possível por praticar o bem.”

(Powell, 1908: 303).

É essencial demonstrar às crianças e jovens a importância de determinados valores como a fraternidade, paz, liberdade e a tolerância entre outros, incentivando-as a pautarem o seu caminho em princípios e valores que lhes “alimentem” o sentido de solidariedade, de amizade e, conseqüentemente, de felicidade.

4.1. A importância de se aprender a ser

“Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autónomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida” (Delors, 1996: 85-86).

Um dos pilares da educação defendidos pela UNESCO é o aprender a ser, provavelmente, pode-se questionar qual a importância deste pilar e como ajudar as crianças/jovens a desenvolvê-lo.

É fundamental que cada indivíduo seja autónomo, responsável, que exprima os seus sentimentos, respeitando-se a si mesmo e ao próximo. As crianças/jovens necessitam de descobrir a sua importância no seio da família, no grupo escolar, de amigos e na sociedade, para que se valorizem enquanto ser humano, com as suas diferenças, opiniões, gostos, opções. Cada um deve aprender a conhecer-se a si próprio, as suas dificuldades, os seus gostos e aprender a conhecer os outros. É neste sentido que o Movimento Escutista poderá desempenhar um papel activo em prol do desenvolvimento integral do indivíduo.

“Mais do que nunca a educação parece ter, como papel essencial, conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver os seus talentos e permanecerem, tanto quanto possível, donos do seu próprio destino” (Delors, 1996: 86).

É essencial que cada indivíduo aprenda a conhecer-se e a conhecer o mundo que o rodeia em todas as suas diferenças e similitudes. Nesta procura de si e dos outros o indiví-

duo encontra na educação um meio privilegiado para o ajudar no seu crescimento pessoal, preparando-o para a sua integração na sociedade.

“(…) A educação é antes de mais nada uma viagem interior, cujas etapas correspondem às da maturação contínua da personalidade. Na hipótese de uma experiência profissional de sucesso, a educação como meio para uma tal realização é, ao mesmo tempo, um processo individualizado e uma construção social interactiva” (Delors, 1996: 87).

A educação pode e deve ajudar as crianças e jovens a encontrarem o seu próprio caminho, a adquirirem forças e meios que lhes permitam realizar o seu percurso, encontrando o seu lugar dentro da sociedade. Segundo Edgar Faure “(…) a educação, pelo conhecimento que ela dá do ambiente onde se exerce, pode ajudar a sociedade a tomar consciência dos seus próprios problemas, com a condição de centralizar os seus esforços na formação de homens completos, conscientemente comprometidos na via na via da sua emancipação colectiva e individual, e pode contribuir grandemente para a transformação e para a humanização das sociedades” (Faure, 1972: 113).

Daqui que a educação é o contexto em que cada um constrói o seu próprio ser em devir permanente; o *aprender a ser* é o *aprender a tornar-se* mais e melhor humano, em permanente educação ao longo da vida, num ***aprender a aprender*** que constitui a marca específica de cada um. “Aprender para viver; aprender a aprender, de maneira a poder adquirir conhecimentos novos ao longo de toda a vida; aprender a pensar de maneira livre e crítica; aprender a amar o mundo e a torná-lo mais humano; aprender a desenvolver-se no e pelo trabalho criador” (Faure, 1972: 130).

Segundo Faria de Vasconcelos é fundamental centrar a educação na criança, nas suas vivências e experiências. “Educação física e intelectual não são apenas o prelúdio da educação moral e social; bem orientadas, constituem a mais larga e eficaz preparação. Não se destinam a tornar a criança um animal robusto, a mobilar o seu espírito com bons conhecimentos, mas também a fazê-la adquirir qualidades viris do carácter, espírito de iniciativa, autonomia, responsabilidade pessoal; a prepará-la para se tornar senhora de si própria, que se autogoverna e que, com um coração vibrante, se sente solidária com os outros seres humanos” (Maireles-Coelho; Rodrigues, 2006: 4966).

4.2. O pilar do aprender a ser no escutismo

O escutismo pode ser encarado como um movimento que pretende desenvolver o pilar do aprender a ser, tendo em consideração que Baden-Powell fundou o escutismo “Para

um fim bem definido: formar o carácter, fazer desabrochar nesses rapazes amorfos o cidadão consciente e eficiente, capaz de levar sozinho, se for preciso, uma existência útil aos outros” (Bastin, 1980: 188). O Escutismo é a auto-educação do carácter. “O nosso escutismo propõe aos rapazes serem os artífices do seu desenvolvimento, isto é, de serem eles próprios. A relação consigo mesmo, eis o verdadeiro carácter” (Equipa Nacional dos “Scouts de France”, 2003: 55).

Este movimento cuja finalidade passa pela educação integral dos indivíduos baseia-se em quatro áreas educativas: carácter, saúde-e-vigor, habilidade manual (criatividade), serviço aos outros (Powell, 2003a). Os dois primeiros pólos demonstram a preocupação do escutismo em ajudar cada criança/jovem a conhecer o seu “eu” e a desenvolvê-lo baseando-se num sistema de valores presentes na Lei e Princípios do movimento. Ajudando-os a sentirem-se realizados e a desempenharem um papel construtivo no escutismo e na sociedade. Contudo, esta missão só resulta através da formação dos jovens ao longo dos anos e utilizando um método original e dinâmico em que cada criança/jovem é o principal agente do seu próprio desenvolvimento, de forma a torná-los autónomos, responsáveis e solidários. O facto de estarem inseridos num grupo evidencia a importância de cada um dentro do mesmo. “A Patrulha é sempre a unidade em Escutismo, quer para o trabalho quer para os jogos, para a disciplina ou para o dever” (Powell, 2003a: 42).

O escutismo pretende que as crianças e jovens acreditem em si e nas suas capacidades procurando serem cada vez melhores. Neste sentido, é fundamental que adquiram novas competências, progredindo num processo de formação contínua. Para isso, existe um Sistema de Progresso onde se valoriza a evolução de cada criança, atribuindo Insígnias de Progresso elevando, assim, a sua auto-estima e confiança. Para além destas insígnias existem as Insígnias de Competência dirigido à I, II e III secções e de Especialidade para a IV secção.

As Insígnias de Competências e de Especialidades têm como objectivo incentivar as iniciativas e empenhamento pessoal em projectos nas suas unidades, enriquecendo-se e enriquecendo as mesmas. Contribuindo para que cada um percorra a sua própria pista completando as perspectivas abertas pelas Etapas de Progresso nas áreas temáticas (Higiene e Saúde, Segurança, Orientação,...) que mais os aliciam.

É de salientar que a educação escutista não substitui a educação fornecida a partir da escola e da família, mas poderá ser um complemento importante e uma mais valia para a formação do indivíduo.

O escutismo, tal como na generalidade da educação, baseia-se num sistema de valores. Estes são expressos nos Princípios do movimento: dever para com Deus, dever para com os outros e dever para consigo próprio. “Os valores de uma pessoa orientam a maneira pela qual se conduz na vida. É dentro do mesmo sentido que se pode falar dos valores dum grupo social – um grupo escutista ou uma equipa de futebol – de uma sociedade ou ainda de uma geração” (World Scout Bureau, 1996: 35).

O movimento escutista deseja, de certa forma, educar para os valores. Através do seu método propõe a cada criança e jovem um conjunto de valores que visam todas as dimensões da vida, desenvolvendo a capacidade de optar por valores como: responsabilidade, liberdade, respeito, fraternidade e sentido comunitário.

Para as crianças e jovens, os valores escutistas estão expressos nos Princípios (referências comportamentais), na Lei (expressão máxima dos valores) e na Promessa (compromisso pessoal e voluntário):

Princípios

“O Escuta orgulha-se da sua fé e por ela orienta toda a sua vida. O Escuta é filho de Portugal e bom cidadão. O dever do Escuta começa em casa” (Powell, 1908: XV).

Lei do Escuta

“A honra do Escuta inspira confiança. O Escuta é leal. O Escuta é útil e pratica diariamente uma boa acção. O Escuta é amigo de todos e irmão de todos os outros Escutas. O Escuta é delicado e respeitador. O Escuta protege as plantas e os animais. O Escuta é obediente. O Escuta tem sempre boa disposição de espírito. O Escuta é sóbrio, económico e respeitador do bem alheio. O Escuta é puro nos pensamentos, nas palavras e nas acções” (Powell, 1908: XV).

Lei da Alcateia

“O Lobito escuta Àquela. O Lobito não se escuta a si próprio” (Powell, 2003b: 10).

Máximas do Lobito

“O Lobito pensa primeiro no seu semelhante. O Lobito sabe ver e ouvir. O Lobito é asseado. O Lobito é verdadeiro. O Lobito é alegre” (Forestier, 1993: 131).

A Lei pretende orientar as crianças e jovens ao longo da sua vida.

“O rapaz não é governado por NÃO FAÇAS, mas é levado por FAZ. A Lei do Escuta foi elaborada mais para o guiar nas suas acções do que para lhe reprimir os defeitos” (Powell, 2003a: 41).

Pode-se dizer que no caso do Corpo Nacional de Escutas (C.N.E.)- Escutismo Católico Português os valores também estão presentes nos vários patronos do movimento.

I Secção: S. Francisco de Assis – Modelo para os lobitos pela sua simplicidade, caçadas, pela sua entrega aos mais necessitados e pela sua relação com o Lobo (História do Irmão Lobo). “Francisco de Assis, o Santo da pobreza, da alegria, da humildade e do amor pela Natureza, apresenta uma mensagem fácil para os Lobitos e um ideal de felicidade que vem de encontro e permite fazer a iluminação cristã do imaginário próprio da Alcateia, que é “O Livro da Selva” (Assistência Nacional, 2003: 47).

II Secção: S. Jorge – considerado por B.P. um modelo para os escuteiros. “Para Baden-Powell, quer no contexto histórico, quer no lendário, S. Jorge possui a capacidade de tomar uma posição, independentemente das consequências, sabendo que estava a agir conforme a sua consciência e com coragem, moral e física. São estas características que devem ser encarnadas por cada escuteiro” (Assistência Nacional, 2003: 49).

III Secção: S. João de Brito – Um exemplo a seguir. “A força interpelante de uma vida totalmente entregue ao anúncio do Evangelho e coroada com o martírio é susceptível de oferecer, aos Pioneiros, um caminho para além do horizonte, capaz de transmitir um sentido global à existência, um sentido absoluto que abre as portas a uma nova experiência de comunhão e permite adquirir razões mais profundas de empenhamento e de compromisso com Deus e com a História, porque oferece uma nova compreensão de si próprio e a consciência de novas finalidades para a vida” (Assistência Nacional, 2003: 79).

IV Secção: S. Paulo – Foi um caminheiro de Jesus Cristo. “S. Paulo é o Santo da maturidade cristã, aquele em quem a experiência da fé e das suas exigências se apresenta com maior evidência. É por isso natural o facto de ele ser proposto como Patrono dos Caminheiros. Para além de ser o maior caminhante, importa nele o facto de ser sinal que indica caminho e desafio a caminhar” (Assistência Nacional, 2003: 97).

O escutismo pretende que o indivíduo procure tornar-se cada vez melhor, a confiar em si próprio, a ser responsável e autónomo e, principalmente, a ser ele próprio.

“A Educação consiste em levar o homem a tornar-se cada vez mais homem, a poder ser mais e não só a poder ter mais. (§) Consequentemente, a que, através de tudo o que tem e de tudo o que possui, saiba ser mais plenamente homem com os outros e para os outros. (§) A sociedade de hoje preocupa-se muito com o fazer e o saber – fazer; com o ter e o saber – enriquecer; com o prazer e o saber – gozar. (§) Dará igual importância ao ser e ao saber – ser?” (Veiga, 2003: 11)

Este movimento tem a particularidade de envolver vários factores motivantes para as crianças e jovens, revelando-se um jogo apelativo e educador.

“O Escutismo é um belo jogo, se o praticarmos com vontade e verdadeiro entusiasmo. Como acontece com os outros jogos, verificaremos que, praticando-o, fortaleceremos o corpo, o cérebro e o espírito” (Powell, 1908: 293).

É o imaginário que possibilita que a mística se torne o sentido do jogo e dos jogadores, resultando num “processo personalizado de interiorização, de auto-construção, de adesão progressiva e pessoal aos valores transmitidos pelo conjunto dos símbolos, heróis, tradições...que constituem esse Imaginário, em pleno Jogo, regulado pelas regras que o orientam – a Lei, à qual cada um se vincula pessoalmente pela Promessa” (Assistência Nacional, 2003: 14). Assim sendo, podemos encontrar neste movimento o imaginário, a aventura, a espiritualidade e o contacto com a natureza. Cada criança tem nas suas mãos a possibilidade de construir algo novo num ambiente saudável, convivendo com os outros e estando em constante aprendizagem.

O escutismo é um meio educacional que visa o desenvolvimento integral do indivíduo, seguindo o conceito de que à máxima responsabilidade corresponde a máxima liberdade. Neste sentido, é fundamental atribuir-se responsabilidades a cada um para que dê o seu melhor, sinta o papel importante que desempenha dentro e fora do escutismo e para o seu enriquecimento pessoal. Baden-Powell recomendava aos mais novos “Lembra-te que ao terminares os estudos não estás plenamente educado para seres homem. Ensina-te principalmente a aprender. Se queres triunfar, precisas de concluir a tua educação educando-te a ti mesmo. Proponho que o faças com três objectivos principais: prepara-te para as responsabilidades do teu futuro ou profissão, de futuro pai de filhos, de cidadão e guia de outros homens” (Powell, 2004: 23).

O escutismo procura desenvolver já em criança (lobitismo) o carácter, a criatividade, a autonomia, o sentido de liberdade, de respeito e de solidariedade. Pretende que cada criança se desenvolva no seio do grupo (bando), tomando consciência das suas responsabilidades e do papel que desempenha no mesmo.

No lobitismo as crianças têm a possibilidade de desenvolver o carácter, partindo dos valores escutistas. As crianças aprendem a conhecer-se a si próprias e aos outros. Os lobitos são motivados a superarem-se na execução das tarefas e actividades, procurando-se desta forma que os mesmos tenham uma larga autonomia nas suas decisões e um profundo espírito de equipa, aprendendo a respeitarem-se e a respeitarem os outros.

As crianças vivem em grupo (alcateia), e cada lobito aprende a relacionar-se com os outros e a desenvolver a sua personalidade. “A finalidade do Lobitismo é fazer cada criança

(dos 6 aos 10 anos) descobrir as facetas da sua personalidade e expandi-las” (Quadros da Formação da Fédération des Scouts Catholiques, 2001: 14).

As crianças vivem em conjunto, respeitando a diferença, e onde cada uma dá o seu melhor na vida em alcateia, procurando desta forma contribuir e enriquecer, assim, as actividades. Cada criança descobre-se a si mesma e aos outros. O lobitismo pretende possibilitar aos mais novos exprimirem-se, tomarem decisões e realizarem diferentes experiências nas caçadas que realizam.

É através dos jogos e das actividades, tendo sempre em conta cada criança como um ser único e respeitando as suas diferenças, que o escutismo procura desenvolver a sua imaginação, autonomia, responsabilidade, sentido crítico e a sua abertura aos outros.

“A imaginação da criança é transbordante, mas já percebeu que queremos frequentemente guiá-la, limitá-la a temas impostos e dominá-la com uma lógica adulta. Na Alcateia, a imaginação é treinada para se libertar através da criação de situações, disfarces... E é enriquecido por tudo o que na vida da Alcateia permite descobrir e pelo desenvolvimento da abertura aos outros e da sensibilidade” (Quadros da Formação da Fédération des Scouts Catholiques, 2001: 15).

O escutismo, tal como a Escola Nova, tem uma visão motivadora para as crianças, pois considera fundamental a educação na infância como raiz do desenvolvimento educacional do indivíduo. Valorizando a criança como um ser único e especial, respeitando assim a sua individualidade e procurando responder às suas necessidades. “A escola verdadeira, autêntica não pode dissociar-se da vida real do educando, visando (...) uma educação pela vida e para a vida, pois é por ela e com ela – com uma educação deste tipo – que o homem a si próprio se faz Homem” (Tavares, 1979: 23).

O escutismo pretende basear-se nos interesses das crianças e jovens e levá-los a viverem experiências onde se descubram a si mesmos. A educação escutista procura, com as suas actividades, que cada um, de uma forma natural, adquira determinados valores e conhecimentos, sabendo a razão de ser dos mesmos. Pretende a sua formação integral, tendo em conta as quatro bases educativas: carácter, saúde-e-vigor, habilidade manual serviço aos outros, formação esta para uma cidadania activa. Contudo, Baden-Powell deixou um alerta “Não deixes a técnica sobrepor-se à moral. O desembaraço em campo, a arte do explorador, o campismo, as expedições, as boas acções, os Jamborees, a camaradagem, tudo isso são meios, não o fim a atingir. O fim é o carácter – carácter com um propósito. Esse propósito é que a próxima geração seja dotada de bom senso num mundo insensato, e desenvolva a mais elevada concretização do serviço, que é o Serviço activo do Amor e do Dever para com Deus e o próximo” (Baden-Powell in Sica, 1986: 80).

As crianças e os jovens ao possuírem um cargo dentro de um grupo, ao desempenharem um papel importante para o movimento e para a sociedade, realizando tarefas em defesa do ambiente, na descoberta do próximo e de si próprios, procurando reger-se por determinados valores como a amizade e a solidariedade, tornam-se elementos fundamentais dentro e fora do movimento. Os escuteiros têm a possibilidade de se sentirem úteis e importantes para o bem comum (aprendem a dar o seu contributo nos acampamentos, dentro da sede, em todas as actividades). Aprendem a ser responsáveis pelas suas atitudes, a optarem (dentro e fora das actividades) e a serem autónomos, procurando tomar a iniciativa, a viverem em comunidade.

“A repressão do *ego* (egoísmo) e a expansão daquele amor e serviço do próximo, que revela Deus dentro de nós, produzem, em cada um, total mudança de sentimento e com esta o vislumbre do verdadeiro Céu. Faz de cada indivíduo um ser diferente. **O problema que agora se lhe põe não é “Que posso eu alcançar” mas, “Que posso eu dar na vida?”**. Seja qual for afinal a forma da sua religião, o jovem terá compreendido por si, as suas bases essenciais e, conhecendo-as pela prática, torna-se cidadão de vistas largas, cheio de bondade e simpatia, para os homens seus semelhantes” (Powell, 2003a: 100).

O escutismo pretende desenvolver o carácter, demonstrando a cada criança/jovem o seu valor, o seu papel diante dos outros, procurando conhece-los, compreende-los e respeitá-los. É um movimento aberto a todos, respeitando a diversidade e demonstrando a importância de se ser diferente num mundo cada vez mais igual. “Somos muito semelhantes a tijolos numa parede – temos cada um o seu lugar, embora nos possa parecer um lugarzinho pequeno numa parede tão grande. Mas se um tijolo se desagregar, ou sair do lugar, começa a exigir dos outros um esforço indevido, aparecem rachas, e a parede desmorona-se” (Baden-Powell in Sica, 1986: 107).

Este movimento desempenha um papel fundamental ao demonstrar a cada indivíduo que é diferente, sendo essa diferença um sinal de identidade, que o torna especial.

“Aquilo a que chamamos *natureza* exprime uma realidade *universal* que encontramos experimentalmente em todos os homens. Não é o todo da nossa existência. Seja qual for a floresta, cada folha revela a essência da árvore, mas não se funde com mais nenhuma folha. Não existem duas folhas absolutamente iguais. Da mesma maneira, cada um de nós é uma ideia singular do Criador que não se repete. A nossa vocação pessoal consiste em descobri-la, ouvir no fundo de nós próprios o misterioso apelo a uma forma de existência única, o nome porque Deus nos chama e atrai” (Forestier, 1993: 44).

*

O escutismo surge como uma forma de ajudar as crianças e jovens a aprenderem a ser, a tornarem-se solidários e a ganharem confiança em si próprios. A educação escutista permite-lhes desenvolver a auto-estima, para que não tenham receio de intervir, de dar as suas opiniões. Encontram no movimento um meio de se autoeducarem, de serem eles próprios e de procurarem tornar-se cada vez melhores na base da fraternidade e do respeito pelo outro.

“Buda disse “Só há uma maneira de expulsar o Ódio do Mundo, e essa maneira é inculcar nele o Amor”. Temos diante de nós a oportunidade para, em vez do egoísmo e da hostilidade, inculcarmos paz e boa vontade no espírito das gerações vindouras” (Baden-Powell in Sica, 1986: 25).

5. A cidadania na pedagogia escutista

“Os jovens cidadãos têm de conquistar por si o direito ao protagonismo na sociedade em que se encontram – enquanto esta lhes deve criar, como a todos os cidadãos, condições de igualdade de oportunidades, capazes de darem sentido útil à igual consideração e respeito devido a todos”
(Martins, 1991: 123).

Numa sociedade livre e democrática é fundamental que todos tenham acesso às mesmas oportunidades. Para que todos se sintam parte integrante da sociedade, é essencial que cada um seja um elemento activo e preponderante no meio socio-económico e cultural em que está integrado. Aprendendo a conviver com os outros, a desenvolver a autonomia e responsabilidade através de tarefas e cargos que possa desempenhar.

5.1. Cidadania

“A cidadania implica o conhecimento dos direitos e das garantias, bem como a sua efectivação, a incumbência de enquanto cidadão velar pela garantia dos direitos de todos, participando política e socialmente. O desafio de uma nova ordem social radicará na revalorização da solidariedade, como princípio orientador da existência em comunidade, valor que permite abarcar, reunir e consolidar a diversidade” (Rodrigues, 2003: 21).

Ao pensarmos em cidadania depressa surge a ideia de liberdade associada à responsabilidade de cada um perante si e perante a sociedade. A consciência de que todos temos direitos e deveres e a necessidade de se respeitar os direitos dos outros, encarando o outro como alguém diferente mas que tem (ou deverá ter) os mesmos direitos e oportunidades.

Cidadania remete-nos a valores fundamentais como o respeito, solidariedade, tolerância, paz, em que cada indivíduo aprende a viver com as suas diferenças e as dos outros, aproveitando a diversidade humana para percorrer em conjunto um caminho de escolhas, tentando ajudar a comunidade a resolver os seus problemas e a tornar a sociedade um pouco melhor, mais harmoniosa e fraterna.

A grande questão que se coloca é como transmitir aos mais jovens a importância de se tornarem cidadãos livres e responsáveis?

“Se a escola assumir a sua função de se constituir em factor de qualidade, de compreensão do concreto e da vida, de atenção aos valores e aos princípios, bem como se tornar um espaço de autonomia, de tolerância, de respeito mútuo, de entendi-

mento da complementaridade entre razão e sentimentos e de apelo à iniciativa, à criatividade livre, ao espírito crítico e ao sentido de verdade, de justiça e de solidariedade, então ela tornar-se-á, naturalmente, um centro aberto à inovação e à modernidade. Em lugar de se fechar, como outrora, terá de abrir-se à sociedade, à cidadania, à vida activa” (Martins, 1991: 22).

É essencial demonstrar às crianças/jovens a importância de se ser respeitado respeitando os outros, de aprender a conviver, com as diferenças, de saber ouvir e exprimir-se livremente. Incentivando o diálogo, a autonomia e a responsabilidade. Contudo, isto só será possível se se proporcionar às gerações mais jovens ambientes propícios ao seu desenvolvimento, em que tenham a possibilidade de se conhecer e de conhecer os outros. Em que aprendam a respeitar o próximo, dialogando, realizando escolhas, desenvolvendo a sua criatividade, partilhando com os colegas momentos de cooperação e amizade, procurando trabalhar em conjunto para atingir um fim colectivo.

“Assim, a escolha dos melhores métodos e processos a seguir na educação para a cidadania torna-se uma questão central, em que deve estar sempre presente que é necessário educar na cidadania pela cidadania, ou seja, para a liberdade pela liberdade e com responsabilidade” (Figueiredo, 1999: 88).

Se a escola pretende ajudar as crianças e jovens a tornarem-se cidadãos livres e responsáveis, necessita de se apresentar como um local aberto, sem preconceitos, onde cada aluno seja respeitado e as suas diferenças valorizadas, em que todas as aptidões sejam desenvolvidas individual e colectivamente.

“(…) a educação para a cidadania deve possibilitar vivências pessoais, emocionais, afectivas e não apenas cognitivas; a educação para a cidadania deve ser um caminho de aprendizagem do respeito e da aceitação da diferença, encarando o pluralismo não só como uma característica da nossa sociedade mas como algo de bom e de valioso em si mesmo; a educação para a cidadania deve ser alicerçada em modelos educativos que estimulem o aperfeiçoamento do comportamento humano ao nível da solidariedade, da justiça e de um estilo de convivência que valorize a autonomia, o diálogo e o espírito de participação na vida da comunidade” (Fonseca, 2001: 56).

A escola deve ser um espaço aberto ao diálogo, onde as crianças e jovens saibam que têm direitos e deveres, sintam a sua importância para o funcionamento da mesma. Deve ser dinâmica e apelativa, aberta à troca de experiências de forma a permitir que os mais jovens descubram o prazer de aprender, questionando-se e questionando o que os rodeia. A curiosidade e o sonho são o fermento de uma escola viva e activa.

“(...) a educação para a cidadania não se resume à aprendizagem dos direitos e deveres dos cidadãos mas passa essencialmente pela construção da “escola democrática” onde seja possível vivenciar situações de mútuo (re) conhecimento, valorização e respeito, que assumam um carácter formativo e potencializador dessa formação nos vários contextos de vida dos indivíduos. Trata-se de educar *na cidadania*, desenvolvendo acções coerentes com as metas expressas no currículo e que, ao darem voz a experiências e saberes diversificados, criam condições para uma educação orientada por princípios democráticos” (Leite e Rodrigues, 2001: 24).

Neste sentido, é necessário que a escola seja livre e democrática, os professores/educadores têm a obrigação de contribuir para que a escola seja um espaço harmonioso, onde seja fomentada a descoberta do “eu” e dos “outros”, interagindo com o meio e sensibilizando os alunos para determinados valores, criando um ambiente propício à descoberta e à experiência.

“É verdade que a educação para a cidadania, assim como a educação de uma forma geral, por si só, não poderão resolver os problemas que as pessoas enfrentam no seu quotidiano. No entanto, podem assegurar que as pessoas são capazes de viver as suas vidas baseadas nos princípios da paz, da harmonia, respeito e tolerância e que saberão identificar quando esses princípios estão a ser violados. As pessoas deverão também estar atentas às suas responsabilidades e como as podem exercer. Nesta perspectiva, a educação para a cidadania pode perspectivar-se como um “local” privilegiado para a construção de uma educação emancipatória numa verdadeira sociedade democrática” (Nogueira e Silva, 2001: 106).

É fundamental que as crianças e jovens vivam momentos práticos, onde possam desenvolver a sua autonomia, privilegiando a iniciativa pessoal, em que valorizem o sentido de cooperação, de solidariedade e de responsabilidade.

“A atribuição ao “self-government” da responsabilidade de formar cidadãos pressupõe a aceitação da concepção, associada às metodologias activas, segundo a qual a educação é obra dos próprios educandos, devendo corresponder a uma necessidade sentida e compreendida por eles” (Pintassilgo, 1998: 244).

É necessário fornecer às crianças e jovens iniciativas em que possam desenvolver a sua autonomia. Segundo Pintassilgo “Em geral, a autonomia implica uma participação activa dos estudantes na vida da escola, partilhando entre si as tarefas e cargos inerentes ao funcionamento da pequena sociedade escolar, escolhendo os seus representantes nos diferentes órgãos, deliberando nos assuntos da sua competência, etc.” (Pintassilgo, 1998: 245).

A escola deve preparar os seus alunos para a sua integração social, ajudando-os a interiorizarem os seus direitos enquanto cidadãos e aprendendo a respeitar os direitos dos

outros. Para isso, é preciso disponibilizar-lhes momentos de partilha de tarefas, de responsabilidade e de liberdade. Os alunos devem ser incentivados a serem auto-suficientes, procurando, desta forma, que os mesmos se auto-organizem na descoberta das suas necessidades.

“A acção educativa deve, por isso, não só proporcionar ao aluno o contacto com diversos modelos de pensamento e de comportamento cívico mas também incentivá-lo a realizar escolhas, as quais configuram e exprimem desejos, necessidades, preocupações e aspirações, ou seja, configuram e exprimem a personalidade do indivíduo” (Fonseca, 2001: 23).

É necessário demonstrar que a vida é feita de opções, e que têm que ser responsáveis nas suas escolhas. “Daí a necessidade de se olhar cada vez mais o cidadão como alguém que permanentemente opta – empenhando-se, como pessoa livre, no acto que pratica, consciente do espaço que ocupa na sociedade e das zonas de conflitualidade com os seus próximos” (Martins, 1991: 112).

A educação para a cidadania remete-nos para os pilares da educação da UNESCO, em particular o aprender a viver juntos, em que cada criança tem a oportunidade de conhecer o outro e de aprender a respeitá-lo “(...) desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projectos comuns e preparar-se para gerir conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz” (Delors, 1996: 88). E o pilar do aprender a ser, em que cada criança aprende a conhecer-se, tornando-se autónoma e responsável e a conhecer o seu lugar dentro da sociedade “(...) para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. Para isso, não negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar...” (Delors, 1996: 88).

É essencial que as crianças e jovens tenham a possibilidade de criarem em conjunto com os educadores/formadores as regras na escola, normas pelas quais se vão orientar. A escola deve ser um meio favorável à participação activa de todos, ao respeito mútuo e à compreensão, esta deve ser um espaço de sonho e imaginação. Um mundo sem utopia é um mundo morto. “ Deves habituar-te a poder assumir tal responsabilidade e a desempenhar o teu papel no Grande jogo da Cidadania, os primeiros passos para te habilitares já te foram indicados como sendo os preciosos para evitar os diversos “escolhos”, a saber: Carácter e Inteligência; Habilidade manual e Perícia; Saúde viril de Corpo e Alma. E ago-

ra o quarto elemento, a saber, Serviço, ou seja, desempenhar o papel de cidadão” (Powell, 2004: 143).

5.2. Educar para a cidadania pelo escutismo

“A finalidade da formação escutista é melhorar o nível dos nossos futuros cidadãos, especialmente no que diz respeito ao carácter e à saúde; substituir o egoísmo pelo serviço, tornar os moços individualmente capazes, moral e fisicamente, com o fim de aproveitar essa capacidade para servir os seus semelhantes” (Baden-Powell in Sica, 1986: 78-79).

O escutismo nasceu do desejo do seu fundador, Baden-Powell, de melhorar a sociedade, contribuindo para o desenvolvimento dos jovens, dando um sentido às suas vidas e ajudando a construir um mundo melhor através da educação. Ajudá-los a procurar a felicidade e a contribuir para a felicidade dos outros. O escutismo pretende que os indivíduos se sintam realizados e que desempenhem um papel construtivo na sociedade, ajudando-os a serem capazes de tomar as suas próprias decisões e a gerirem a sua própria vida, a preocuparem-se com os outros e a assumirem as consequências das suas decisões.

“O fim do escutismo é a educação do rapaz por si próprio, descobrindo pouco a pouco na vida do grupo as regras do comportamento social, aderindo livremente a essas regras, porque as reinventou e reconstruiu, e não porque elas lhe foram transmitidas de maneira automática por outrem” (Equipa Nacional dos “Scouts de France”, 2003: 41).

O escutismo pretende que cada criança/jovem se desenvolva tendo por base as quatro áreas educativas, preocupando-se com cada elemento, desenvolvendo-lhe o carácter, a saúde, a habilidade manual e despertando-lhe para o serviço aos outros, pensando primeiro no próximo e apercebendo-se que a felicidade parte muito da relação com o outro.

Para os escuteiros desenvolverem os pólos educativos estão inseridos em grupos (Sistema de Patrulhas), onde adquirem experiências individuais e colectivas, aprendem a realizar determinadas tarefas, a desempenharem cargos (guia, subguia, secretário, responsável pelo material,...) e a viverem numa pequena comunidade, em que cada um desempenha um papel primordial para o bom funcionamento do grupo.

Ao viverem em patrulha têm a possibilidade de viver como “Uma sociedade em miniatura onde cada um se exercita no espírito social e no auxílio mútuo” (Bastin, 1980: 193). É no seio do grupo que cada criança/jovem aprende a respeitar o próximo, a conviver com o outro e a valorizar-se enquanto elemento da patrulha e da sociedade. Desempenha um cargo pelo qual dá o seu melhor e sabe a importância do mesmo para que o grupo fun-

cione da melhor forma, tendo a possibilidade de aprender algo, desenvolvendo a sua responsabilidade e autonomia.

“Experimentando sucessivamente uma série de funções diferentes, o rapaz ou a rapariga explora pouco a pouco as suas possibilidades, toma consciência de todos os elementos da sua personalidade, torna-se cada vez mais o principal protagonista do seu desenvolvimento. Responsável por uma função, por uma tarefa precisa, responsável pela vida da sua equipa, o rapaz ou a rapariga torna-se pouco a pouco responsável por si mesmo” (Equipa Nacional dos “Scouts de France”, 2003: 42-43).

Através do Sistema de Patrulhas os escuteiros vivem numa pequena sociedade onde se- guem determinadas regras, agindo sempre em cooperação, respeitando os colegas, preparando e avaliando actividades, procurando servir sempre a comunidade. “(...) O “Sistema de Patrulhas” não é um plano talhado a frio, mas derivado de certa atitude de espírito – a crença de que a formação do carácter e educação do rapaz deve fazer-se de dentro para fora e não de fora para dentro. Efectivamente, é preciso que os rapazes se transformem em Escuteiros por si mesmos – ninguém mais o pode fazer por eles. A camisa e os calções podem ser-lhe impostos de fora, mas é só do coração e do entendimento do rapaz que o Espírito escutista pode desenvolver-se com êxito” (Philipps, 2004: 58).

No escutismo é possível desenvolver integralmente cada criança/jovem através da vida em campo, de trabalhos manuais, das responsabilidades que tem dentro do grupo, dos jogos. Tendo a possibilidade de desenvolver a sua autonomia em todas as actividades. Durante os acampamentos aprende a realizar determinadas tarefas (cozinhar, construções, orientação,...) e a aperfeiçoar-se cada vez mais. Sendo valorizada a evolução de cada escuteiro através do Sistema de Progresso.

Dentro do movimento escutista todas as crianças/jovens participam nas actividades e tomam consciência da importância de se integrarem nas actividades escutistas.

“O verdadeiro Escuteiro trabalha todas as suas especialidades, a fim de estar sempre a aprender qualquer coisa de novo e de se tornar assim, cada vez mais habilitado para prestar serviço aos outros. Se receber a insígnia, ficará feliz com isso e até mesmo orgulhoso, mas não foi por causa dela que se empenhou no trabalho” (Powell, 2001: 149).

Neste movimento as crianças/jovens desenvolvem a sua autonomia, dão a sua opinião, realizam escolhas, tomam iniciativas, respeitam os colegas, aprendem a conhecer-se. “(...) No escutismo a possibilidade de autonomia de cada criança progride mesmo na sua capacidade de julgar as relações e os acontecimentos” (Equipa Nacional dos “Scouts de France”, 2003: 61).

Baden-Powell desejava que o escutismo tornasse as crianças/jovens em cidadãos activos, que respeitassem os outros e que desempenhassem um papel activo na sociedade. Motivando os escuteiros a descobrirem-se, a descobrir os outros e o mundo que os rodeia, em particular a natureza, a sua diversidade e equilíbrio.

“Como bom cidadão pertences a uma equipa que joga honradamente para o bem do conjunto. Podem confiar em ti o Escutismo, os teus amigos e camaradas de trabalho, os teus patrões ou empregados, que sabem que farás quanto puderes em seu benefício (...) és também leal a ti mesmo; não rebaixarás a tua dignidade jogando sordidamente; nem faltarás ao auxílio que deves a outros homens e a uma mulher muito menos” (Powell, 2004: 194).

A coeducação no escutismo tem como finalidade contribuir para o desenvolvimento das crianças e jovens, de forma a realizarem-se inteiramente a nível físico, intelectual, social e espiritual. Para formar cidadãos responsáveis e activos tanto nas comunidades locais como nas nacionais e internacionais.

Em relação ao método escutista, a coeducação pretende ser um processo de auto-educação evolutiva consolidada através da Promessa e da Lei em que as crianças e os jovens se comprometem a aderir a um conjunto de valores, pelos quais orientam a sua vida.

O escutismo tornou-se um movimento educacional em várias partes do mundo. Tendo-se realizado o primeiro Jamboree mundial em 1920. “Meus irmãos escutas, este é um dia magnífico para mim e para vós. Mas creio que me valorizais demasiado. Fazer nascer uma tão grande família é o trabalho dos homens e boa vontade de todos os países. Este campo é o princípio de uma maior extensão da família através do mundo” (Baden-Powell in Bastin, 1980: 248).

É possível verificar a grandeza do movimento escutista através do Jamboree, onde se encontram escuteiros de todo o mundo, sendo visível neste acampamento universal a fraternidade existente. Cada criança/jovem tem a possibilidade de conhecer escuteiros de realidades diferentes e de partilharem experiências, aprendendo bastante uns com os outros.

“Jamboree: deliciosa compota de rapazes de todas as raças, de todos os temperamentos, de todas as religiões, que esquecem por alguns dias os seus antagonismos para serem apenas escuteiros dirigidos pela mesma Lei, pelas mesmas práticas, pelos mesmos símbolos!” (Bastin, 1980: 245).

Durante o Jamboree o mundo conhece uma realidade de paz, de tolerância, de amizade e de respeito pelo próximo. As diferenças são respeitadas e são fontes de aprendizagem. O convívio e a cooperação é elevado ao máximo por escuteiros de toda a parte e que se encontram naquele espaço natural e de liberdade.

*

Dentro do movimento escutista as crianças/jovens têm a possibilidade de viverem em grupo, desenvolvendo o sentido de cooperação, de respeito e de amizade. Desenvolvem a sua autonomia, responsabilidade e solidariedade, aprendendo a conviverem com os outros.

“(…) o escutismo propõe às crianças que constituam uma sociedade elaborada, uma verdadeira “república de crianças”, onde passa a desenvolver-se o sentido cívico dos futuros cidadãos de uma democracia. Toda a república é com efeito – ou deveria ser! – um espaço de cooperação dos cidadãos entre si, acima dos conflitos que os opõem” (Equipa Nacional dos “Scouts de France”, 2003: 76).

6. A educação ambiental na pedagogia escutista

“Educação Ambiental é Educar sobre o Ambiente, no Ambiente e pelo Ambiente”
(Alves, 1998: 83).

O Homem tem vindo a despertar para a necessidade de preservar o meio ambiente, os recursos naturais e para a forma egoísta como tem delapidado e destruído a natureza em nome de um suposto progresso. Os países ditos desenvolvidos têm consumido grande parte dos seus recursos naturais e têm explorado de uma forma desenfreada as matérias-primas e recursos dos países ditos menos desenvolvidos. É cada vez mais urgente acordar para esta realidade assustadora: ou aprendemos a viver em harmonia com o meio ambiente ou todos os elementos constituintes desse mesmo meio, incluindo o Homem, irão sofrer graves consequências da destruição que se está a impor.

6.1. Educação Ambiental

Segundo a Conferência de Tbilisi (Unesco, 1977) a educação ambiental pretende “i. Promover uma sólida consciencialização e consideração da interdependência económica, social, política e ecológica nas zonas urbanas e rurais. ii. Dar a cada pessoa oportunidade de adquirir os conhecimentos, valores, atitudes, empenhamento e destrezas necessários à protecção e melhoria do ambiente. iii. Desenvolver nos indivíduos, nos grupos e na sociedade em geral novos padrões de comportamento ambiental” (in Uzzel, 1998: 31).

O ambiente tem vindo a sofrer as consequências de um ser humano egoísta e destruidor. O Homem tem sido o grande inimigo da natureza, causando poluição, provocando incêndios, destruindo florestas, dunas e levando várias espécies de animais à extinção, sendo uma das causas da mesma a destruição do seu habitat natural. A paisagem bela, agradável e cheia de cor está a dar lugar a uma paisagem cinzenta e triste, tudo porque o ser humano privilegia a sua comodidade (por vezes excessiva) a viver em sintonia com a natureza.

Perante um cenário sombrio em que o ambiente é engolido pela destruição causada pelo indivíduo é cada vez mais necessário “(...) Formar uma população mundial consciente e preocupada com o Ambiente e com os problemas com ele relacionados, uma população que tenha os conhecimentos, as competências, o estado de espírito, as motivações e o

sentido de compromisso que lhe permitam trabalhar individual e colectivamente, para resolver os problemas actuais e impedir que eles se repitam no futuro (...)” (“Carta de Belgrado” in Vila Nova, 1999: 11).

Existe uma preocupação, nomeadamente por parte de associações ligadas à defesa do ambiente, em sensibilizar a população para estas questões, tentando alertar constantemente para a necessidade de se alterar certos hábitos de consumo e atitudes. Contudo, nem sempre os indivíduos se sentem estimulados a participar activamente em prol do ambiente. Não serão as crianças as pioneiras na defesa e protecção da natureza?

“Acreditamos que as crianças podem agir como importantes catalisadores de mudança tanto no meio familiar como na comunidade, transmitindo conhecimento ambiental e influenciando as atitudes e o comportamento dos pais” (Uzzel; et al, 1998: 22).

Ao valorizarmos a importância das crianças e dos jovens dentro da sociedade é possível sentir neles a esperança de uma vida em harmonia com o ambiente. Ao contactarem com a biodiversidade da natureza e com tudo o que ela oferece criam uma ligação com a vida natural, tornando-se mensageiros do ambiente e os primeiros a actuar na protecção do mesmo e na solução de alguns dos problemas que enfrenta actualmente, começando por uma mudança de atitudes em casa e no local onde residem.

“(...) a E.A., independentemente do grupo a que se dirige, tem como objectivo fundamental envolver o cidadão na problemática da sua Qualidade de Vida actual e futura (e mesmo da sua sobrevivência); sua e dos seus descendentes. A sua principal característica consiste no facto de ser orientada para a solução de problemas concretos do ambiente em que o Homem vive” (Oliveira, 1998: 7).

A escola desempenha um papel primordial ao desenvolver e envolver as crianças na defesa do ambiente. A educação ambiental nas escolas deve promover a descoberta (proporcionando-lhes o contacto com a natureza), o sentido crítico (abrindo espaço para o diálogo) para que sejam os alunos a tomarem a iniciativa de encontrarem soluções para os problemas ambientais, onde a vontade de proteger a natureza surja do contacto com a mesma e não de uma imposição do professor. Isto é, que sejam as crianças a descobrirem através das oportunidades fornecidas pelo educador formas activas de resolução dos problemas ambientais, participando de uma forma dinâmica e tentando sensibilizar a comunidade para esta questão.

É preciso que a vontade de agir em prol do ambiente seja uma decisão pessoal e consciente da criança/jovem. Para isso, é necessário fornecer meios e espaços para que aprenda por si e que desenvolva o sentido de responsabilidade e de empenho, permitin-

do-lhe que encontre fora das paredes da escola algo que lhe faça desabrochar para as questões ambientais.

“Fora da escola, é a natureza, árvores, flores, campos, inesgotável tesouro de doces e reconfortantes emoções. Ensinar a criança a observar a natureza é o primeiro passo para que aprenda a contemplá-la, admirá-la, amá-la. É abrir-lhe o coração a todos os encantos: linhas, cores, formas, sons da natureza. Jardinagem, cultura de flores, leituras no bosque, passeios, excursões, acampamentos na floresta, observação e contemplação dos fenómenos da natureza, que sensações e emoções inesquecíveis não se experimentam” (Faria de Vasconcelos in Meireles-Coelho, Rodrigues, 2006: 4968).

É fundamental criar actividades que promovam o contacto directo com a natureza (observação, passeios, jardinagem), trabalhos manuais com argila, pedra, madeira ou desenvolvendo práticas de reciclagem, reutilização de materiais, sensibilizando para os desperdícios energéticos e de água, despertando-lhes a vontade de agirem activamente para solucionar alguns dos problemas que causam a destruição do Ambiente.

“Como uma actividade culminante ao final da estação de cultivo, as crianças podem convidar os pais e outros visitantes para um festival da colheita, com saladas do canteiro e outros itens cultivados e preparados pelas crianças, que celebram suas conquistas na jardinagem e o alimento oferecido pelo ambiente natural adjacente à escola” (Hutchison, 2000: 145).

Perante um dos pilares da educação da UNESCO: aprender a ser, pode-se dizer que a criança/jovem ao aprender a conhecer-se e a respeitar-se vai abrir novos horizontes e vai aprender a respeitar o outro e o ambiente. Isto é, o Homem deve ter a consciência que é um ser integrante da natureza e só a respeitando, se respeita a si próprio. Devendo aprender a contemplar e a usufruir do meio ambiente de uma forma racional, tendo noção da importância deste para o seu futuro.

“Através da Educação, o indivíduo vai assumindo certos comportamentos e interiorizando um determinado quadro de valores. A Educação Ambiental, especificamente, tende a fomentar no indivíduo uma dupla atitude de respeito por si próprio e pelo meio em que vive” (Oliveira, 1998: 8).

As crianças e jovens devem ultrapassar as fronteiras do meio envolvente onde estão inseridos, procurando alargar os seus horizontes a outros mundos e a outras vivências. Isto é, deve-lhes ser dada a oportunidade de conhecer diferentes realidades, mesmo quando a natureza surge em menor escala numa cidade no meio de fumos e em que os espaços verdes que se podem encontrar são pequenas preciosidades que por vezes tornam o nosso dia-a-dia menos cinzento. “É necessário educar o espírito de observação para se

permitir que a pessoa possa arrancar à paisagem este ou aquele pormenor notável” (Alves, 1998: 251). Desta forma, os alunos têm a possibilidade de descobrirem a importância e o valor da natureza, não devendo esta ser encarada como um bem adquirido, e o quanto a sua destruição pode ser nefasta para o ser humano.

6.2. Importância do ambiente no escutismo

O escutismo “É uma rede global unida e sem vínculos políticos, composta por jovens interessados e sempre prontos a intervir de forma decisiva e, desde as suas origens, tem a natureza como principal preocupação. É um movimento global que reconhece a importância do espírito humano (que está à frente de todos os esforços ambientais) e está equipado com a metodologia necessária para aprender activamente através do serviço. Este é, em todos os sentidos, o casamento ideal entre objectivos e esforços” (Opie, 2004: ix).

No movimento escutista as crianças e os jovens vivem em plena comunhão com o meio natural. As suas actividades são predominantemente ao ar livre, procurando que os acampamentos sejam realizados em diversos locais, de forma a que os escuteiros possam usufruir da natureza nas suas diferentes formas e variantes (montanhas, rios, grutas,...). Uma actividade desta índole permite-nos além de usufruir do meio ambiente, utilizar os seus elementos para a construção do acampamento (abrigo, cozinha, mesa,...), vivendo em busca da simplicidade e do essencial à sua sobrevivência e deixando para segundo plano algumas comodidades do nosso quotidiano. Tendo sempre como pano de fundo o ambiente, com o qual aprendem a coabitar e a respeitar.

“A parte mais agradável da vida do explorador é o acampar. Viver ao ar livre, sob o olhar de Deus, no meio das colinas e das árvores e das aves e dos matos, do mar e dos rios – ou seja, viver com a natureza, cada um em seu pequeno abrigo de lona, cozinhando e explorando por sua conta – tudo isto dá saúde e alegria tais como se não podem experimentar entre os tijolos e o fumo da cidade” (Powell, 1908: 12).

Através do escutismo crianças e jovens de todo o mundo descobrem o ambiente e procuram actuar não só de forma a preservá-lo, mas também na resolução dos problemas ambientais existentes. “É importante afirmar que o movimento escutista escolheu o ambiente como tema internacional porque todas as suas formas de vida estão unidas pelo ambiente que partilham” (Opie, 2004: ix).

Os escuteiros têm a possibilidade de realizar novas experiências, no contacto com a natureza, realizando jogos e actividades num ambiente agradável, saudável e em liberdade.

“O jogo tornar-se-á para Baden-Powell o grande meio pedagógico. Ele triunfara com os seus soldados, triunfara com os rapazes. O jogo, o jogo ao ar livre, o jogo da aventura na natureza, o regresso às bases, será a atracção do seu sistema. Escolherá jogos e inventará outros para interessar o rapaz pela natureza, não apenas observada, mas “vívida”, misturada, integrada na existência quotidiana” (Bastin, 1980: 192). Dentro deste movimento têm a possibilidade de desenvolver uma cidadania ambiental, pois realizam actividades onde protegem e apreciam a natureza: acampamentos; raids; cozinha selvagem; orientação; observação de animais; construções de ninhos; jardinagem; protecção das dunas; inspecção costeira; limpeza de áreas naturais; entre outras, ultrapassando, deste modo, a educação ambiental ministrada nas escolas, muitas vezes remetida apenas à teoria.

O escutismo parte do dinamismo das crianças e jovens, permitindo-lhes fazer o que gostam, desenvolvendo a sua criatividade, dando preferência ao contacto com a natureza, fornecendo-lhes um espaço de aventura. É neste espaço que desenvolvem a sua autonomia, responsabilidade, sentido crítico e alguns valores presentes na Lei do Escuta, nomeadamente no 6º artigo: “O Escuta protege as plantas e os animais”. Cada escuteiro sente-se como um elemento activo e importante na preservação do ambiente.

“É na juventude que descobrimos que a vida é uma viagem durante a qual exploramos o mundo. Este processo passo-a-passo é muito interessante e transforma o nosso poder de observação e o nosso pensamento crítico em instrumentos muito úteis. Não se deve apressar ou pôr em risco este processo com perguntas prematuras – a viagem é tão importante quanto o destino. Os jovens têm o direito de aprender por eles próprios (...)” (Opie, 2004: 71).

A natureza e a vida ao ar livre tornam-se no escutismo centros de interesse para as crianças e jovens, que encontram desafios e estimulam as suas capacidades físicas e intelectuais, procurando soluções para esses mesmos desafios. Em bando/patrolha/equipa, partilham riscos, agem para responder às necessidades essenciais. Estabelecendo laços entre todos os membros do grupo, percebendo o que é viver em sociedade e harmonia com a natureza. “O estudo da natureza mostrar-vos-á quanto Deus encheu o mundo de coisas esplêndidas e maravilhosas para vosso prazer. Contentai-vos com o que tendes e dai-lhe o melhor uso possível” (Baden-Powell in Bastin, 1980: 280).

No escutismo, as crianças e jovens podem desenvolver a sua imaginação e criatividade nas actividades que desenvolvem, convivem com outras crianças, jovens e adultos, aprendem a interagir com o meio ambiente sem o danificar, respeitando-o e aproveitan-

do-o como elemento estimulante para brincar. Aprendem a ter, desta forma, uma vida saudável e harmoniosa.

“A mente humana, o coração humano e o ambiente estão inseparavelmente ligados. Neste sentido, a educação ambiental ajuda a gerar a compreensão e o amor necessários para criarmos a melhor oportunidade que já tivemos de paz e coexistência duradoura” (Dalai Lama in Opie, 2004: 40).

O dirigente/educador deve ser um orientador que auxilia as crianças a descobrirem o mundo que as rodeia, dando pistas e incentivando a prática de várias experiências, demonstrando o papel importante da natureza. O educador aproveita a curiosidade das crianças dando-lhes espaço para explorarem, pensarem e tirarem as suas próprias conclusões, realizando, assim, a sua aprendizagem individual.

“Aprender fazendo é a base do método escutista. O papel do dirigente neste processo não é o de um vendedor de enciclopédias – nós não somos a fonte da sabedoria e compreensão, mas sim os guias dos viajantes que percorrem o caminho do auto-conhecimento e da descoberta. Partilhar a descoberta de qualquer fenómeno natural é muito mais interessante para o escuteiro do que a satisfação de saber as respostas. A vida nunca pretendeu ser um livro de receitas; é antes como uma grande experiência (com diversos fins possíveis) concebida para estimular a nossa curiosidade. Por isso, ajuda [Dirigente] os teus escuteiros a encontrar a chave mas não lhes abras o portão” (Opie, 2004: 71).

O dirigente/educador deve possibilitar às crianças/jovens a realização de actividades únicas e apelativas para que desenvolvam as quatro bases educativas, nomeadamente o carácter para que aprenda a conhecer-se e saiba que pode ser muito útil para “combater” os problemas ambientais. As crianças e jovens podem efectuar diversas actividades (leitura de histórias relacionadas com o ambiente, teatro, desenhos, poesia como também campanhas de limpeza, viveiros de árvores, reciclagem, artesanato ecológico, descoberta de pistas, trilhos, orientação, canoagem,...) e tentar partilhar essas mesmas actividades com a comunidade, de forma a sensibilizar a população para que se torne também ela activa na resolução dos problemas que o Ambiente enfrenta, nomeadamente a poluição.

“(…) para formar futuros cidadãos, conscientes das suas responsabilidades, vigorosos e bem preparados para a vida, Baden-Powell abre-lhes a sua Escola da Floresta a que também chama Escola de civismo por meio da natureza” (Forestier, 1993: 69).

O escutismo desempenha um papel fundamental na sociedade actual. É neste movimento que as gerações mais novas encontram um ambiente saudável, ligado à natureza, aos jogos em grupo e à vida ao ar livre. Em certa medida, este movimento permite voltar às origens. O contacto com a natureza leva o jovem não só à descoberta desta como de si

próprio, à sua capacidade de sobrevivência, obrigando o mesmo a suplantar-se física e intelectualmente. Num mundo cada vez mais de betão e solidão o escutismo é uma das poucas oportunidades que os jovens têm de “meterem” as mãos na terra, de sentirem os cheiros e sabores e de verem alguma fauna e flora no seu habitat natural.

“O fundador do Escutismo acreditava numa abordagem ambiental da educação e todos os seus textos estão imbuídos dum profundo amor pela natureza. Desde então, os escuteiros têm vindo activamente a tentar mudar o seu planeta, muitas vezes em conflito com as atitudes prevaletentes nas sociedades em que se integram” (Opie, 2004: 24).

*

O Homem é na sua essência um animal distinguindo-se dos demais pela sua racionalidade (mesmo tendo em conta alguns actos irracionais). Como qualquer outro animal, o Homem tem instintos semelhantes: a agressividade, a demarcação do território, a procura de espaço e de liberdade. Da mesma forma que um animal criado em cativeiro quando libertado procura as suas origens, também o Homem prisioneiro do cimento e alcatrão sente necessidade de descobrir as suas origens, o espaço e a natureza. O escutismo tem sido, ao longo de um século, uma ferramenta e um espaço de reencontro, de procura das nossas origens, sem confinar a sua participação e métodos pedagógicos a quatro paredes. Tem na sua matriz a procura e descoberta da natureza, criando centenas ou milhares de “soldados” que lutam diariamente e arduamente para preservar o ambiente, através de práticas manuais auto-construtivas, utilizando os meios rudimentares que a natureza lhe oferece. O Homem escuta descobre o mundo e descobre-se a si próprio.

O escutismo é um meio lúdico e atractivo de educar integralmente as crianças e os jovens e de lhes possibilitar uma forma de viver sensível ao ambiente e aos problemas que continuamente enfrenta. A cidadania ambiental é no movimento escutista uma prática activa e fundamental dos seus elementos que unem esforços para preservar a natureza para que a possamos usufruir no presente e no futuro.

“Nós vivemos no meio de um ambiente que quer, ele próprio, viver”

(Schweitzer in OCDE, 1991: 11).

7. O papel do educador na pedagogia escutista

“A educação mais eficiente é aquela que proporciona atividade, auto-expressão e participação social às crianças”

(Froebel in Almeida, 1998: 23).

O desempenho do educador é preponderante no desenvolvimento integral das crianças e jovens. A postura deste é fundamental para o crescimento harmonioso dos mais novos, tanto a nível pessoal como social. Um professor ou dirigente marca de uma forma indelével aqueles com quem partilha os seus conhecimentos e a imagem positiva ou negativa que permanece está dependente da sua atitude enquanto educador.

7.1. Educador/Professor

“Uma educação libertária e democrática não surge de professores que adoptam a ditadura do saber a fim de impor planos educativos a seus alunos” (Silva, 1991: 26).

É possível identificar o papel do professor de duas formas distintas: o professor da Escola Tradicional e o da Escola Nova.

A Escola Tradicional remete-nos ao professor austero e distante dos alunos. Encarava a criança como alguém sem vontade própria nem desejos. O aluno era um mero espectador do professor e do que ele ensinava, sendo a relação professor-aluno baseada no excesso de autoridade e distanciamento por parte do professor e de medo por parte do aluno. As crianças eram submissas, passivas, vistas como um objecto a quem o professor impunha os conhecimentos, sem diálogo nem compreensão, tornando a escola em algo taciturno e triste. “O método antigo pecou pela base porque desenvolvia no aluno o medo da punição, o desejo da recompensa, a vaidade e o espírito de competição, em vez de desenvolver as necessidades inerentes à criança, de se expandir e de se manifestar” (Powell, 2002: 30).

A Escola Nova procura estimular a aprendizagem dos alunos através de um método activo, centrado nos interesses de cada criança. Deixando-a explorar e descobrir o mundo que a rodeia, promovendo, desta forma, a experiência e aprendizagem activa. Nesta escola o professor procura desenvolver a autonomia dos alunos num ambiente de liberdade, valorizando cada criança como um ser com desejos e iniciativas próprias. Segundo Faria de Vasconcelos “(...) liberdade que lhe permitirá fazer às suas custas a experiência do bem e do mal e avaliar as consequências dos seus actos – é necessário organizar o

meio social no qual é chamada a viver, desenvolver-se e a construir por si a sua regra moral. Mas esta organização social deve ser obra das crianças. É o que se chama o regime de autogoverno (self-government)” (in Meireles-Coelho; Rodrigues, 2006: 4966).

O professor cria um ambiente propício à experiência, procurando que o aluno descubra por si próprio, valorizando a aplicação prática dos conhecimentos, os trabalhos manuais e o contacto com a natureza. Sendo de salientar o facto de respeitar a criança, considerando-a como um elemento activo e preponderante na sua aprendizagem.

“Assim, na escola, como em qualquer outra instância social, o indivíduo está presente como pessoa completa, sujeito de conhecimento, sujeito de afeto. Portanto, a escola não deve negligenciar, subestimar ou até mesmo suprimir o espaço da emoção em suas atividades. (...) O professor deve permitir que a emoção se exprima, para o que é essencial entender como ela funciona para não entrar no circuito perverso e, assim, dificultar o desenvolvimento emocional da criança” (Almeida, 1999: 102).

De acordo com os princípios da Escola Nova, o educador deve procurar orientar os alunos no seu percurso alicerçado na liberdade, respeitando as diferenças, os ritmos de cada um e as suas necessidades educativas. Proporcionando aos alunos descobrirem-se, descobrirem os outros e o mundo. “Os professores fascinantes ensinam os alunos a explorar o mundo que são, o seu próprio ser” (Cury, 2005: 68).

O professor deve procurar educar integralmente as crianças tendo em conta os quatro pilares da educação da UNESCO: aprender a conhecer, aprender a viver juntos, aprender a fazer e aprender a ser. Neste sentido, o educador necessita de abrir espaço ao diálogo, à responsabilidade e à liberdade. Alimentar momentos de debate onde as crianças exponham as suas opiniões e questionem o que lhes rodeia. Procurar desenvolver-lhes o sentido crítico e valores como a solidariedade, amizade, respeito, tolerância...Realizar momentos em que as crianças aprendam a trabalhar em grupo, a ouvir os outros e a respeitá-los, aprendam a conviver com os colegas dentro e fora da sala de aula (realizando trabalhos de grupo, jogos, debates, representações, cânticos, danças,...). O Educador deve promover “(...) as interacções entre os membros do grupo em vista da melhor participação de todos, procura que os sujeitos tenham ideias claras a propósito do objecto e dos objectivos do seu trabalho, aprecia com o grupo os progressos realizados e situa este relativamente aos objectivos pretendidos; domina a dinâmica do grupo em vista do bom funcionamento do mesmo; garante a continuidade do projecto” (Simões in Limas, 1994: 71-72).

A escola enquanto espaço privilegiado para o desenvolvimento da criança deve ser um mundo de partilha, de troca de experiências com o meio social e cultural envolvente e em

particular com o meio familiar dos educandos, apelando a uma participação activa dos pais na escola. O professor deve atribuir tarefas diversificadas aos seus alunos de forma a que estes se sintam parte integrante da escola, desenvolvendo o sentido de responsabilidade e autonomia. É fundamental que este espaço seja de afectos e aprazível, em que o educador procure cultivar momentos de experiência e de descoberta, sendo um interlocutor dos alunos, partilhando com eles as suas vivências. Valorizando e elogiando as crianças, os seus trabalhos e comentários, atitudes dentro ou fora da escola. Procurando elevar a sua auto-estima e confiança (afixando os trabalhos que realizam, fazendo exposições, livros com textos livres,...). O educador deve procurar estabelecer uma ponte entre a escola e a comunidade, permitindo aos seus alunos conhecerem o meio que os rodeia, podendo interagir com o mesmo, realizando visitas de estudo, promovendo debates com pessoas externas à escola para darem a conhecer a sua experiência pessoal (bombeiro, enfermeiro, agricultor,...), possibilitar-lhes algumas aulas fora do recinto escolar, entre outras iniciativas.

Cabe ao professor tornar a escola atractiva para os alunos, motivando-os constantemente através de actividades dinâmicas, apelativas e lúdicas. Segundo Almeida, a educação lúdica quando "(...) bem-aplicada e compreendida, contribuirá concretamente para a melhoria do ensino, quer na qualificação e formação crítica do educando, quer para garantir mais satisfatoriamente a permanência do aluno na escola (diminuir a evasão), quer para redefinir valores e para melhorar o relacionamento e ajustamento das pessoas na sociedade e o direito de cidadania" (Almeida, 1998: 14).

7.2. Educador/Dirigente

"O trabalho do Chefe Escuteiro consiste em dar ao jovem, a ambição de aprender por ele próprio, sugerindo-lhe actividades atraentes que ele aprende executando-as mal ao princípio, e cada vez melhor na sucessão das experiências, (tais actividades são sugeridas em Escutismo para Rapazes). O Chefe exerce a sua actuação por intermédio dos Guias de Patrulha" (Powell, 2003: 32,33).

O dirigente do movimento escutista é um educador que procura colaborar no desenvolvimento físico, intelectual e moral das crianças e jovens, facilitando a sua integração na sociedade. O educador pretende educar integralmente as crianças e jovens através das quatro bases educativas: carácter, saúde-e-vigor, habilidade manual, serviço aos outros (Powell, 2003a).

"O Chefe Escuta é pois o amigo que tranquiliza quando se tem medo, que irradia paz quando todos a perderam; que permita acabar o que se começa; que escuta e

que sonha com eles; que vai jogar e ajuda a jogar todos juntos; que vai permitir que sejam felizes e vivam todos juntos. Ajuda cada criança a crescer. Revela-lhe a presença de Deus, dando testemunhos da sua fé de adulto, apaixonando-se pela aventura que eles querem viver e apoiando o seu interesse” (Mana, 2000: 6).

O dirigente/educador deve criar ambientes de liberdade, de diálogo e de acolhimento. Deve, também, variar as actividades com criatividade e estar atento aos diferentes ritmos e necessidades específicas de cada criança. “(...) é essencial reconhecer o valor individual de cada criança, de cada jovem. (...) Uma criança é um ser vivo único, dotado com as suas capacidades e destinado a desenvolver-se ao longo da sua existência. O papel do adulto é o de estimular este processo de crescimento, dar “dicas” que permitam ao jovem encontrar o seu caminho e fazer opções com conhecimento dos factos; e criar um ambiente favorável para o desenvolvimento do indivíduo” (World Scout Bureau, 2001: 10).

As crianças e jovens procuram aderir ao escutismo pelo conceito de liberdade que este movimento representa, pelo carácter lúdico associado ao respeito e compreensão dos princípios escutistas, e também por ser um espaço de afirmação pessoal, onde através das actividades praticadas sedimentam-se valores e princípios que se reflectem no comportamento do escuteiro na sociedade. Assim, o papel desempenhado pelo dirigente/educador é o de um companheiro nas vivências das crianças e jovens, acompanhando-as na sua caminhada e tentando compreendê-las, ouvir os seus sonhos, prestar atenção às suas necessidades, ajudando-as no seu desenvolvimento integral. Neste sentido, o educador deve ser para a criança um amigo, um “irmão mais velho” que participa com eles nos jogos e que estabelece uma relação de confiança e respeito. “Por “irmão mais velho”, entendo alguém que sabe viver com os seus rapazes como camarada, participar nos seus jogos e rir com eles e conquistar-lhes assim a confiança; alguém que pode assim ser (coisa indispensável a quem pretende ensinar) o guia que segue à frente pelo bom caminho, e não um marco indicador, colocado por vezes muito acima das suas cabeças” (Powell, 2003: 162,163).

O dirigente/educador procura estar sempre presente, acompanha a criança, sabe ouvir, apoiando-a no seu desempenho e necessidades, tentando que esta, através do contacto com a natureza, descubra e desenvolva as suas potencialidades e qualidades.

“A sagrada missão do educador consiste, portanto, em ensinar o discípulo a ver, ajuizar, escolher e decidir. Poderá ajudar a reacção das faculdades imanentes, mas só ajudar. Ninguém pode ver em lugar de outrem. É só através deste ajuizar e com-

prometer-se que a personalidade humana se afirma e desenvolve” (Forestier, 1993: 47).

Para que as finalidades do escutismo sejam atingidas é fundamental existir uma relação afectiva entre o dirigente/educador e a criança/jovem. Esta relação deve basear-se na comunicação e interacção. A relação educativa assenta na amizade, companheirismo, partilha de conhecimentos, em que o educador orienta a criança na sua caminhada, participa nos jogos e actividades com eles, conquistando a sua confiança.

“(…) o Chefe é o irmão mais velho que dá o exemplo, sabe ouvir, aconselha no momento oportuno, sugere actividades, proporciona aos rapazes os meios de as realizar, intervém nos momentos de desânimo, mantém o esforço: mais do que dirigir, ensina a viver” (Forestier, 1993: 100).

A criança fascina-se com o imaginário, procura encarnar o papel de uma personagem e ao alimentarmos esse mundo de fantasia estamos a possibilitar-lhe o encontro com determinados valores e atitudes. A partir do imaginário o dirigente/educador pode dialogar com a criança e ajudá-la a transpor para a realidade esse mesmo mundo, auxiliando-a na escolha do melhor caminho.

“É a educação pela acção, cogestão e progresso pessoal no Grupo e para o Grupo. Este percurso assenta no respeito profundo por cada criança, seus desejos e seus sonhos, e na aposta de permitir a cada um, tal como é, encontrar o seu lugar no projecto” (Fédération des Scouts Catholiques, 1994: 58).

Baden-Powell demonstrou, ao fundar o escutismo, um grande interesse na educação integral das crianças e jovens. Considerava que através da educação escutista as gerações mais novas podiam construir um mundo melhor. Acreditando nas qualidades das crianças e jovens, o fundador dizia aos dirigentes/educadores: “Ask the boy”, demonstrando a necessidade de se partir dos seus interesses e sonhos, de se ter uma relação baseada no afecto, diálogo e partilha. “(…)a autoridade tem de ser hoje menos baseada em imposições, ameaças ou métodos repressivos, e mais em valores, motivações, propostas atraentes e modelos sérios de comportamento” (Veiga, 2003: 41). O escutismo procura, através da vida em grupo, preparar cada criança para a sua integração na sociedade, partindo do sonho para a ajudar a entrar na realidade. É uma forma de, através do respeito por cada escuteiro, contribuir para o seu desenvolvimento integral. É no ambiente familiar de cada secção que cada criança se sente acolhida e respeitada pelos irmãos lobos/escutas. Aprende a viver em conjunto e a enfrentar com os outros possíveis barreiras. Tem a oportunidade de realçar as suas qualidades, de fazer amigos e de se sentir parte integrante e fundamental na vida do grupo. É através das actividades escutistas

(jogos, raids, acampamentos,...) que o adulto conhece melhor os seus elementos e pode tentar ajudá-los no seu desenvolvimento.

“É no acampamento, que o Chefe tem a melhor oportunidade para observar e descobrir as características individuais de cada um dos seus jovens, e depois orientá-las devidamente no seu desenvolvimento; ao mesmo tempo, que os jovens adquirem as qualidades formativas do carácter, inerentes à vida do acampamento, onde a disciplina, o desembaraço, o engenho, a confiança em si próprio, a habilidade manual, a arte da canoagem, o sentido de camaradagem, os conhecimentos da Natureza, etc., todos podem ser absorvidos, sob a direcção alegre e compreensiva do Chefe inteligente e amigo” (Powell, 2003: 56).

O educador deve caminhar a par da criança abrindo-lhe as portas do conhecimento, permitindo-lhe através destas que o educando aprenda a descobrir o mundo que o rodeia e construa o seu saber. Proporcionando momentos favoráveis à realização de jogos, danças, teatro, construções, acampamentos, serviço aos outros. “O Escutismo quer partir das aspirações profundas das crianças, para as levar a viver experiências onde se descubram a si próprias. O Educador deve viver esta aventura com as crianças, para melhor lhes poder revelar o seu sentido” (Equipa Nacional dos “Scouts de France”, 2003: 14).

Neste movimento o educador dá a possibilidade a cada escuteiro de desempenhar uma função, ser responsável por uma tarefa, desenvolvendo-lhes a autonomia e responsabilidade.

“(…) Mostrar-lhe por factos, que o considera um ser responsável, encarregando-o de uma função temporária ou permanente, e esperar que ele desempenhe fielmente essa função. Não estejais sempre em cima dele para ver como o faz; deixai que o faça à sua maneira (...) A confiança deve ser a base de toda a nossa formação moral” (Powell, 2003: 54).

O escutismo procura formar crianças e jovens a privilegiarem a incerteza e a dúvida, isto é, que tenham um sentido crítico e que se questionem sobre as certezas que são, por vezes, dadas como adquiridas. Por este motivo deve desenvolver-se na criança uma dinâmica de curiosidade não só do saber como do querer saber. É possível verificar que os valores deste movimento são vivos e actuais porque dão resposta ao sonho, à imaginação e à sede de aprender das crianças e jovens de ontem, hoje e de sempre.

Para o fundador do escutismo o dirigente deve ser um “homem-rapaz”, isto é: “Deve possuir em si o espírito de um jovem: precisa de colocar-se espontaneamente ao mesmo nível dos jovens, com quem contacta. Deve compreender os principais traços psicológicos das diferentes fases da vida de um jovem. Deve ter em atenção cada um dos jovens indi-

vidualmente, do que do conjunto. Deve desenvolver entre os jovens um espírito de unidade, para alcançar os melhores resultados” (Powell, 2003: 15).

*

É possível afirmar que o educador escutista (dirigente) assemelha-se ao professor da Escola Nova. Ambos valorizam cada criança, procurando responder às necessidades da mesma, sendo um amigo/“irmão mais velho”. As crianças e jovens têm consciência do apoio de um adulto que está presente e disponível para os ajudar sempre que necessário. A relação adulto-criança é baseada na afectividade, no respeito, na cooperação e compreensão.

A escola e o escutismo têm procurado ao longo do tempo evoluir, transformando o educador muitas vezes autoritário, temido e insensível às necessidades do educando num professor/dirigente atento e compreensivo. Contudo, ainda é provável que existam professores nas escolas actuais que usem o excesso de autoridade, que se baseiem no ensino ainda tradicional de transmissão de conhecimentos e não na aprendizagem activa através da experiência, do contacto directo com o meio, das vivências dos educandos. Esses professores (ainda tradicionais) não permitem a auto-aprendizagem, nem possibilitam que os alunos desenvolvam o gosto pela escola mas sim o medo da mesma. Também dentro do escutismo, é possível que existam dirigentes que confundem a autoridade com autoritarismo, que procuram impor as suas vontades e ensinamentos e não permitem a auto-educação das crianças e jovens, tornando-se não no “irmão mais velho”, mas sim num “professor tradicional” dentro do escutismo. Contudo, é de salientar o esforço que tem sido feito tanto no ensino escolar como no movimento escutista em formar os educadores, desenvolvendo-lhes um valor essencial: o respeito pelos educandos.

Pode-se considerar que a primeira premissa para se ser um “bom” professor ou dirigente é a “vocação”; isto é, apesar da necessária formação prática e teórica é fundamental que o educador tenha o gosto e paixão por educar. O professor/dirigente tem a obrigação de se questionar sistematicamente e de analisar os seus métodos, procurando, desta forma, acompanhar as necessidades e dinâmicas educativas das crianças e jovens. De forma alguma, se pode encarar o educando como um simples receptor de conhecimentos e práticas, mas sim permitir que este descubra o interesse pelos mesmos. Deve estimular a

curiosidade de cada um dos seus alunos/escuteiros, procurando que se questionem a si próprios e aos outros.

Os ideais do escutismo e da educação escolar só poderão ser atingidos na sua plenitude se o educador ultrapassar os “fantasmas” de uma educação imposta e procurar desempenhar da melhor forma o seu papel no percurso educacional das crianças e jovens. São os educadores que poderão transformar a escola/escutismo em locais aprazíveis onde aprender não seja um pesadelo, mas sim a uma descoberta constante de novas realidades.

“Os educadores, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim, todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, mas sim por seres humanos” (Cury, 2005: 67).

Conclusão: um desafio

A educação integral é aquela que tem como finalidade o desenvolvimento harmonioso do educando, isto é, assente nos quatro pilares da educação defendidos pela UNESCO: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser, constituindo este último pilar o eixo dinâmico de todo o processo educativo ao longo da vida em que o *aprender a ser* é um permanente *aprender a tornar-se* (mais e melhor humano) e o aprender se torna num pessoal e específico *aprender a aprender*.

A educação deve procurar promover a auto-estima do jovem, a sua capacidade crítica e auto-crítica, levando a que este prolongue o seu olhar para o meio socio-económico e cultural que o rodeia. Procurando descobrir o seu mundo e novos horizontes. Compete ao educador privilegiar o contacto com a natureza, a descoberta das capacidades intelectuais e manuais dos jovens interligando sempre que possível a teoria à prática.

Educar vai muito para além do simples acto de instruir, o educador deve ter sempre em conta as necessidades e dinâmicas do educando em encontrar os métodos pedagógicos que se coadunem com as necessidades educativas destes.

O educador escutista necessita antes de mais de ter presente que já foi uma criança/jovem escuteiro, ou seja, apesar de lhe ser exigido respeito, autoridade e seriedade, deve-lhe igualmente ser exigida a tolerância e a humildade, por forma a ser visto não só como um dirigente e irmão mais velho, mas como um igual.

Só assim poderá estar numa posição privilegiada que lhe permita abrir pistas para a descoberta do conhecimento e receber em troca o respeito, na verdadeira assunção da palavra que lhe é devido, não por representar uma figura de autoridade, mas sim de entrega total aos jovens que estão a seu cargo.

De forma análoga, o professor tradicional que encerra alguma dose de autoritarismo sempre foi criticado por uns e defendido por outros, que consideram essa a única forma de ganhar o respeito e atenção dos alunos. O que não significa que o professor se deva colocar numa posição de *laissez-faire* e ser permissivo em tudo. Na verdade, acreditamos que a escola tem de ser um local aprazível e isso só se consegue com os momentos em que o educador interioriza os anseios, as pequenas histórias e aventuras que os alunos queiram partilhar, porque estes momentos não podem ser vistos como pequenos nada, mas sim como grandes feitos do seu imaginário.

A importância e a força do movimento escutista vê-se na força como está presente em todo o mundo. Baden-Powell procurou criar um movimento capaz de responder às necessidades dos jovens através da simplicidade aliada a alguma disciplina e rigor, de forma a que estes através do contacto com a natureza encontrassem um equilíbrio espiritual que lhes permitisse serem defensores acérrimos de um Homem Novo, um Homem que respeita o meio ambiente, que é solidário, que se supera na procura constante de respostas que tornem este mundo e esta sociedade mais harmoniosa e mais fraterna. São estes valores que se encontram difundidos nos quatro cantos do mundo provando a vitalidade e a capacidade de renovação deste movimento.

Numa era de globalização do mundo, a pedagogia escutista é uma ferramenta privilegiada para dar resposta às necessidades da sociedade e, em particular, dos jovens, em que cada um deles será responsável pelo seu próprio desenvolvimento e tem a possibilidade de se tornar num adulto responsável, crítico e atento aos problemas que afectam a sociedade, permitindo-lhe desempenhar um papel activo e ser um agente influente e transformador na comunidade. Parafraseando Ignacio Ramonet “Cada um constata que a incerteza se tornou única certeza” (in World Scout Bureau, 1996: 3), mas no que concerne ao movimento escutista é que num mundo de incertezas sociais, económicas e ambientais, o escutismo tem sido, é e, certamente, será um bem necessário que nos liga à terra, às nossas origens e a todos os que nos rodeiam e acreditamos que as pequenas mudanças que possamos influir num dado momento contribuem para a criação de uma sociedade mais igualitária em direitos e mais fraterna.

O escutismo identifica-se em grande parte com os princípios teóricos e programáticos da Escola Nova, em particular na aplicação prática do desenvolvimento pedagógico e educacional dos jovens; isto é, considera o aluno como um ser autónomo, capaz de se auto-educar e para quem o educador/dirigente é alguém que lhe dá as pistas e as ferramentas que lhe vão permitir e fomentar a curiosidade e a descoberta do saber. A escola não é um local fechado e hermético, mas sim um espaço aberto, de liberdade, de encontro com a natureza, a cultura e o meio socio-económico que a rodeia.

O escutismo encara o jovem como uma pequena célula de um grande corpo que é a Humanidade, a sua importância individual tem mais significado se estiver ao serviço da sociedade. Porventura uma pequena criança parte com bastante facilidade uma simples cana, mas o mais forte dos homens terá dificuldade em partir essa cana se estiver entrelaçada num molho com muitas outras. É evidente que partindo deste princípio, o escutis-

mo é uma barreira eficaz ao cinzentismo, a algum egoísmo que pode prevalecer na sociedade de hoje.

O movimento escutista procura e tem vindo a procurar ao longo deste primeiro século que as crianças e jovens aprendam a conviver uns com os outros e a viver com a natureza e da natureza. A descoberta das “mãos” e da imaginação como instrumento essencial à aprendizagem, a construção com os meios mais simples e rudimentares de uma mesa, cozinha ou pórtico, fazem com que o jovem escuta aprenda este conceito para o seu quotidiano e aprenda a relativizar certos bens ditos essenciais que o rodeiam.

O “eu” é a pedra angular do escutismo, o escuteiro apreende desde o início a sua importância, independentemente das tarefas que desempenha no grupo. A patrulha é o reflexo dos indivíduos que a constituem, por este motivo, desde muito jovens é-lhes atribuído responsabilidades e tarefas que irão permitir que cada um descubra o seu espaço e as suas capacidades e sinta necessidade de desenvolver as suas aptidões e conhecimentos de forma a contribuir para o desenvolvimento do grupo.

Baden-Powell ao idealizar este movimento após a I Guerra Mundial e do que observou enquanto exercia serviço militar, procurou desenvolver nos jovens quatro bases: carácter, saúde-e-vigor, habilidade manual e serviço aos outros (Powell, 2003a) que fariam deles homens e mulheres mais fraternos, dignos e solidários com o objectivo de se tornarem cidadãos mais livres, participativos, capazes de dar resposta às necessidades da comunidade.

O Escutismo teve sempre presente a importância do ambiente e da sua defesa, promovendo uma cidadania ambiental em que os jovens através da prática (acampamentos, limpeza das florestas, construções de ninhos, *raids*, inspecção costeira, entre outros), incentiva os escuteiros a utilizar os recursos que advêm da natureza para a sua sobrevivência, desta forma os jovens aprendem a respeitar a natureza e consciencializam-se de que são parte integrante da mesma. Por isso, cada escuta é um defensor activo do meio ambiente.

Após interiorizarmos a pedagogia escutista que durante cem anos acompanhou e acompanha o desenvolvimento de inúmeras crianças e jovens e cuja importância é valorizada e respeitada, podemos questionar-nos sobre a razão pela qual a escola não aproveita muitos dos meios utilizados no escutismo para a educação integral dos seus alunos.

A escola pode encontrar dentro do movimento escutista muitas respostas para o sucesso escolar e, principalmente, para o desenvolvimento harmonioso do futuro cidadão. Neste

sentido, o Sistema de Patrulhas poderá ser bem aplicado nas salas de aulas, já que uma turma poderá corresponder a um grupo (patrulha) que necessita de aprender a conviver e a respeitar-se, o responsável de turma/delegado poderá assemelhar-se ao Guia (desempenhar cargo de chefia semelhante) e o professor seguir, de certa forma, o exemplo do chefe escuta que é considerado um “irmão mais velho”, que é o exemplo que incentiva a auto-educação, apela à imaginação e autonomia. Contudo, não basta alterar as “designações”, é necessário desempenharem o verdadeiro sentido do Sistema de Patrulhas; isto é, exercerem diferentes tarefas, cargos (porque não ter um socorrista, um responsável pelo material, um tesoureiro... dentro da turma?), permitindo que os alunos realizem livremente as suas actividades, deixando-os aprender com os erros num ambiente de liberdade, responsabilidade e respeito. Podendo ser também implementado um Sistema de Insígnias que serviria de incentivo ao desenvolvimento individual e à constante especialização e aprendizagem.

É essencial estimular a autonomia realizando debates regularmente sobre diversos assuntos, constituir um “Tribunal de Honra do Grupo” e um “Conselho de Guias” (Conselho de Delegados), onde as crianças exponham as suas opiniões e tomem decisões; para além de existirem momentos de reflexão, teatros, cânticos, danças através de um “Fogo de Conselho”. Também a Boa Acção diária é facilmente introduzida na escola e aderida pelas crianças/jovens, que gostam de se sentir úteis e consciencializam-se da importância de auxiliar o próximo.

Seria fundamental à escola dispor de tempo (tardes) para os alunos realizarem actividades práticas (representação, cânticos/danças, exercício físico, trabalhos manuais), onde as crianças desenvolvam diferentes áreas, mas de forma dinâmica e motivadora. Nomeadamente nos trabalhos manuais terem a oportunidade de realizar actividades que ultrapassam o desenho, recorte e colagem; isto é, “cultura da terra, de frutos e de animais”; ter momentos em que possam cozinhar (e não apenas observar e ajudar o professor); construir utensílios; fazer exposições de diferentes colecções dos diversos alunos.

Se na escola existirem mais momentos lúdicos, jogos (em que as crianças aprendam a conviver, a respeitar regras, a aceitar o resultado, independentemente da vitória ou derrota), momentos livres em que os alunos possam dar largas à imaginação e escrever, pintar, modelar algo ao seu gosto, tornar-se-á mais atractiva e motivadora para as crianças. Porque não permitir que os alunos tenham pelo menos uma tarde por semana para saírem da escola e contactarem com a natureza? Realizando excursões a pé, observando o que a natureza oferece e respirar o ar puro e o sentimento de liberdade que nos transmi-

te; realizar *raids* com sinais de pista; possibilitar que se tornem cidadãos ambientais fazendo limpezas, construindo ninhos, fazendo trabalhos manuais (bijuteria, objectos decorativos,...) com materiais recolhidos na natureza ou materiais de desperdício. Usar uma dessas tardes por semana para conhecerem o meio cultural envolvente (visitar museus, sociedades culturais e humanitárias e outros locais de interesse). E dedicar alguns dias para se tornarem na “Escola dos Bosques” realizando um acampamento, onde possam aprofundar mais a vida em grupo, realizar construções, sinalização, corridas de obstáculos, seguir um imaginário (história) à sua escolha, simplesmente, viver ao ar livre.

A escola deve questionar-se e abrir-se a novos horizontes, procurando melhorar e tornar-se não uma obrigação para as crianças e jovens, mas sim um prazer. Por este motivo, seria bom que olhasse para a pedagogia escutista como um despertar para uma nova era da educação, uma educação mais atraente, motivadora, funcional e humana.

Na era da educação para todos, a pedagogia escutista lança o desafio do sucesso ao longo da vida para cada um: aprender a tornar-se feliz dia a dia, fazendo os outros felizes, construindo um mundo um pouco melhor, deixando uma Natureza melhor do que a encontrámos, aprendendo sempre a aprender mais e melhor com os outros.

Do testamento de Baden-Powell continua a ecoar o que é importante na educação:

**A felicidade não vem da riqueza,
nem simplesmente do êxito de uma carreira,
nem dos prazeres.**

**Um passo para a felicidade é serdes saudáveis e fortes enquanto sois rapazes,
para poderdes ser úteis e gozar a vida quando fordes homens.**

**O estudo da natureza mostrar-vos-á as coisas belas e maravilhosas
de que Deus encheu o mundo para vosso deleite.**

Contentai-vos com o que tendes e tirai dele o maior proveito que puderdes.

Vede sempre o lado melhor das coisas e não o pior.

**Mas o melhor meio para alcançar a felicidade
é contribuir para a felicidade dos outros.**

**Procurai deixar o mundo um pouco melhor do que o encontrastes
e, quando vos chegar a vez de morrer,**

**podeis morrer felizes sentindo que ao menos não desperdiçastes o tempo
e fizestes todo o possível por praticar o bem.**

Estai preparados desta maneira para viver e morrer felizes...

Baden Powell & Gilwell

Num ano em que se comemora o centenário deste movimento e simultaneamente os cento e cinquenta anos do nascimento de Baden-Powell, a atribuição do prémio Nobel da Paz ao escutismo em 2007 constituiria, certamente, a melhor forma de se reconhecer esta aventura educativa e cidadã em prol da humanidade.

(Palhares, 2007)

Bibliografia

- ALMEIDA, Ana Rita Silva (1999). *A emoção na sala de aula*. São Paulo: Papyrus Editora.
- ALMEIDA, Paulo Nunes de (1998). *Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos*. 9ª edição. São Paulo: Edições Loyola.
- ALVES, Fernando Louro; Caeiro, Sandra (1998). *Educação ambiental*. Lisboa: Universidade Aberta.
- ASSISTÊNCIA NACIONAL (concepção geral) (2003). *Mística e simbologia do C.N.E*. Lisboa: C.N.E.
- BASTIN, Robert (1980). *Baden-Powell cidadão do mundo*. 2ª ed. Lisboa: C.N.E.
- BRECHT, Bertolt (s/d). *Poemas*. Lisboa: Editorial Presença.
- CNE (1991). *ALAIII*. Revisão e Coordenação do Departamento Nacional da I Secção. 2ª ed. C.N.E. (orig.: *Meute, Meute, Meute*)
- COUSINET, Roger (1978). *A educação nova*. Lisboa: Moraes Editores.
- CURY, Augusto (2005). *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Cascais: Pergaminho.
- DELORS, Jacques et al. (1996). *Educação: um tesouro a descobrir*. Rio Tinto: ASA.
- EQUIPA NACIONAL DOS "SCOUTS DE FRANCE" (2003). *Baden-Powell Hoje*. 3ª ed. Departamento Nacional de Publicações. (orig.: *Baden-Powell Aujourd'hui*)
- FAURE, Edgar et al. (1974). *Aprender a ser*. Lisboa: Bertrand. (orig.: *Apprendre à être*. Paris: Unesco-Fayard. / *Learning To Be*. Paris: Unesco-Fayard, 1972.)
- FEDERATION DES SCOUTS CATHOLIQUES (1994). *Basta passar a ponte*. Lisboa: C.N.E. (orig.: *Il suffit de passer le pont*)
- FIGUEIREDO, Ilda (1999). *Educar para a cidadania*. Rio Tinto: Edições ASA.
- FONSECA, António Manuel (2001). *Educar para a cidadania: motivações, princípios e metodologias*. Porto: Porto Editora.
- FORESTIER, M. D. (1993). *Pela educação à liberdade: um caminho – O escutismo*. C.N.E. (orig.: *Scoutisme, route de liberté*)

- GOMES LUÍS, Luísa. Guias e Escuteiros: contribuir para um mundo melhor. *Pais & Filhos*. Lisboa. nº 124. (Maio 2001), 88-92.
- HUTCHISON, David (2000). *Educação ecológica: idéias sobre consciência ambiental*. Porto Alegre: Artimed Editora. (orig.: *Growing Up Green – Education for Ecological Renewal*, 1998).
- LEITE, Carlinda; Rodrigues, Maria de Lurdes (2001). *Jogos e contos numa educação para a cidadania*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- LIMAS, Conceição Maria Patarrana (1994). *Ser professor: um desafio para o terceiro milénio*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação na Especialidade de Ativação do Desenvolvimento Psicológico. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- LOUREIRO, João Evangelista (s/d). *O escutismo e o método pedagógico de Baden-Powell*. Lourenço Marques: Junta Regional de Lourenço Marques.
- MANA, Carlos (2000). *Metodologia educativa da I Secção – Lobitos*. C.N.E.
- MARTINS, Guilherme d' Oliveira (1991). *Escola de cidadãos*. Lisboa: Editorial Fragmentos.
- MARUJO, António; MISSONI, Eduardo. Um escuteiro pouco Mirim. *Público* (caderno P2). Nº 6233 (23 de Abril de 2007), 6-7.
- MEIRELES-COELHO, Carlos (2005a). *Educação contemporânea*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- MEIRELES-COELHO, Carlos (2005b). *Educação na era da globalização*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- MEIRELES-COELHO, Carlos; RODRIGUES, Abel (2006). Para uma análise da escola nova de Faria de Vasconcelos (1880-1939). *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*. Uberlândia (Brasil): Universidade Federal de Uberlândia, 4959-4970.
- NOGUEIRA, Conceição; Silva, Isabel (2001). *Cidadania: construção de novas práticas em contexto educativo*. 3ª Edição. Rio Tinto: Asa.
- OCDE (1992). *A ecologia e a escola*. Rio Tinto: Asa. (orig.: *Environment, École et Pédagogie Active*)

- OLIVEIRA, Luís Filipe (1995). *A educação ambiental: Guia prático para professores, monitores e animadores culturais e de tempos livres*. 5ª ed. Lisboa: Texto Editora.
- OPIE, Frank (2004). *Escuteiro global: um escutismo para a natureza e o ambiente*. C.N.E.
- PALHARES, José Augusto (2007). *Baden-Powell e o projecto educativo do Escutismo*. 22-02-2007: http://www.agencia.ecclesia.pt/noticia_all.asp?noticiaid=43095&seccaoid=4&tipoid=43
http://site2.caleidoscopio.online.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=386&Itemid=115 (04-05-2007).
- PHILIPPS, Roland (2004). *O sistema de patrulhas*. C.N.E. (orig.: *The Patrol System*)
- PINTASSILGO, Joaquim (1998). *República e formação de cidadãos: a educação cívica nas escolas primárias da Primeira República Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri.
- POWELL, BADEN (1908). *Escutismo para rapazes: manual de educação cívica pela vida ao ar livre*. 6ª Edição. Lisboa: C.N.E. (orig.: *Scouting for Boys*)
- POWELL, BADEN (2001). *As mil e uma actividades para os escuteiros*. 2ª ed. C.N.E. (orig.: *What Scouts Can Do: More Yarns*)
- POWELL, BADEN (2002). *A educação pelo amor substituindo a educação pelo temor*. C.N.E. (1923).
- POWELL, BADEN (2003a). *Auxiliar do chefe escuta*. C.N.E. Lisboa. (orig.: *Aids to scoutmastership*, 1919.)
- POWELL, BADEN (2003b). *Manual do lobito*. C.N.E. (orig.: *The Wolf Cub's Handbook*)
- POWELL, BADEN (2004). *A caminho do triunfo*. C.N.E. Lisboa. (orig.: *Rovering To Success*, 1920)
- QUADROS DA FORMAÇÃO DA FÉDERATION DES SCOUTS CATHOLIQUES (2001). *A pedagogia do projecto*. C.N.E. (orig.: *Une Pédagogie de Projets*)
- RESWEBER, Jean-Paul (1988). *Pedagogias novas*. Lisboa: Editorial Teorema.
- RODRIGUES, Orlando Gaspar (2003). *A formação cívica no âmbito da educação para a cidadania em contexto escolar*. Dissertação de Mestrado em Administração e Planificação da Educação. Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique.
- SICA, Mário (1986). *O rasto do fundador Baden-Powell*. Lisboa: C.N.E. (orig.: *Footsteps of the Founder*, 1981)

- SILVA, Ezequiel Theodoro da (1991). *O professor e o combate à alienação imposta*. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora.
- TAVARES, António (1979). *A motivação na escola activa*. Lisboa: Didáctica Editora.
- TRANSCRIÇÃO DE DIVERSAS PUBLICAÇÕES (2004). *Coeducação*. 2ª ed. C.N.E.
- UZZEL, David; et al. (1998). *As crianças como agentes de mudança ambiental*. Porto: Campo das Letras Editores. (orig.: *Children as Catalysts of Environmental Change*)
- VASCONCELOS, FARIA DE (1915). *Une école nouvelle en Belgique. Obras Completas. II : 1915-1920*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- VEIGA, Américo Martins (2003). *A educação hoje: a realização integral e feliz da pessoa humana*. 6ª Edição. Vila Nova de Gaia: Editorial Perpétuo Socorro.
- Vicente, Ana Cláudia da Silva Dias (2004). *A introdução do escutismo em Portugal: 1911-1942*. Dissertação (Mestrado em História Social Contemporânea). Lisboa: ISCTE.
- VILA NOVA, Elisa (1999). *Educação para o ambiente: projectos para a área-escola*. 2ª ed. Lisboa: Texto Editora.
- WORLD Scout Bureau (1996). *Tendências no mundo de hoje: como afectam a juventude*. C.N.E. Lisboa.
- WORLD Scout Bureau (2001). *Ideias para animadores: escutismo na prática*. Lisboa: C.N.E. (orig.: *Ideas for Scout Leaders – Scouting in Practice*)

Web:

<http://www.cne-escutismo.pt> Acedido em 31/01/2006.

<http://www.agpquidismo.com> Acedido em 31/01/2006.

<http://www.cne-escutismo.pt/carta.htm> Acedido em 03/02/2006.

<http://www.escotismo.net/escotismo-e.html> Acedido em 02/02/2006.

<http://www.escotismo.net/objectivos.html> Acedido em 02/02/2006.

<http://pep.cne-escutismo.pt> Acedido em 19/08/2006

http://site2.caleidoscopio.online.pt/index.php?option=com_remository&Itemid=64&func=stardown&id=167 Acedido em 04/04/2007